

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE TEXTOS

Plutarco

OBRAS MORAIS
No Banquete - I
Livros I-IV

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS

CARLOS A. MARTINS DE JESUS

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

MARTINHO SOARES

RODOLFO LOPES

COORDENAÇÃO: JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

(Página deixada propositadamente em branco)

Volume integrado no projecto
Plutarco e os fundamentos da identidade europeia
e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Investigador responsável pelo projecto: Delfim Ferreira Leão.

Plutarco

Obras Morais
No Banquete - I
Livros I-IV

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE

CARLOS DE JESUS

Universidade de Coimbra

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

Universidade de Coimbra

MARTINHO SOARES

Universidade de Coimbra

RODOLFO LOPES

Universidade de Coimbra

COORDENAÇÃO

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Universidade de Coimbra

AUTOR: PLUTARCO
TÍTULO: OBRAS MORAIS. NO BANQUETE
TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS: CARLOS DE JESUS, JOSÉ LUÍS
BRANDÃO, MARTINHO SOARES, RODOLFO LOPES
EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
Imprensa da Universidade de Coimbra
EDIÇÃO: 1ª / 2008
CONCEPÇÃO GRÁFICA: RODOLFO LOPES

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS
TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733
3000-447 COIMBRA

ISBN: 978-989-8281-06-7
ISBN Digital: 978-989-721-057-0
DOI: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-057-0>
DEPÓSITO LEGAL: 282469/08

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MEMBRO DA CEFCA E DA FCT/MCT



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

SoPlutarco
Sociedade Portuguesa de Plutarco

POCI/2010

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO GERAL	11
FRAGMENTOS: EDIÇÕES E RESPECTIVAS SIGLAS	27
<i>No BANQUETE</i>	
LIVRO I (Introdução, tradução e notas de Rodolfo Lopes)	
INTRODUÇÃO	33
TRADUÇÃO	41
LIVRO II (Introdução, tradução e notas de José Luís Brandão)	
INTRODUÇÃO	89
TRADUÇÃO	97
LIVRO III (Introdução, tradução e notas de Martinho Soares)	
INTRODUÇÃO	145
TRADUÇÃO	157
LIVRO IV (Introdução, tradução e notas de Carlos de Jesus)	
INTRODUÇÃO	201
TRADUÇÃO	211
BIBLIOGRAFIA	253

PREFÁCIO

O título grego da obra de Plutarco *Symposiaká* – que em latim surge como *Quaestiones Convivales* – aparece vertido, nesta tradução portuguesa, por *No Banquete*. Pensámos em *Conversas à Mesa*, mais próximo do título latino, ou simplesmente *À Mesa*; pensámos também em *Questões de Banquete* ou até *Coisas de Banquete* que mantinham o hábito luso de traduzir o termo *Sympósion* das obras de Platão e de Xenofonte – naturalmente parte importante do baú cultural de Plutarco, ao compor o seu tratado. Acabámos, porém, por optar pelo simplificado *No Banquete*, porque conciliava a referida tradição com uma formulação que nos parecia mais fiel ou adequada ao título neutro do tratado de Plutarco *Symposiaká*.

A tradução de *No Banquete* é obra conjunta, com intervenção de todos no texto definitivo. Não se esquece, é evidente, o trabalho individual de cada colaborador, que teve o encargo de realizar a primeira versão de um ou mais Livros: I – Rodolfo Lopes; II – José Luís Brandão; III – Martinho Soares; IV e VI – Carlos A. Martins de Jesus; V – Ândrea Seíça; VII – Ália Rodrigues; VIII – José Ribeiro Ferreira; IX – Ana Elias Pinheiro.

Serviu-nos de texto base para a tradução o da edição teubneriana, da autoria de C. Hubert (Plutarchus, *Moralia* IV, 1971), com raras excepções que vêm indicadas nas notas de rodapé.

O texto das *Quaestiones Convivales* é transmitido por treze manuscritos, de que é arquétipo o *Codex Vindobonensis*

Graecus 148 – um códice que tinha de início trinta e oito cadernos, mas de que se perdeu o trinta e cinco, correspondente às Questões 6-12 do último Livro, o IX. Daí que essas Questões não tenham chegado até nós, com excepção do início da 6 e do final da 12.

Em 1509, Aldo Manúcio e Demétrio Ducas deram à estampa a *editio princeps* dos *Moralia* – e portanto também das *Quaestiones Convivales* – e, em 1542, uma nova ou segunda edição, realizada por Froben e saída em Basileia, que tinha em conta e incorporou correcções dos humanistas do Renascimento. Parece ter sido nessa edição que Amyot se apoiou para proceder à sua tradução, datada de 1572. A partir de então as edições e traduções sucederam-se, mas delas não curarei aqui para me não alongar¹.

Esta tradução portuguesa de *No Banquete* – que constará de dois volumes, o primeiro constituído por uma introdução geral e pelos Livros I-IV e o segundo pelos restantes cinco Livros – foi preparada de modo a fazer coincidir a sua publicação com o Congresso Internacional da Plutarchos International Society de 2008, que tem por tema **Philanthropia e Symposium em Plutarco** e se realiza em Coimbra de 23 a 27 de Setembro deste ano de 2008.

Coimbra, Agosto de 2008

José Ribeiro Ferreira

¹ Para mais informações sobre a história do texto de *No Banquete* vide F. Fuhrmann 1972: XXVII-XXXIV; Fr. Martín Garcia 1987: 36-40.

INTRODUÇÃO GERAL

As *Quaestiones Convivales* são a reprodução de uma série de conversas, reais ou fictícias, tidas à mesa, em banquetes, sobre os mais variados assuntos, fúteis ou mesmo frívolos uns, mais sérios outros. *No Banquete* integra-se assim no vasto grupo de obras de tema convivial que desde o século V a.C. começaram a aparecer e todas se perderam, com excepção das de Platão e Xenofonte¹. No tempo que medeia entre as obras de Platão e Xenofonte e a de Plutarco temos conhecimento de número significativo de autores e de composição de textos de literatura simposíaca, como Aristóxeno de Tarento, Perseu, Dídimo, de que nos chegaram escassos fragmentos que, no entanto, parecem permitir-nos deduzir muitas coincidências com a obra de Plutarco.

Não são poucos os que estabelecem mesmo uma dependência de uma fonte concreta para *No Banquete*. Defendem uns a inspiração do *Banquete* de Xenofonte, como é o caso de J. Martin: em sua opinião, haveria na obra de Plutarco duas séries de quatro livros – correspondendo cada grupo de quatro aos dos *Memoráveis* – com o IX a exercer o papel do *Banquete* de Xenofonte. Outros, apesar de reconhecerem alguns pontos de contacto, sempre em aspectos formais e irrelevantes, não conseguem encontrar influência de Xenofonte, dada a diferença de estrutura de um e de outro: o de Xenofonte

¹ Sobre o assunto vide A. E. Pinheiro 2004.

não é constituído por Questões, mas apresenta Sócrates a fazer perguntas e a pôr objecções. A composição de *No Banquete* parece ter antes relação mais estreita com o *Banquete* de Platão, o guia de Plutarco, tanto no aspecto formal, como no domínio conceptual – e até mesmo no que respeita à ordem de intervenção das figuras e das suas falas, à disposição da argumentação.²

Talvez Plutarco tenha pretendido, com a composição de *No Banquete* – obra da maturidade, possivelmente das últimas que escreveu –, de certo modo imitar Platão, uma espécie de homenagem do fim da vida ao seu mestre da Academia. E precisamente em *No Banquete* encontramos doutrinas que foram da chancela de Platão ou encontraram acolhimento na sua obra, como a teoria dos contrários ou dos pares antitéticos.

Considera Abramowiczówna que Plutarco é reflexo da opinião dos homens cultos da altura e que, na composição de *No Banquete*, segue Platão em questões puramente filosóficas, enquanto em assuntos científicos recorre a Aristóteles³.

No entanto, se Plutarco se baseia e inspira em Aristóteles em aspectos que considera autênticos, sobretudo no que respeita aos temas, em muitos dos passos em que o menciona é para o ampliar, para o contestar, muito raramente para lhe dar razão. É afinal o discípulo de Platão e da Academia que se manifesta e defende o essencial das suas doutrinas e critica de forma

² Vide Fr. Martín Garcia 1987: 17-19.

³ Z. Abramowiczówna 1962: 88.

sistemática as doutrinas de Epicuro, seguidor de Demócrito, também alvo da crítica de Platão⁴.

Já para H. Bolkestein, Plutarco, ao compor as *Quaestiones Convivales*, pretendeu escrever um livro variado que, com coerência, ensinasse e deleitasse⁵.

Apesar da mais que natural homenagem de discípulo a Platão, apesar também das tentativas de aproximação de Xenofonte e de Aristóteles, não me parece de descurar a hipótese de que *No Banquete* possa ter como modelo algum dos tratados e diálogos da matéria convivial ou até colhido os dados em vários deles. Género literário bem conhecido, Plutarco teria lido e manuseado de certeza essas obras. Infelizmente os fragmentos que delas chegaram até nós são escassos e exíguos, o que não possibilita uma filiação segura.

As conversas de *No Banquete* estendem-se por nove Livros, cada um deles com dez questões ou temas propostos para discussão e debatidos durante o convívio. Exceptuam-se o Livro IV, em que os quatro últimos problemas (7-10) apenas aparecem enunciados, sem o subsequente e normal tratamento; e do Livro IX que se alonga por dezasseis questões, mas cinco delas, da sétima à décima primeira, apresentam apenas a indicação do título e assunto, sem qualquer desenvolvimento.

Formalmente, as conversas de *No Banquete* apresentam, todas elas, uma estrutura que lhes transmite unidade; muitas começam com informações sobre o lugar e

⁴ Vide Fr. Martín Garcia 1987: 28-33.

⁵ H. Bolkestein 1946: 43.

data do banquete em que se deu a discussão; o cenário é geralmente bem caracterizado⁶; indicação das personagens pela ordem em que intervêm, a cada passo com especificação da profissão e escola filosófica a que pertencem. Apesar disso, há no seu desenvolvimento e no modo como decorrem certa heterogeneidade: umas decorrem em forma dialogada; outras são meros monólogos, por vezes longos; outras ainda apresentam estrutura mista.

As personagens de *No Banquete* de Plutarco – cujo número é elevado, ao contrário do que acontece em Platão, se bem que dentro da mesma Questão não utilize mais de três ou quatro – encontram-se de modo geral bem caracterizadas, com excepção das que pertencem ao grupo familiar ou círculo de amigos de Plutarco que, por sistema, não é feita ou se encontra apenas esboçada. E não é raro encontrarmos estrangeiros entre essas personagens (em trinta e nove das Questões).

Observa Fr. Martín Garcia (1987: 12-14) que as intervenções das personagens podem suceder-se por uma ou mais sequências: começa pela exposição de opiniões comuns ou extremistas, por teorias científicas e filosóficas, por doutrinas defendidas por gramáticos ou retores, por representantes de escolas filosóficas, pelo próprio Plutarco ou algum familiar e amigo. Se essa

⁶ Há todavia algumas excepções ou lapsos. Por exemplo, nas Questões 9 e 10 do Livro VII parece haver nítida contradição, já que conversa decorre calma em 9 e no início da Questão 10 se fala de diálogos ruidosos. Desconexão mais flagrante se verifica entre I. 2 – em que o anfitrião é Tímon, neto de Lâmprias e irmão de Plutarco – e VI. 5, em que o mesmo Lâmprias acusa o filho e não o neto de organizar um banquete sem ordem.

primeira sequência não resolve a Questão é introduzida uma outra personagem – de modo geral familiares de Plutarco ou com convicções idênticas às suas – para rebater as doutrinas expostas. Por vezes recorre-se a terceira e rara série de intervenções, e esporadicamente ainda a uma quarta.

As Questões versam os assuntos mais variados e parece não existir o plano de organização dos Livros por temas ou assuntos relacionados. E digo ‘parece’, porque há um ou outro que dá a impressão de privilegiar matérias que de algum modo se relacionam. É o caso do I e do IX. Dou, a título elucidativo, alguns exemplos de assuntos de Questões: «A razão de a roupa se lavar melhor na água do rio do que na do mar», que é a questão 9 do Livro I (626E sqq.); «Porque há mais apetite no Outono», questão 2 do Livro II (635A sqq.); «Se foi a galinha ou o ovo a existir primeiro», questão 3 do Livro II (635E sqq.); «Se o temperamento das mulheres é mais frio ou mais quente do que o dos homens», discussão 4 do Livro III (650E sqq.); «Sobre o momento mais adequado para as relações sexuais», que constitui o debate 6 do Livro III (653B sqq.); «Porque é que o vinho doce não embriaga», discussão 7 do mesmo Livro (655E sqq.).

Se várias dessas Questões apresentam tema que consideramos fútil e que quase parecem ser mero exercício retórico e terem por único objectivo apenas entreter o tempo – ou então talvez uma via para criticar determinadas escolas e doutrinas filosóficas – boa parte delas trata de assunto mais sério como “Se se deve filosofar

durante o banquete” (I.1), “Que carácter deve ter o simposiarco?” (I.4), “Porque se diz que «Eros ensina a ser poeta?»” (I.5). Bastam estas três Questões do Livro I e algumas das que especifiquei acima para mostrar a variedade dos assuntos tratados em *No Banquete*, a sua seriedade e interesse da maioria deles. Podem versar temas de ciências naturais e medicina – ocupam praticamente um terço das Questões. Podem abordar problemas de âmbito gramatical e filológico, matéria relacionada com a História; falar de ainda assuntos astronómicos, psicológicos, poéticos, mitológicos, musicais; ou discutir mesmo a ordem e organização dos banquetes.

De qualquer modo, ao longo dessas noventa e seis conversas encontramos especificados ou mesmo explicitamente propostos muitos dos valores que informam o pensamento de Plutarco e são defendidos na sua obra: frugalidade, simplicidade, honestidade, diligência, temperança, autodomínio, coragem, integridade, justiça, amor à pátria e amor à liberdade. Este conjunto de qualidades pode ser agrupado nas seguintes quatro virtudes principais: coragem (*andreia*), inteligência (*phronesis*), justiça (*dikaiosyne*) e autodomínio (*sophrosyne*)⁷.

Já tratado o tema em outro estudo⁸, apenas pretendo sublinhar aqui que Plutarco, ao propor esse conjunto de virtudes – cuja presença nos seus biografados

⁷ Apoia este número de quatro virtudes principais a recomendação de Plutarco no *De audiendis poetis* (30D) para que se ensine aos jovens a *andreia*, a *sophrosyne*, a *dikaiosyne* e a *phronesis*. Sobre esta última cita até a opinião de Homero que a considera a «qualidade mais adequada a um deus e a um rei» (32A).

⁸ Vide J. Ribeiro Ferreira 2008: 97-118.

exalta e cuja falta crítica –, está a pensar num ideal grego – ou melhor greco-romano, já que, homem integrado no império romano, tem consciência de que Hélade e Roma formavam um todo cultural. Se defende ideal essencialmente grego – e que transparece em muitos dos seus heróis, através de virtudes por eles praticadas –, os valores impregnaram profundamente a cultura romana, até construírem uma cultura homogénea. E muitas vezes os biografados romanos suplantam os gregos no culto dessas virtudes. Plutarco via, e sentia, que o império romano era o ambiente adequado, o garante dessa cultura greco-romana que se foi formando e expandindo aos poucos. Aliás ele próprio ajudou-a a cimentar definitivamente, ao aproximar por sistema a biografia de um romano da de um grego, exaltando as qualidades e virtudes de um e de outro e denunciando os defeitos.

É conhecido o famoso passo das *Epístolas* (2.1. 156-157), em que Horácio reconhece explicitamente a influência cultural da Hélade em Roma e que esta, conquistadora, recebeu muitos dos valores da primeira: «A Grécia conquistada conquistou o fero vencedor e as artes / introduziu no rude Lácio». E também Plutarco corrobora e sublinha essa atracção sobre os Romanos, como sugere, entre outros exemplos, o seguinte significativo passo da *Vida de Marcello*, onde, na apreciação das qualidades do estadista, a moderação e a humanidade se encontram ao mesmo nível do domínio e interesse pela cultura e literatura gregas (1.3):

Era moderado (*sôphron*), humano (*philánthropos*) e amante da cultura e literatura gregas, a ponto de honrar e admirar aqueles que as cultivavam com êxito, mas ele próprio, devido às suas ocupações, não as podia exercer e aprender quanto era seu desejo.

E um dos traços mais salientes e mais exaltados dessa cultura reside na doçura e humanidade – a característica doçura grega que, virtude de sociabilidade, de tolerância e de indulgência, atinge o ponto mais alto precisamente com Plutarco, segundo J. de Romilly (1979: 278, 328)⁹. Qualidade e tendência pessoal que se pode educar, a doçura comanda tudo, pode dizer-se, intervém em todos os aspectos da vida do herói de Plutarco – aparência, comportamento, modo de vida ou acções – e aparece como um ideal de vida essencialmente grego, que o próprio vocabulário traduz: *praotes* “mansidão”, “doçura”; *epieikeia* (ou o adjectivo *epieikeios*) que se aproxima de “igualdade” ou indulgência; *philanthropia* ou *philánthropos* “humanidade”¹⁰.

A *philanthropia* – que, ao contrário da *praotes* e da *epieikeia* (virtudes de carácter mais pessoal, impregnam o comportamento e manifestam contenção física), exprime uma qualidade que se volta para o exterior, para o convívio social, o contacto com os outros – é tema

⁹ A helenista francesa observa que essa doçura se aproxima da *clementia* romana, mas que com ela se não confunde, por ser mais ampla.

¹⁰ Os termos *praotes* (contabilizando as palavras da família) e *epieikeia* (ou o adjectivo *epieikeios*) aparecem mais de 100 vezes cada um; *philanthropia* e *philánthropos* são utilizados cerca de 50 vezes.

que apresenta relevo notório também em *No Banquete*, como procurei mostrar em estudo apresentado no Encontro da Rede de Plutarco, realizado em Lovaina¹¹. Cheguei à conclusão de que, nas *Quaestiones Convivales*, os termos *philanthropia* ou *philánthropos*, e outros que com estes se relacionam, significam ‘humanidade’, trato ‘humano’ ou ‘afável’¹²; exprimem uma qualidade que, virada para o exterior, para o convívio social, para o contacto com os outros, se dilata até abraçar a humanidade inteira. Com ligação indissociável à civilização e ao helenismo, traduz sociabilidade, um modo de viver agradável e educado com os amigos, que tende no campo das relações humanas para a *philia* (cf. *Vida de Alcibiades* 1.3; *Vida de Pompeu* 22.2)¹³, e, segundo as circunstâncias, pode tomar cores de amabilidade, de cortesia, de afabilidade, de gentileza, de hospitalidade, de bondade, de sociabilidade. Falhar no que respeita à humanidade é defeito que o adjectivo *apánthropos*, que encontramos em outros autores¹⁴, estigmatiza. Assim Plutarco opõe a *apanthropia* à *philanthropia*: um passo da *Vida de Díon* (7.5) refere que este, enfraquecendo a tirania, fê-la parecer humana (*philánthropos*),

¹¹ Vide J. Ribeiro Ferreira 2008^b: 87-97.

¹² É esse o sentido geral das ocorrências, se bem que, em passo relativo à prescrição atribuída a Pitágoras que proíbe o acolhimento de andorinhas em casa, o termo *philánthropos* surja com significado próximo do sentido etimológico: Plutarco estranha a prescrição (VIII. 7, 727C), por repelir ave tão inofensiva e humana ou ‘amiga dos homens’, colocando-a ao mesmo nível das rapaces, selvagens e assassinas.

¹³ H. Martin Jr. 1961: 164-175. Na p. 174, considera que a *philanthropia* é a virtude por excelência do homem civilizado.

¹⁴ E. g. Dionísio de Halicarnasso 6. 81; Apiano 7. 5. 28.

retirando-lhe o que tinha de ‘excessivamente inumano’ (*lían apánthropon*).

Talvez seja por essa razão que, para Plutarco, o herói não é um homem só, mas sempre um responsável por outros, um chefe que deve velar pela salvação do exército e do estado, cuja prudência protege e cuja resolução galvaniza os outros; que a *philanthropia* se aproxima da *dikaiosyne* – a virtude suprema nas *Vidas* – mas também, como já mostrei em estudo anterior, do que exprimem adjectivos como *demotikós* e *hellenikós* (“democrático” e “helénico”) e suas substantivações – ou seja cultura, afabilidade, humanidade, benevolência, sociabilidade¹⁵.

Plutarco é sensível a tudo o que é solidariedade humana. Segundo J. de Romilly (1979: 276), é o primeiro a usar o verbo *synanthropéo* “ser homem em conjunto”: um passo dos *Preceitos Políticos* (*Moralia* 823B) informa que Hérmon nunca foi importuno com os serviçais, nem sobressaía pelo luxo e sumptuosidade, mas procurava ser igual aos outros – no modo de vestir, no género de vida, na educação dos filhos, na indumentária da mulher – para ser igual aos outros ou ‘ser homem com os outros’ (*synanthropein*). Por outro lado, Plutarco, no tratado *Acerca do amor fraterno* (*Moralia* 479C), critica o carácter solitário (*aphilánthropos*): defende a necessidade de o homem procurar a amizade e a sociedade dos outros, já que, sem contrariar a natureza, ninguém pode viver sem amigos, sem relações de uns com os outros, solitário¹⁶.

¹⁵ Vide J. Ribeiro Ferreira 2008^a: 69-82.

¹⁶ Cf. ainda *Moralia* 1098D onde aparece a mesma censura ao *aphilánthropos*.

E a amizade e o amor são outro tema que Plutarco privilegia em *No Banquete*. Ao longo do tratado muitas são as referências que lhe faz, quer esteja em causa a pura amizade, quer se trate do amor entre homem e mulher, quer do homoerótico, quer se aluda a um sentimento mais platónico, quer a simples relações sexuais. Penso ter mostrado em comunicação apresentada no Simpósio de León sobre o amor em Plutarco que amor e amizade andam de mãos dadas, nas conversas e discussões da *Quaestiones Convivales*, como seria aliás natural. Com frequência as alusões são passageiras e surgidas a propósito dos mais diversos e alheios assuntos; outras vezes, porém, temos abordagens mais extensas. E não é raro que se diga que o banquete fomenta o amor e contribui para o surgir ou o fortalecer da amizade¹⁷.

Podíamos abordar também vários outros assuntos que a cada passo se intrometem nas discussões de *No Banquete*, como as normas de etiqueta no banquete, a colocação dos comensais (I. 2), o número de convidados (V. 5) e admissibilidade dos penduras que estes possam trazer (VII. 6). Ou a unidade que alma e corpo formam, tão estreita que quando algo atinge um deles também o outro fica afectado (III. 8, V. 7). Ou até a defesa de certo decoro e moderação nos banquetes, o que o leva a condenar os bailes frenéticos que afectam a parte racional da alma (VII. 5); a predilecção por banquetes em que a conversa decorre de forma agradável (V. 5 e 6, VII. 8) sobre assuntos variados, que podem incluir também os filosóficos (I. 1) e os políticos (VII. 10).

¹⁷ J. Ribeiro Ferreira 2007: 169-177.

Poderíamos ainda abordar várias doutrinas e teorias relativas a assuntos culturais e científicos: a sua teoria sobre a origem da língua em que se afirma como essencialista, de acordo com Platão, e critica os relativistas¹⁸. A sua recusa ou até ridicularização do saber vulgar: que não é a rémora a causa da lentidão da marcha de um barco, mas a danificação da quilha (II. 7); que as trufas não são produzidas pelos trovões, como é pensar comum, mas pelas águas quentes que os acompanham (IV. 2). Ou a denúncia das posições ‘empiristas’ dos cientistas: darem a primeira explicação que lhes ocorre; explicar as coisas de forma retorcida e complicada (IX. 3, IX. 5), como por exemplo (IX. 2) a teoria do gramático Protógenes sobre o *a* como primeira letra do alfabeto. Para Plutarco o cientista deve fornecer explicações gerais¹⁹. No domínio da ciência, a Natureza marca as suas regras e podemos detectar em *No Banquete* dois princípios: 1) o semelhante não afecta negativamente o semelhante, a não ser que se abuse; 2) uma coisa é afectada pelo seu oposto.

Nestes como em outros temas e doutrinas, Plutarco apresenta de modo geral, como observa Fr. Martín Garcia, um corpo homogéneo e coerente que procura explicar qualquer aspecto do saber humano²⁰.

Não é tarefa fácil – talvez até problema insolúvel – saber se as noventa e seis conversas que perfazem *No Banquete* alguma vez aconteceram na realidade ou são

¹⁸ Vide Fr. Martín Garcia 1987: 19-20.

¹⁹ Vide idem, 21-26.

²⁰ Vide idem, 27.

fictícias, quer na totalidade, quer em parte. Prova disso são as opiniões divergentes que sobre a matéria têm sido propostas: uns defendem a sua historicidade, com base nos dados precisos sobre os locais, as datas e as personagens que são fornecidos em muitos banquetes. Abramowiczówna e Ziegler vão ao ponto de afirmarem que essas informações mostram que Plutarco foi tomando notas das conversas que depois utilizou na redacção de *No Banquete*. Parece abonar a favor desta opinião o que Plutarco afirma na Introdução do Livro II (629D): que vai reproduzir as conversas como cada uma lhe veio à ideia²¹.

Outros não concordam com essa posição e defendem que, em contradição com as indicações precisas, deparamos com Questões em que não há qualquer alusão a locais e pessoas. Consideram por isso que Plutarco, para a composição dos *Symposiaká*, se baseou fundamentalmente em notas de leitura, se bem que não invalidem de todo a possibilidade de algumas dessas conversas ou discussões terem realmente acontecido²². E não esquecem de recordar a afirmação de Cícero na carta que remete a Varrão a dizer-lhe que não estranhe aparecer como interlocutor num diálogo que nunca existiu, já que essa é prática da época (*Ad Familiares* IX. 8).

Fr. Martín García toma uma posição intermédia: reconhece que nem tudo é autêntico, mas não deixa de

²¹ Z. Abramowiczówna 1962: 85 e 88; K. Ziegler 1951: 887.

²² Defendem esta posição, entre outros, U. von Willamowitz-Moellendorf, 1889: 24; J. Martin 1931: 173 sqq.; H. Bolkestein 1946: 45-46; Fr. Fuhrmann 1972: VIII sqq.

dar algum crédito ao já citado passo da Introdução do Livro II. Observa que nos *Symposiaká* se mistura, de forma indiscernível, um pouco de tudo: se não está ausente a recordação de «autênticas disputas de escola cujo denominador comum é a justificação de uma vida dedicada ao platonismo», reconhece também que «as conversações, pela sua estrutura rígida, nunca tiveram lugar como Plutarco as transmite, mas foram submetidas a profunda reelaboração»²³.

Aliás Fuhrmann, depois de fazer rápida crítica interna à obra, refere que essa análise é incapaz de fornecer a solução do problema, a não ser acentuar o carácter livresco das pretensas conversas de *No Banquete*: muitas citações de variados autores que o antecederam – por vezes mesmo longos passos e transcritos de forma textual – parece contradizer a autenticidade, por exigir que «os interlocutores possuam uma memória prodigiosa». Em sua opinião, portanto, estamos em presença «simplesmente de reminiscências literárias», de notas de leituras²⁴. Mais adiante Fuhrmann volta a sublinhar este carácter literário, ao referir que Plutarco apenas se limitou a tomar notas do que considerava interessante com vista a utilização futura e com base nesses apontamentos compõe depois as Questões de *No Banquete*, a cada passo sem discutir a fundo os temas ou até sem lhes dar uma solução²⁵.

José Ribeiro Ferreira

²³ Fr. Martín Garcia 1987: 34-35.

²⁴ Fr. Fuhrmann 1972: VII-XV.

²⁵ Idem, XXII-XXV.

FRAGMENTOS: EDIÇÕES E RESPECTIVAS SIGLAS

Aristóteles

Rose: V. Rose (1863), *Aristoteles Pseudepigraphus*. Lipsiae.

Calímaco

Pfeiffer: R. Pfeiffer (1965), *Fragmenta. Callimachus*. vol. I. Oxonii.

Comediógrafos gregos

K-A: R. Kassel e C. Austin (1983), *Poetae Comici Graeci*. Berlin.

Elegíacos e Iambógrafos

West: M. L. West (²1989-1992), *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum cantata*. 2 vols. Oxford.

Epicuro

Usener: H. Usener (1887), *Epicurea*. Leipzig.

Ésquilo

Radt: D. Radt (1985), *Tragicorum Graecorum Fragmenta* vol. 3 – *Aeschylus*. Göttingen.

Eurípides

Nauck²: A. Nauck (²1889), *Tragicorum Graecorum Fragmenta*. Leipzig.

Estóicos

von Arnim: H. von Arnim, (1902-1905), *Stoicorum Veterum Fragmenta*. 3 vols. Leipzig.

Hesíodo

M-W: R. Merkelbach e M. L. West (1967), *Fragmenta Hesiodica*. Oxford.

Jerónimo de Rodas

Werhli: F. Wehrli (1944-1959), *Die Schule des Aristoteles* I-IX. Basel.

Líricos, com excepção de Safo e Alceu

Diehl²: Diehl (1936-1942), *Anthologia Lyrica Graeca* I-II. Lipsiae.

Page: D. Page (1962), *Poetae Melici Graeci*. Oxford.

Logógrafos e historiadores

FGrHist.: F. Jacoby (1926-1958), *Die Fragmente der griechischen Historiker*. Leiden.

Píndaro

Snell-Maehler: B. Snell et H. Maehler (⁴1975), *Pindarus*. Pars II – *Fragmenta. Indices*. Leipzig.

Pitagóricos

D-K: H. Diels e W. Kranz (1951-1952), *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 vols. Berlin.

Pré-Socráticos

D-K: H. Diels e W. Kranz (1951-1952), *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 vols. Berlin.

Provérbios

Paroem. I.1.1: E. L. Leutsch e F. W. Schneidewin, edd. (1958), *Corpus Paroemiographorum Graecorum*. Hildesheim.

Safo e Alceu

Lobel-Page: E. Lobel e D. Page (1963), *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*. Oxford.

Sofista

Diels: H. Diels e W. Kranz (1951-1952), *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 3 vols. Berlin.

Sófocles

Radt: D. Radt (1977), *Tragicorum Graecorum Fragmenta* vol. 4 – *Sophocles*. Göttingen.

Trágicos menores

Snell: B. Snell (1971), *Tragicorum Graecorum Fragmenta* vol. 1 – *Diascaliae Tragicae, Catalogi Tragicorum et Tragoediarum Testimonia et Fragmenta Tragicorum Minorum*. Göttingen.

Kannicht-Snell: R. Kannicht e B. Snell (1981), *Tragicorum Graecorum Fragmenta* vol. 2 – *Fragmenta Adespota, Testimonia Volumini 1, Addenda, Índices ad Volumina 1 et 2*. Göttingen.

NO BANQUETE

LIVRO I

INTRODUÇÃO

O Livro I de *No Banquete* começa com um aspecto nuclear que define e configura toda a obra: a necessidade de se registrar as conversas que se tem durante a segunda parte de um banquete¹. Terão ou não essas conversas ocorrido na realidade, nem uma coisa nem outra podemos garantir, mas é certo que ainda que tenham sido poeticamente forjadas, são elas que estruturam o texto e, sobretudo, constituem por si só a sua finalidade. É logo no *Proémio* que Plutarco, ao dedicar a obra ao amigo Sósio Senecião, ao mesmo tempo que também a ele a justifica, refere que “é meritória a tarefa de registrar as conversas tidas no banquete durante a bebida”, à semelhança de outros autores que antes dele o fizeram, como Platão ou Xenofonte, cuja autoridade, mais do que simples precedente, é suficiente para também Plutarco empreender essa tarefa.

Do ponto de vista temático, o Livro I é bastante diversificado. A primeira de todas as questões, “Se se deve filosofar durante a bebida”, tem particular importância, na medida em que, mais do que um simples tema, a discussão da aceitação ou não da Filosofia no banquete tem um carácter marcadamente metaliterário, já que a própria obra tem uma estrutura filosófica e fundamenta-se em pressupostos

¹ Um banquete grego era dividido em duas partes distintas: na primeira – o *deipnon* – era servida a comida, enquanto que a segunda – o *symposion* – estava reservada para as sobremesas e para o vinho que, misturado com água, era bebido em conjunto (*symposion* significa, em sentido mais literal, “beber em conjunto”).

e autoridades também eles filosóficos. Ao escolhê-la para questão inaugural, Plutarco pretende desde logo clarificar o rumo que as discussões subseqüentes hão-de tomar; é que além de a Filosofia poder ser tema de conversa, desde que se atenha a “questões ligeiras” (614 E) e não enverede pela “força das demonstrações” (614 C), ela será principalmente um instrumento para apurar os mais diversos dados, como refere Cráton: “considero despropositado e nada inteligente privar das melhores discussões um momento tão fértil e manter afastada a Filosofia durante as alturas em que procuramos conclusões sobre as questões relacionadas com os banquetes, e qual será a virtude do conviva e que uso fazer do vinho” (613 C).

Quanto às restantes questões, os temas que nelas são abordados variam entre aspectos relacionados com a organização do próprio banquete: questões 2 (“Se o anfitrião deve, ele próprio, acomodar os convidados ou deixar que eles mesmos o façam”) e 4 (“Que tipo de carácter deve ter o simposiarca”); assuntos históricos e culturais: questões 3 (“Por que motivo de entre os lugares o chamado consular obteve honra”), 5 (“Porque se diz que «Eros ensina a ser poeta»”), 6 (“Sobre os excessos de Alexandre com a bebida”) e 10 (“Por que motivo em Atenas nunca classificavam em último lugar o coro da tribo Eântide”); e, finalmente, alguns aspectos relacionados com as ciências naturais, mas cujos pressupostos e metodologia muitas vezes se situam no âmbito do folclore: questões 7 (“Por que motivo os

anciãos preferem vinho puro.”), 8 (“Por que motivo os mais velhos lêem melhor ao longe.”) e 9 (“Por que motivo se lava melhor a roupa com água doce do que com a do mar”).

Finalmente, cumpre fazer uma breve referência aos intervenientes que participam no Livro I, que, ainda que possam ser considerados personagens de um enredo ficcional, têm um referente (sempre homónimo) na realidade histórica.

Entre os vários intervenientes, além do próprio Plutarco (Questões 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9 e 10) alguns pertencem ao seu círculo de amigos, à sua família e há também alguns desconhecidos, como já foi referido na *Introdução Geral*.

Amigos de Plutarco são Sósio Senecião (Questões 1 e 5), a pessoa a quem a obra é dedicada, que era amigo de Trajano e também desempenhou funções de cônsul; Téon (Questões 4 e 9), de quem pouco se diz; Filino (Questão 6), um amigo íntimo; colegas de estudos foram Temístocles (Questão 9) e o gramático Marco (Questão 10); Filopapo (Questão 10), um príncipe sírio que desempenhou funções políticas em Roma e na Grécia.

Quanto aos parentes, são eles os irmãos Tímon (Questões 2 e 3) e Lâmprias² (Questões 2, 3 e 8); Cráton (Questões 1 e 4), que seria o genro de Plutarco (*cf. infra* 620A) e o pai (Questões 2 e 3), cujo nome não é referido em lugar algum.

² Não confundir com o avô de Plutarco, cujo nome era também Lâmprias, que é citado na Questão 5 deste livro, mas só participa como interveniente no *Livro V* (Questões 5, 6, 8 e 9).

Desconhecidos são Aríston³ (Questão 1); Mílon (Questão 10) e Gláucias (Questão 10), um orador. Além destes, aparece no início de muitas questões a referência a “outros”, o que indicia a participação de intervenientes que permanecem anônimos.

Rodolfo Lopes

³ Embora possa ser identificado com um outro Aríston (*Moralia* 965C) a quem o pai de Plutarco chama *anepsios* (primo ou sobrinho), essa relação não passa de uma conjectura.

LIVRO I

PROÉMIO

612C

Há quem diga, Sócio Senecião¹, que o provérbio «odeio os ébrios de boa memória²» se refere aos anfitriões que se tornam insuportavelmente desagradáveis e inconvenientes na hora de beber. De facto, os Dórios na Sicília, segundo se pensa, chamavam ao anfitrião «o de boa memória». Há também quem pense que este provérbio aconselha a esquecer o que se diz e faz enquanto se bebe. É por isso que as tradições pátrias³ dedicam à divindade ao mesmo tempo o esquecimento e o nártex⁴, porque ou não se deve lembrar as asneiras cometidas durante a bebida ou então são merecedoras apenas de uma advertência ligeira e pueril. Visto que também tu consideras, de acordo com Eurípides⁵, que é

¹ Amigo de Plutarco a quem a obra *No Banquete* é dedicada.

² Fr. 84 Page.

³ Os Cultos Dionisíacos.

⁴ Espécie de cana que tanto era usada nos cultos dionisíacos como pelos pedagogos para advertir os discípulos; neste caso, Plutarco parece fundir os dois sentidos.

⁵ Vide Eurípides, *Orestes* 213.

sábio o esquecimento dos excessos, convém ter em conta que esquecer por completo o que acontece enquanto se bebe não só se opõe ao dito de fazer amigos à mesa, como também contradiz os testemunhos mais reputados dos filósofos, como Platão, Xenofonte, Aristóteles, Espeusipo, Epicuro, Prítanis, Jerónimo e Díon⁶ – o da Academia –, segundo os quais, é meritória a tarefa de registrar as conversas tidas no banquete durante a bebida, como tu consideraste ainda necessário que nós compilássemos, de forma genérica, o essencial do que foi discutido aí em Roma⁷ entre vós, bem como aqui na Grécia entre nós, reunidos à mesa e de copo na mão; por tal razão, envio-te já três livrinhos contendo dez questões cada um, e em breve te enviarei também os restantes, se porventura os não achares de todo incompatíveis com Díónisos e com as Musas.

QUESTÃO 1

Se se deve filosofar durante a bebida.

Intervenientes: Aríston, Plutarco, Cráton e Sósio Senecião.

1. A primeira de todas as questões tem que ver com o filosofar durante a bebida. Lembras-te certamente de que, quando em Atenas se gerou durante o jantar um debate sobre se era permitido ter discussões filosóficas enquanto se bebia vinho e que critério deviam seguir aqueles que as tinham, Aríston, que estava

⁶ Autores de obras semelhantes a *No Banquete* de Plutarco.

⁷ Há referências ao longo do texto que indiciam que alguns banquetes decorreram em Roma.

lá, disse: “Pelos deuses, será que há alguém que não dê um lugar aos filósofos entre os que bebem vinho?” Então, eu respondi: “Mas é claro que há, meu amigo; e sem dúvida, de forma ironicamente solene, dizem que, tal como as donas de casa, a Filosofia não deve tomar a palavra enquanto se bebe vinho; que os Persas – e com razão, segundo eles – não se embebedam nem dançam com as suas mulheres, mas sim com as suas concubinas; e aconselham-nos precisamente a fazer a mesma coisa: introduzir nos banquetes a música e a representação, mas não mexer na Filosofia, porque nem é apropriada para os nossos divertimentos, nem nós estamos sóbrios nessas alturas. E referem que nem Isócrates, o sofista, ainda que lhe pedissem, aceitava falar enquanto bebia, senão isto: “para aquilo em que sou entendido não é este o momento oportuno; nas coisas em que é o momento oportuno não sou eu entendido”⁸.

613A

2. Então Cráton disse aos gritos: “E, se tinha intenção de fazer discursos como aqueles com que quase excluía as Graças do banquete, ainda bem que jurou por Diónisos não falar. Mas acho que isso não é a mesma coisa que excluir de um banquete o discurso de um orador e o de um filósofo; que o da Filosofia é um caso à parte, porque, sendo uma arte de viver⁹, é natural que não se desligue de algum divertimento nem do prazer, de um passatempo, mas esteja entre todos nós para estabelecer

B

⁸ Pseudo-Plutarco, *Vida de Isócrates* 37.

⁹ Definição de Filosofia segundo o Estoicismo.

algumas regras e orientações. Ou então, assumamos que não se deve aceitar a temperança nem a justiça enquanto se bebe, por nesses momentos considerarmos a seriedade ridícula. Com efeito, se, tal como aqueles que receberam Orestes no Tesmotetio¹⁰, quisermos comer e beber em silêncio, seria um elogio à ignorância muito bem conseguido. Mas, se Diónisos é o Libertador e o Salvador de tudo, e em especial solta os freios da língua e dá liberdade total à fala, considero despropositado e nada inteligente privar das melhores discussões um momento tão fértil e manter afastada a Filosofia durante as alturas em que procuramos conclusões sobre as questões relacionadas com os banquetes, e qual será a virtude do conviva e que uso fazer do vinho, como se a Filosofia não tivesse a capacidade de confirmar aquilo que ensina pelo uso da palavra.

3. Dizendo tu que não valia a pena contradizer Cráton sobre esse assunto, mas sim encontrar o limite e o carácter das questões filosóficas a tratar no banquete, de modo a afastar essa brincadeira que, de forma não sem graça, é dirigida a pessoas conflituosas e mal-intencionadas:

D «Agora ide comer, para que nos reunamos com Ares»¹¹;

¹⁰ Edifício em Atenas em que os arcontes se reuniam, para onde Orestes terá ido depois de matar a mãe, Clitemnestra, onde o deixaram comer e beber em silêncio (Vide Apolodoro 2 B 244 e Eurípides, *Ifigénia em Táuris* 940 sqq.).

¹¹ *Iliada* 2. 381.

e convidando-nos a falar, eu disse que, em minha opinião, a primeira questão a abordar era o carácter dos participantes. Se o banquete for composto por uma maioria de apaixonados pelos discursos, como o de Ágaton que tinha os Sócrates, Fedros, Pausânias e Erixímacos, e como o de Cálías com os Cármides, Antístenes, Hermógenes e outros parecidos com estes, permitiremos que eles discutam questões filosóficas, misturando Diónisos não menos com as Musas do que com as Ninfas: estas fazem-no entrar no corpo tranquila e suavemente, e aquelas na alma de forma doce e graciosa. E se estiverem presentes alguns ignorantes no meio de muitos instruídos, envolvidos que estão como consoantes entre vogais, compartilharão um som não de todo desarticulado e confluyente. Mas se houvesse grande número desses homens que preferem o som de qualquer pássaro ou de qualquer instrumento de cordas e de madeira a suportar do que a voz de um filósofo, será útil o exemplo de Pisítrato¹²: ele mantinha uma espécie de conflito com os filhos e, como notava que os seus inimigos se alegravam, convocou uma assembleia e disse que, por ele, queria dissuadi-los, mas como estes se mantinham impertinentes, estava disposto a aceitar e a ceder. De igual modo, o filósofo entre simposiarcas que não aprovam as suas palavras, deve mudar de direcção, para seguir e abraçar a conversa deles, desde que não se ultrapasse os limites da decência, sabendo que os homens são oradores porque falam, mas são filósofos mesmo quando estão calados, quando contam piadas e, por Zeus, quando são

E

F

¹² Vide Plutarco, *Moralia* 189B-D; 480D-E.

614A gozados e quando gozam. É, segundo Platão¹³, não só «é tremenda injustiça parecer ser justo quando se não é», como também é de uma inteligência extrema não parecer filosofar quando, na verdade, se filosofa, e ter atitudes dignas de gente séria em ambiente divertido. Tal como as Ménades em Eurípidés¹⁴, desarmadas e sem espadas, batendo com os tirsos, agridem quem as ataca, assim as piadas e as gargalhadas dos verdadeiros filósofos movem e, de certa forma, atraem os que não são de todo invulneráveis.

B 4. Quanto a mim, penso que há um tipo de temas de banquete, os quais no-los dá a história, enquanto que outros são fornecidos pelos assuntos que temos em mãos, paradigmas de acções corajosas e magnânimes, muitos deles respeitantes à Filosofia, muitos outros à piedade, mas outros também conducentes à emulação dos feitos nobres e filantrópicos. Se alguém entretivesse os convivas fazendo uso desses temas e sem levantar suspeitas, eliminaria os piores defeitos da bebedeira. Certamente que os que deitam buglossa no vinho e aspergem o chão com uma mistura de verbena e avenca¹⁵, por acreditarem que isso traz tranquilidade e amabilidade aos convivas, à semelhança da Helena de Homero¹⁶ que colocou um fármaco no vinho puro, não percebem que também

¹³ Vide *República* 361a.

¹⁴ Vide *Bacantes* 734.

¹⁵ Buglossa, verbena e avenca são três plantas cuja utilidade neste contexto é referida também em Plínio, *História Natural* 25. 81; 107.

¹⁶ Vide *Odisseia* 4. 220 sqq.

este mito, depois de percorrer um longo caminho do Egipto até aqui, converteu-se num tema de conversa conveniente e apropriado. É que, enquanto eles bebiam, Helena contou-lhes o que se passou com Ulisses: «que feitos praticou e suportou aquele homem forte / depois de seu próprio corpo com golpes horríveis ter ferido»¹⁷. Era, segundo parece, um «fármaco»¹⁸ relaxante e analgésico – um discurso oportuno que se adequava aos sofrimentos e às circunstâncias do momento. As pessoas de bom gosto, mesmo que filosofem abertamente, em tais situações conduzem o discurso mais pela via da persuasão do que pela força das demonstrações. Na verdade, sabes que até Platão, quando no *Banquete* fala sobre o fim último e sobre o primeiro bem e aborda a divindade em geral, não se alonga na demonstração nem se enche de pó¹⁹, de modo a que, como era costume, conseguisse uma pega firme e sem fuga; pelo contrário, atraía os homens com laços mais fluidos, como exemplos e mitos.

5. E mesmo as investigações devem ser mais fluidas, as questões compreensíveis e as perguntas adequadas e sem mesquinhez, para não se atormentar nem discriminar os menos inteligentes. De facto, tal como é costume mover os corpos dos convivas ao sabor de bailes e de danças, mas se os obrigarmos a porem-se de pé para manejar as armas ou lançar o disco, não só o banquete se tornará desagradável como também prejudicial, do mesmo

¹⁷ *Odisseia* 4. 242; 244.

¹⁸ *Odisseia* 4. 221.

¹⁹ Era costume os lutadores encherem-se de pó para agarrar o adversário que tinha o corpo ungido com azeite.

modo, as questões ligeiras animam os espíritos de forma harmoniosa e benéfica; segundo Demócrito, devemos evitar conversas próprias de «litigantes» e de «intrigistas», que, ao estenderem-se por questões melindrosas e obscuras, enfastiam a assistência. É que, como o vinho, a conversa deve ser comum: algo de que todos tomem parte. Por outro lado, os que suscitam tais questões não seriam mais dotados para convivência do que o grou e a raposa de Esopo: esta derramou uma sopa numa pedra lisa, mas a outra provocou o riso, porque a sopa, por ser líquida, escapava-lhe do bico muito delgado. Por sua vez, o grou retribuiu o convite e serviu-lhe o jantar numa garrafa com o gargalo alto e estreito, de forma a que facilmente conseguisse lá enfiar o bico e satisfazer-se, enquanto a raposa, por não ser capaz, teve a refeição que merecia²⁰. De igual modo, sempre que os filósofos se debruçam sobre questões delicadas e dialécticas durante a bebida, incomodam muitas pessoas que não os conseguem acompanhar; estas, por sua vez, entregam-se a determinados cânticos, estórias sem sentido e conversas vulgares e de circunstância, e desaparece a finalidade do encontro convival, sendo Diónisos ofendido. Pois, como se censurava Frínico e Ésquilo com o dito «que tem isto a ver com Diónisos?», por levarem a Tragédia para os mitos e as paixões, também a mim muitas vezes me ocorre dizer aos que arrastam o Dominante²¹ para o

²⁰ Embora esta fábula não conste no *corpus* de Esopo, é referida, por exemplo, em La Fontaine 1. 18.

²¹ Silogismo formulado por Diodoro que tende a provar que só o real é possível, assentando principalmente na convicção de que uma coisa possível não pode dar origem a uma impossível.

banquete: «ó homem, que tem isto a ver com Diónisos?» De igual modo, não é conveniente nem próprio de banquetes cantar as chamadas canções de mesa, depositado o *krater*²² no centro da mesa e distribuídas as coroas que a divindade nos pôs para nos libertar. É que se diz até não serem as canções de mesa um tipo de cântico que tenha sido composto de forma obscura²³, mas afirma-se antes que, primeiro, cantavam todos em conjunto uma ode ao deus, entoando um péan em unísono, e, depois, passavam um ramo de murta por cada um deles, a que chamavam «ésaco» – porque, penso eu, quem a recebia começava a cantar – e, logo de seguida, faziam circular a lira: quem a sabia tocar pegava nela e cantava com o seu acompanhamento, mas os desconhecedores de música não a aceitavam, e assim passou a chamar-se escólio (*skólion*) em virtude de não ser fácil nem acessível a todos. Outros, porém, dizem que o ramo de murta não andava de mão em mão, mas que ia passando, vez à vez, de um leito para o outro: o primeiro, depois de ter cantado, passava-o para o primeiro do segundo leito e daquele ia para o primeiro do terceiro; em seguida, o segundo passava-o igualmente ao segundo. Foi, ao que parece, por causa das complicações e tortuosidades²⁴ do percurso, que passou a chamar-se escólio (*skólion*).”

²² Recipiente utilizado para misturar o vinho com água antes de ser servido aos convivas.

²³ ‘Obscuro’ é um dos sentidos do adjectivo *skoliós*, palavra muito parecida com a que define “canções de mesa” (*skólion*).

²⁴ Um outro sentido de *skoliós* é ‘tortuoso’.

QUESTÃO 2

Se o anfitrião deve, ele próprio, acomodar os convidados ou deixar que eles mesmos o façam.

Intervenientes: Tímon, o pai de Plutarco, Plutarco, Lâmprias e outros.

D 1. O meu irmão Tímon, quando dava um banquete a muitas pessoas, pedia a cada um dos que entravam que se instalassem e acomodassem nos leitos como quisesses, pelo facto de haver convidados estrangeiros, concidadãos, amigos, familiares e pessoas de todos os tipos em geral. Quando já havia muita gente presente, um certo estrangeiro, semelhante a um personagem da comédia, com grande mau gosto na vestimenta extravagante e na comitiva de criados, chegou até às portas da sala, percorreu em círculo com os olhos os que estavam recostados, não quis entrar, deu meia volta e foi-se embora. E aos muitos que foram por ele, referiu que não era digno dele o sítio que restava. Então com grandes gargalhadas, os que estavam recostados pediam: «acompanhem-no até fora da casa com saudações e votos de bons augúrios²⁵». E

E 2. Mas quando o jantar estava no fim, o meu pai, dirigindo-se a mim – que estava reclinado mais longe dele –, disse: “Tímon e eu nomeámos-te juiz do nosso debate; é que há já muito tempo que o venho a repreender por causa desse estrangeiro; se ele tivesse

²⁵ Eurípides, fr. 449 Nauck².

distribuído os leitos desde princípio, como eu lhe disse, não tínhamos de prestar contas por falta de organização a um homem entendido «em alinhar carros de cavalos e homens armados com escudos»²⁶. Contam também que o general Paulo Emílio, quando, vencido Perseu na Macedónia²⁷, fazia festins com uma decoração admirável em tudo e com uma organização extraordinária e dizia que cabia ao mesmo homem dar à batalha a forma mais temível e ao banquete a mais aprazível, porque ambas as coisas dizem respeito à organização. Também o poeta costuma referir-se aos mais nobres e aos mais reais como «condutores de povos»²⁸. Dizeis também vós que o grande deus converteu a desordem em ordem, graças a uma boa organização, sem nada retirar do que existia nem acrescentar nada, mas que, ao dispor cada coisa no lugar adequado, transformou, no que respeita à natureza, o mais informe na mais bela figura. Mas estas coisas tão insignes e grandiosas, foi convosco que as aprendemos. E também nós vemos que os gastos com jantares nada têm de agradável nem de distinto, se disso não fizer parte a organização. Por isso, é ridículo que, por um lado, seja tão importante para os cozinheiros e os empregados de mesa ver o que hão-de servir primeiro, em segundo, no meio ou no fim e, por Zeus, que haja um lugar e disposição para os perfumes, para as coroas²⁹ e para a citarista, se por acaso estiver presente e

²⁶ *Iliada* 2. 554.

²⁷ Batalha de Pidna que, em 168 a. C., opôs Romanos (os vencedores) a Macedónios.

²⁸ *Iliada* 1. 16 sqq.

²⁹ Antes do banquete, os convivas eram unguídos com fragrâncias

que, por outro lado, depois de os reclinar ao acaso e de qualquer maneira, se sacie os convidados sem os alinhar, segundo critérios de idade, de cargo ou de qualquer outra prerrogativa, na posição adequada, em que é honrado o de classe superior, se acostuma o de segundo plano, e o organizador põe em prática a sua decisão e o discernimento do que é apropriado. Pois não há um assento nem um sítio para o melhor, quando não há lugar no leito. E quem convida não brindará a um antes do outro, mas terá em conta as distinções nos lugares à mesa, apresentando o banquete desde o início, segundo o dito, como «uma única Míconos»³⁰. Em suma, esta era a causa que o meu pai defendia.

- c **3.** O meu irmão referiu que não era mais sábio do que Bias³¹, de tal forma que, como aquele se recusou a servir de árbitro entre dois amigos, ele próprio ser nomeado juiz de tantos familiares e tantos companheiros, não para decidir sobre bens materiais mas sobre primazias, seria como se tivesse convidado os amigos não para os tratar com delicadeza mas para os importunar. “Inconveniente e proverbial se tornou Menelau – disse ele – já que apareceu no conselho sem ser convidado”³². Mais inconveniente ainda é o organizador do banquete que se auto-intitula árbitro e juiz de pessoas que não o

e eram distribuídas coroas.

³⁰ Paroem. I.122.445. Provérbio de múltiplas interpretações que, de forma geral, representa uma mistura de elementos desiguais.

³¹ Um dos Sete Sábios da Grécia também conhecido por ser um excelente juiz. Sobre esta estória, vide Diógenes Laércio, 1. 5. 87.

³² Vide *Iliada* 2. 408.

escolheram para isso nem lhe delegaram essa tarefa de saber quem é melhor ou pior do que outro. É que as pessoas não estão a participar numa competição, mas apenas vieram a um jantar. E, nem sequer a decisão é fácil de tomar, visto que uns se distinguem pela idade, outros pelo poder, outros pela convivência e outros pelo parentesco. Seria necessário, tal como quem pratica uma argumentação comparativa, ter à mão os *Tópicos*³³ de Aristóteles e os *Dominantes*³⁴ de Trasímaco, sem obter com isso utilidade alguma, mas apenas se traz um prestígio vão da ágora e dos teatros para o banquete e, enquanto se procura afastar as outras preocupações por meio da convivência, torna-se, porventura, a restaurar a altivez. Penso que conviria muito mais lavar as coisas da alma do que lavar a lama dos pés, de modo a conviver com os outros no banquete de ânimo leve e simples. No momento em que tentamos eliminar dos convidados a inimizade causada por qualquer ressentimento ou outra circunstância, de novo pela rivalidade a incendiamos e atiçamos, ao rebaixar uns e enaltecer outros. Ora, se à distribuição dos assentos se seguirem os brindes e saudações aos que estão próximos, e ainda as intimidades e cumprimentos, teremos sem dúvida um banquete de sátrapas, não de amigos. Se, no que respeita às outras coisas, defendemos a igualdade entre os homens, porque não os habituamos, começando logo por aqui, a recostarem-se uns com os outros de forma ordeira e calma, ao

D

E

³³ Obra de Aristóteles que consiste num conjunto de preceitos para elaborar uma argumentação convincente.

³⁴ Obra desconhecida que, provavelmente, se situaria no mesmo âmbito que os *Tópicos* de Aristóteles.

F verem que, passadas as portas, o jantar é democrático e não há lugar privilegiado, qual acrópole, em que o rico, aí recostado, escarneça dos mais humildes?”

617A 4. Uma vez expressa também esta opinião e como os presentes reclamavam a decisão, eu declarei que, nomeado árbitro e não juiz, seguiria a via intermédia. “Na verdade – disse eu –, quando os convidados são jovens, concidadãos e amigos, é preciso, como diz Tímon, habituá-los a ocupar o lugar que encontrarem, de forma calma e ordeira, considerando a boa disposição como caminho para a amizade. Mas quando filosofamos com estrangeiros, magistrados ou pessoas mais velhas, receio que pareça estarmos a barrar a entrada à desordem pela porta principal, para a deixarmos entrar pela porta lateral com grande negligência. Neste caso, devemos ceder ao costume e à norma; ou então, acabemos com os brindes e com os cumprimentos, gestos com que nem honramos quem encontramos por acaso nem sem discernimento, mas sim sobretudo como o costume determina:

com lugares de honra, carnes e também com taças cheias³⁵,

B conforme disse o rei dos Gregos, que coloca a ordem na mais elevada honra. Elogiamos também Alcínoo, porque sentou o estrangeiro a seu lado

fazendo levantar o filho, o amável Laomedonte, que estava sentado junto a si e que amava mais que tudo³⁶.

³⁵ *Iliada* 8. 162; 12. 311.

³⁶ *Odisseia* 7. 169-170.

É que sentar o suplicante no lugar de alguém que se ama é um acto de delicada cortesia e filantropia. Também para os deuses há uma distinção desta natureza. Na verdade, Poséidon, apesar de ter sido o último a chegar à assembleia, «naturalmente, ocupou um lugar ao centro»³⁷, porque esse lugar lhe pertencia. E Atena aparece num lugar privilegiado, sempre próximo de Zeus. Também o poeta sugere essa ideia, por causa do que diz sobre Tétis:

então, sentou-se junto de Zeus pai, pois Atenas cedera-lhe
[o lugar³⁸; c

e Píndaro³⁹, por seu lado, diz claramente

Do raio que respira fogo
muito perto está sentada.

Todavia, dirá Tímon que, não é preciso retirar a honra aos outros para a atribuir a um só. Coisa que ele parece fazer melhor, porque retira-a quem torna comum o que é privado (e privado é o que por mérito pertence a cada um) e concede à correria e à pressa o primeiro lugar, que é devido ao mérito, à virtude, à linhagem, ao cargo e a prerrogativas semelhantes⁴⁰. E, ao julgar que evita dissabores aos convidados, mais os suscita contra si, já que desgosta todos os que privam da sua honra

³⁷ *Ilíada* 20. 15.

³⁸ *Ilíada* 24. 100.

³⁹ Fr. 146 Snell-Maehler.

⁴⁰ Vide Platão, *República* 496a.

D habitual. Quanto a mim, não penso que seja muito difícil decidir no que respeita a este assunto: primeiro, porque não é fácil que apareçam de uma só vez muitas pessoas que rivalizem em méritos; depois, como há muita abundância de lugares de honra para distribuir, se houver bom senso, atribui-se a cada um dos que são «dignos de consideração» este lugar por ser o primeiro, estoutro por ser central, aquele por estar ao lado de alguém ou perto de algum amigo, familiar ou mestre; para os outros, reservar presentes e amabilidade, sossego de preferência a honra. Mas, se os méritos forem difíceis de ajuizar e os homens quezilentos, observa a artimanha que eu aplico: se estiver presente o meu pai, levo-o para o lugar mais honroso e assento-o nele; mas se não E estiver, será o meu avô, o meu sogro, o irmão do meu pai ou uma daquelas pessoas a quem é devida uma reconhecida e particular proeminência de honra por parte de quem recebe – preceito que tomei dos que foram estabelecidos por Homero. Também aí, Aquiles, ao ver que Menelau e Antíloco disputavam o segundo prémio na corrida de carros, receando que fossem longe demais com a irritação e desejo de vencer, decidiu entregar o troféu a outra pessoa, com o pretexto de compaixão e de honrar Eumelo, mas, na realidade, para eliminar a causa da disputa entre eles”⁴¹.

F 5. Enquanto eu dizia isto, Lâmprias, sentado num leito suplementar, perguntava aos presentes em altos gritos – como era seu costume – se lhe concediam advertir

⁴¹ Vide *Iliada* 23. 534 sqq.

um juiz que dizia disparates; como todos pediam que uzasse da franqueza e não tivesse contemplação, disse: “Mas quem poderia ter pena de um filósofo que distribui lugares num banquete de acordo com a linhagem, riquezas e cargos, tal como num espectáculo, ou dá as proedrias dos Decretos Anfictiónicos⁴², a ponto de nem na bebida escaparmos à vaidade? É que não é de acordo com a reputação, mas sim com o que é mais agradável que deve ser feita a distribuição dos leitos, nem ter em conta o mérito de cada um, mas sim a afinidade e a harmonia entre uns e outros, como quaisquer outras coisas que se juntam em comunhão. Na verdade, nem o arquitecto aplica a pedra ática ou a lacónica em vez da barbárica por ser mais nobre, nem o pintor atribui o lugar preferencial à cor mais cara nem o construtor de barcos prefere o pinho ístmico ou o cipreste de Creta, mas, conforme cada um se combina e adapta aos outros, proporciona uma obra comum que seja sólida, bela e funcional, assim serão distribuídos. Vês que também a divindade, a que o nosso Píndaro⁴³ chamou «sumo-artesão», não distribui o fogo na terra por toda a parte, de cima a baixo, mas conforme exijam as necessidades dos corpos:

618A

B

Isto nas conchas de pesadas costas, habitantes do mar,
principalmente de búzios e de tartarugas de pele pétrea,

⁴² O Conselho Anfictiónico era o organismo responsável pelo Templo de Apolo em Delfos e pela organização dos Jogos Píticos; uma das suas competências consistia na atribuição das proedrias (lugares de honra).

⁴³ Fr. 57 Snell-Maehler.

disse Empédocles⁴⁴,

ali verás a terra situada no ponto mais alto da superfície,

- c a ocupar não o lugar que a natureza lhe reservou, mas sim aquele que a disposição requer para um resultado comum. Em tudo, a desordem é prejudicial, mas, se surge entre os homens, principalmente quando bebem, mostra ainda com mais clareza a sua própria depravação, através da insolência e de outros males inarráveis, que um homem engenhoso e talentoso pode prever e vigiar.”

6. Então, nós concordámos que ele falou correctamente e acrescentámos: “Porque nos recusas às tuas ideias de ordem e de harmonia?

– Não há recusa alguma – disse –, desde que vocês estejam dispostos a concordar que eu mude e reorganize o banquete, tal como Epaminondas fez com a falange”⁴⁵.

- D Todos nós o deixámos proceder deste modo. Ele, depois de mandar que os criados se retirassem do centro e depois de olhar atentamente para cada um de nós, disse: “Ouçam como pretendo dispor-vos uns com os outros, pois quero dizê-lo de antemão. É que me parece que também o tebano Pâmenes acusou Homero, não injustamente, de ser inexperiente em questões amorosas, porque juntou tribos com tribos e misturou fratrias

⁴⁴ Fr. 76 D-K.

⁴⁵ Epaminondas, um general da cidade de Tebas, revolucionou a estratégia militar ao introduzir a famosa “ordem oblíqua” – tática de tal forma eficaz que perdurou até ao século XX.

com fratrias⁴⁶, quando era preciso juntar o amante com o amado, para que a falange, com um vínculo vivo, seja um único espírito. Também o mesmo eu quero fazer no nosso banquete: não vou recostar o rico com o rico, nem o jovem com o jovem, nem o magistrado com o magistrado, nem o amigo com o amigo, já que esta disposição é estática e incapaz de aumentar ou criar afecto; mas, adequando o que é apropriado ao que tem falta dele, peço que se recoste o que gosta de saber com o que sabe, o moderado com o quezilento, o jovem que gosta de ouvir com o velho tagarela, o dissimulado com o gabarola e o reservado com o irascível. E, se vejo nalgum lado um rico magnânimo, levarei para junto dele um pobre honesto que arrancarei de um canto qualquer, de modo a haver uma trasfega⁴⁷, como de uma taça cheia para uma vazia. Evito também que um sofista se recoste junto de um sofista e um poeta junto de um poeta:

E

é que o pobre inveja o pobre e o aedo inveja o aedo⁴⁸.

F

De facto, Sóscles e Modesto, aqui presentes, ao aporem palavra contra palavra, correm o tão formoso risco de reanimar uma chama. Separo também os irrequietos, os impertinentes e os irascíveis, pondo no meio deles uma qualquer pessoa calma, qual almofada contra os golpes. Por outro lado, reúno os que gostam de exercício físico, de caça e de agricultura. É que destas

619A

⁴⁶ Uma fratria era a subdivisão de uma tribo.

⁴⁷ Vide Platão, *Banquete* 175b.

⁴⁸ Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 26.

apaziguadora, como a das gralhas. Junto também no mesmo local os que gostam da bebida e os inclinados ao amor, não só «quantos sentem a mordedura do amor pelos jovens», como diria Sófocles⁴⁹, mas também, os que são mordidos devido ao amor pelas mulheres e raparigas; é que, abrasados pelo mesmo fogo, ajudar-se-ão uns aos outros, como ferro fundido, a não ser que, por Zeus, calhassem a estar apaixonados pelo mesmo jovem ou pela mesma mulher.

B

QUESTÃO 3

Por que motivo de entre os lugares o chamado consular obteve honra.

Intervenientes: os mesmos da Questão 2.

1. Depois disto, a discussão recaiu sobre os lugares. De facto, os lugares de honra são diferentes para os diferentes povos: para os Persas, o mais central é onde se recosta o rei; para os Gregos, é o primeiro; para os Romanos, é o último do leito central ao qual chamam consular; e, para alguns Gregos da zona do Ponto⁵⁰, como os Heraclotas, é, antes, o primeiro do leito central. Mas sobretudo do chamado consular é que temos mais incertezas. É que, no nosso tempo, este tinha a primazia entre nós, mas não se conhece a razão por que é considerado o primeiro, nem o do centro; e dessas características, algumas não diziam respeito exclusivamente a este e as outras não se mostravam merecedoras de preocupação alguma. Dos argumentos referidos, somente tivemos

C

⁴⁹ Vide fr. 841 Radt.

⁵⁰ Zona no Norte da Ásia Menor.

três: primeiro, porque os cônsules, ao deporem os reis e reorganizarem tudo de forma mais democrática, abandonaram os lugares do centro e da realeza e retiraram-se para outros mais baixos, para que esse privilégio de cargo e poder não fosse gravosa para os seus acompanhantes; segundo, porque, destinados dois leitos aos convidados, o terceiro e principalmente o seu primeiro lugar pertence ao organizador do banquete. É aí que, qual auriga ou timoneiro, ele alcança à direita com os olhos a supervisão da tripulação e não deixa de ser amável e de conversar com os presentes. Mas, dos lugares mais próximos, o que está abaixo dele é da mulher ou dos filhos e o que está por cima dele é obviamente entregue ao mais honrado dos convidados, para que esteja perto do que organiza o banquete. O terceiro argumento reside no facto de esse lugar parecer particularmente adequado para questões práticas; é que o cônsul dos Romanos não era como Árquias, o polemenco⁵¹ dos Tebanos, que, quando lhe chegavam cartas ou notícias dignas de atenção no decurso da refeição, gritava «os problemas são para amanhã» e ignorava a mensagem para agarrar na taça. Era, «pelo contrário, extremamente ardente»⁵² e atento em tais momentos. De facto, não só «a noite gera tormentos ao timoneiro sábio», segundo Ésquilo⁵³, como também qualquer hora de bebida e de repouso é digna de atenção para um general e para um magistrado. Portanto, para que consiga ouvir, dar ordens e redigir o que

D

E

⁵¹ Na Grécia Arcaica, um polemenco era, em algumas cidades, o magistrado responsável pelos assuntos militares.

⁵² *Iliada* 20. 468.

⁵³ *Suplicantes* 770.

F é necessário, tem este lugar destinado; no ponto em que o segundo leito se une ao terceiro, o canto, por provocar um intervalo, graças a essa curvatura, possibilita ao escriba, ao assessor, ao guarda-costas e ao mensageiro do exército em campanha aproximar-se, dialogar e receber instruções sem perturbar ninguém nem ser perturbado por nenhum dos convivas, enquanto ele tem a mão e a voz à disposição sem restrições.

QUESTÃO 4

620A *Que tipo de carácter deve ter o simposiarca*⁵⁴.

Intervenientes: Plutarco, Cráton e Téon.

1. Cráton, o meu genro, e o nosso amigo Téon, por em certo banquete se terem tomado algumas bebidas em seguida reprimidas, começaram uma conversa sobre a simposiarquia, considerando que eu, o portador da coroa, não devia permitir que um costume tão antigo fosse totalmente esquecido, mas devia recuperar e estabelecer novamente a tradicional autoridade do cargo e a organização nos banquetes. Esta hipótese também agradou aos restantes, de tal forma que se gerou, por parte de todos, aplauso e aprovação. “Pois bem – disse eu –, visto que todos estão de acordo, elejo-me a mim como vosso simposiarca, neste banquete e exorto aos demais que bebam como quiserem agora, mas ordeno a Cráton e Tímon, autores e legisladores deste parecer, que expliquem de forma breve, numa espécie de sinopse, que qualidades deve ter o simposiarca a eleger, a que

⁵⁴ Responsável por dirigir o banquete.

objectivo se dedicará o que for eleito e como tratará dos assuntos relativos ao banquete. E concedo-lhes que usem à vez da palavra.

2. E eles, todavia, mostraram-se um pouco recitantes perante o que lhes foi pedido; mas, visto que todos os exortavam a obedecer ao presidente e a fazer o que lhes tinha sido ordenado, Cráton falou primeiro e disse que o chefe dos guardiães deve ser, segundo diz Platão⁵⁵, o melhor guardião e também o melhor dos convivas. “Assim é, se não for presa fácil da embriaguez nem renitente a beber; mas como Ciro que dizia numa carta aos Lacedemónios que era mais digno de ser rei do que o irmão, além de outras razões, por aguentar bem muito vinho puro. De facto, quem se embebeda é insolente e grosseiro, mas quem de todo se abstém é desagradável e mais apropriado para ser pedagogo do que simposiarca. Já Péricles, sempre que era nomeado general e retomava a clâmide, antes de tudo costumava dizer para si próprio como advertência: «Atenção, Péricles; governas homens livres, governas Gregos, governas Atenien-ses». Então, diga também esse nosso simposiarca para si próprio: «governas amigos» – para que não permita comportamentos impróprios nem proscrua os prazeres. O presidente dos que bebem deve também, enquanto se bebe, ser familiar da seriedade e não ser alheio à diversão; antes deve possuir uma mistura agradável de ambas as coisas, todavia um pouco mais voltado para a austeridade – de forma natural, tal como um vinho refinado. É

⁵⁵ Vide *República* 412c.

E que o vinho levará o seu carácter ao comedimento, por
 torná-lo mais gentil e amolecê-lo. Tal como Xenofon-
 te⁵⁶ dizia que a rispidez e a rudeza de Clearco, de modo
 geral sombrio e agreste, se revelavam nos combates de
 modo aprazível e deslumbrante, graças à sua audácia,
 assim o que não é cortante por natureza, mas respeitável
 e austero, descontraí-se com a bebida e torna-se mais
 aprazível e amável. Além disso, deve-se juntar alguém
 que conheça perfeitamente cada um dos convivas, que
 alterações se sofre com o vinho, os sentimentos para que
 se tem tendência e como se aguenta o vinho puro (de
 F facto, não há uma mistura específica de vinho com uma
 determinada quantidade de água, que os escansões reais,
 conhecedores, deitam umas vezes mais e outras menos e
 não há também uma união particular do homem com o
 vinho que convenha ao simposiarca conhecer e, uma vez
 conhecida, observá-la, para que, como um músico, rete-
 sando um através da bebida e afrouxando e reprimindo
 o outro, leve as naturezas da discrepância ao equilíbrio e
 harmonia), de modo a não servir o mesmo em cotilas e
 em ciatos⁵⁷, mas forneça a cada um o que é apropriado
 em determinada medida e à ocasião e à resistência do
 62.1A corpo. Se tal for difícil, cabe sem dúvida ao simposiarca
 conhecer o que é comum à natureza e à idade: o facto
 de os mais velhos se embriagarem mais depressa do que
 os novos, os exaltados mais do que os calmos, os melan-
 cólicos e introspectivos mais do que os bem-dispostos e
 alegres, os que não levam a vida de forma destravada e

⁵⁶ Vide Xenofonte, *Anábase* 2. 6. 11 sqq.

⁵⁷ Trata-se de duas medidas volúmicas; uma cotila equivale a cerca de 1/4 litro e um ciato a aproximadamente 1/2 litro.

destemperada mais do que os desregrados; quem souber isto poderá dirigir melhor a decência e a harmonia do banquete do que quem não souber. Também que deve o simposiarca tratar toda a gente de forma familiar e amigável e não ser falso nem odioso com nenhum dos convidados é coisa evidente para todos. É que não será tolerável ao dar ordens, nem imparcial ao servir, nem tampouco estará livre de censura nas suas piadas. Tal é, ó Téon, – disse ele –, o presidente do banquete que eu te entrego, como que moldado pela cera das palavras.”

B

3. E Téon disse “Pois bem, aprovo o homem tão bem trabalhado e convival. Se, porém, o vou usar de forma adequada e não envergonho a obra, isso já não sei. Parece-me, contudo, que, sendo como é, manterá o banquete equilibrado e não permitirá que se torne ora numa assembleia democrática, ora numa escola de sofistas, depois numa casa de jogo ou até talvez num teatro e num palco. Ou não vêem que alguns procedem como demagogos e fazem julgamentos durante o jantar, outros declamam e lêem alguns dos seus escritos e outros ainda dirigem mimos e danças? Alcibiades e Teodoro transformaram o banquete de Polítion num local de iniciação, ao parodiarem as funções do portador da tocha e do hierofante⁵⁸. Considero que nada disso deve ser permitido pelo chefe do convívio; pelo contrário, deve atribuir

C

⁵⁸ Alcibiades e Teodoro teriam feito uma imitação dos Mistérios de Elêusis num banquete em casa de Polítion por estarem seriamente embriagados (Plutarco, *Alcibiades* 19-22). Nestes cultos, o hierofante era o sumo-sacerdote e o portador da tocha um dos seus assistentes.

lugar só às conversas, representações e brincadeiras que
 estejam de acordo com a finalidade do banquete: refor-
 çar ou dar origem à amizade entre os convivas através do
 prazer, porque o banquete é um passatempo com vinho
 D que pelo encanto acaba em amizade. E já que o vinho
 puro é absolutamente indigesto e quase sempre prejudi-
 cial, enquanto a mistura, nas acções em que aparece no
 momento oportuno e com medida, elimina o excesso
 com que se corrompe o prazer e se perturba o útil, é evi-
 dente que também o presidente oferecerá aos convivas
 um passatempo de certa forma variado. Ao ouvir dizer
 a muitas pessoas que o passeio de barco junto à terra e a
 caminhada junto ao mar são os mais aprazíveis, de igual
 modo se porá a brincadeira junto à seriedade, para que
 os brincalhões tenham, de certa forma, alguma serieda-
 de e que, por outro lado, os sisudos se animem, como
 acontece com os navegantes quando avistam a terra já
 perto. Pois também do riso é possível tirar proveito para
 E muitas coisas e garantir uma seriedade aprazível

assim como no meio de cardos e da áspera unha-de-gato
 florescem delicadas violetas brancas⁵⁹.

E de quantas brincadeiras sem seriedade invadi-
 rem os banquetes, quem preside aconselhará com cui-
 dado os convivas a evitarem-nas, não vão elas introduzir
 à socapa a insolência, qual beleno⁶⁰ no vinho, e instalar
 F o desrespeito com as conhecidas ordens como mandar

⁵⁹ Versos de autoria desconhecida citados também por Ateneu em 97D.

⁶⁰ Planta venenosa.

cantar os gagos, pentear os carecas ou dançar os coxos. Assim, para humilhar Agapestor, o Académico, que tinha uma perna fraca e aleijada, os convivas ordenaram que todos esvaziassem o copo apoiados no pé direito ou pagassem uma multa. Quando chegou a sua vez de prescrever, ordenou que todos bebessem exactamente como o vissem fazer: depois de ter arranjado uma jarra vazia, meteu o pé aleijado dentro dela e esvaziou o copo, enquanto todos os outros – que, apesar de tentarem, não conseguiram, como é evidente – pagaram a multa. De facto, Agapestor foi oportuno; deve-se tornar agradáveis e divertidas as vinganças e criar o hábito de utilizar as ordens para prazer e proveito, mandando fazer coisas adequadas, possíveis e respeitosas para quem as cumpre: aos cantores cantar, aos oradores falar, aos filósofos ultrapassar aporias, aos poetas declamar versos, pois cada um se deixa conduzir até aí com prazer e de bom grado:

622A

para que uma pessoa consiga emular-se a si própria⁶¹.

O rei dos Assírios anunciou, por um arauto, um prémio para quem descobrisse um novo prazer⁶²; por sua vez, o rei de um banquete devia propor um prémio requintado e uma recompensa a quem introduzisse uma brincadeira sem desrespeito, um divertimento vantajoso e engraçado que não é companheiro da infâmia nem da insolência, mas sim do encanto e da amabilidade. É nestas coisas que a maior parte dos banquetes naufraga, porque

B

⁶¹ Eurípides, fr. 183 Nauck².

⁶² Teria sido Dario ou Xerxes.

não encontra um rumo certo. Mas compete aos homens sensatos protegerem-se do ódio e do rancor provenientes da ganância no mercado, da competição nos ginásios e nas palestras⁶³, da rivalidade nas magistraturas e nas honras e das brincadeiras na refeição e durante a bebida.”

C

QUESTÃO 5

Porque se diz que «Eros ensina a ser poeta».

Intervenientes: Sócio Senecião e outros.

1. Porque se diz que

Eros ensina a ser poeta, mesmo quem não tinha o dom das Musas⁶⁴

D

era o que se investigava na casa de Sócio, depois de ouvirmos uns versos sáficos⁶⁵, em que Filóxeno⁶⁶ dizia que até o Ciclope «com musas harmoniosas curava o amor». Disse-se que o amor é perito em conceder coragem e inovação em tudo, de tal forma que Platão⁶⁷ lhe chamou «audaz» e «ousado». É que torna falador o calado, expedito o envergonhado e cuidadoso e trabalhador o descuidado e preguiçoso. Mas mais digno é de admiração que um homem avarento e mesquinho, quando cai

⁶³ Locais onde se praticava a luta.

⁶⁴ Eurípides, fr. 663 Nauck².

⁶⁵ Tipo de composição lírica cujo nome se deve à poetisa Safo que, embora não se saiba se foi a sua criadora, o usou em muitos poemas.

⁶⁶ Fr. 822 Page.

⁶⁷ *Banquete* 203d; *Timeu* 69d.

no amor, como o ferro exposto e amolecido ao fogo, fica macio, brando e mais meigo, de tal forma que de modo algum parece ridículo aquele ditado engraçado: «a bolsa dos apaixonados está atada com uma folha de alho-
porro»⁶⁸. Também se diz que estar apaixonado é seme-
lhante à embriaguez: torna as pessoas fervorosas, alegres
e descontraídas; quando ficam assim, deixam-se levar
por cantos e especialmente por sons ritmados. Dizem
até que Ésquilo compunha as tragédias enquanto bebia
e se abrasava. E o meu avô Lâmprias, quando bebia, era
muito mais engenhoso e eloquente do que o normal.
Costumava dizer que, do mesmo modo que o incenso,
se evolava através do calor. Na verdade, ao olharem com
muito prazer para as pessoas amadas, elogiam-nas não
com menos prazer do que as olham, porque o amor,
sempre eloquente em tudo, é-o muito mais no que res-
peita a elogios. Por estarem tão convencidos, querem
convencer toda a gente de que estão apaixonados por
pessoas belas e bondosas. Foi este o motivo que levou o
lídio Candaules a arrastar um escravo seu até casa para
ver a própria mulher⁶⁹. É que querem ter o testemunho
dos outros. Por isso também os que escrevem elogios
sobre os amados enfeitam-nos com cantos, versos e po-
emas, como se adornassem estátuas com ouro, para que
melhor seja escutado por todos e fique na memória. E
se oferecerem um cavalo, um galo ou qualquer outra
coisa à pessoa amada, querem que o presente seja belo e
enfeitado de forma excêntrica e distinta; principalmente

E

F

623A

⁶⁸ Paroem., I.447, II.47.

⁶⁹ Vide Heródoto, I. 8 sqq.

quando apresentam um discurso adulator, pretendem que pareça aprazível, esplêndido e distinto, tal como é o discurso poético.

2. Todavia, Sósio, depois de os felicitar, disse que não seria pior se tentássemos partir do que afirmava Teofrasto em *Sobre a Música*; “é que li o livro há pouco tempo – afirmou. Afirma ele que são três os princípios da música: o sofrimento, o prazer e o êxtase, porque cada um deles altera e desvia a voz do seu estado normal. Os sofrimentos provocam gemidos e lamentos propícios ao canto. Por isso vemos os oradores nos epílogos e os actores nos lamentos a forçar suavemente a voz para a aproximar do canto. As alegrias desmedidas da alma dos de temperamento mais impulsivo não só excitam todo o corpo, como também o convidam a um movimento pleno de ritmo, enquanto saltam e batem palmas, se é que não forem capazes de dançar:

delírios e gritos de gente excitada com agitação desenfreada,

segundo Píndaro⁷⁰. Por outro lado, as pessoas de bom gosto, quando se encontram neste estado emotivo, usam só a voz para cantar com ritmo e musicalidade. Acima de tudo, o êxtase afasta e desvia o corpo e a voz do seu estado habitual e regular. É por isso que os delírios báquicos recorrem aos ritmos, que é possível aos inspirados anunciar oráculos em verso, e dos enlouquecidos poucos são os que vemos a dizer disparates sem ritmo

⁷⁰ Fr. 70B Snell-Maehler.

nem musicalidade. Assim sendo as coisas, se quiseres analisar e entender o amor, desdobrando-o sob plena claridade, descobrirás que não há outro sentimento que encerre sofrimentos mais pungentes, nem alegrias mais impetuosas, nem maiores perturbações e delírios. Antes, tal como a cidade de Sófocles⁷¹, a alma do homem apaixonado

está cheia de incensos e,
ao mesmo tempo, de péans e gemidos.

D

Por isso, não é descabido nem surpreendente que o amor, se encerra em si tantos quantos são os princípios da música – sofrimento, prazer e êxtase –, seja, além de barulhento e eloquente, vantajoso e adequado, como nenhum outro sentimento, para a composição de cantos e versos.”

QUESTÃO 6

Sobre os excessos de Alexandre com a bebida.

Intervenientes: Filino, Plutarco e outros.

1. A conversa dizia respeito ao Rei Alexandre⁷² que, embora não bebesse muito, passava muito tempo a beber e a conversar com os amigos. Mas Filino demonstrou-lhes que estavam a dizer disparates com base nas *Memórias Reais*, onde aparece registado de forma contínua e recorrente que «neste mesmo dia ficou a

E

⁷¹ Vide *Rei Édipo* 4-5.

⁷² Alexandre, o Grande.

dormir por causa da bebida» e às vezes «também no dia seguinte». Por isso, era tão frouxo nas relações sexuais, mas intenso e apaixonado, tal como é próprio do calor corporal. Diz-se até que emanava da pele um cheiro tão aprazível, que impregnava os mantos de uma fragrância aromatizante, o que por si só parece acontecer também por causa do calor. Por isso, também os lugares mais secos e quentes do mundo produzem a canela e o incenso.

F Na verdade, Teofrasto⁷³ diz que a fragrância se forma através de uma espécie de cozedura de substâncias húmidas, sempre que pelo calor se retira o que é prejudicial e desnecessário. E parece que também Calístenes caiu na sua inimizade, porque lhe desagradava compartilhar a mesa por beber vinho puro; e quando lhe chegou a grande taça chamada de Alexandre, rejeitou-a dizendo

624A que não queria, porque, se bebesse de Alexandre, precisaria de Asclépio. Eis o que há sobre os excessos de Alexandre com a bebida.

2. Dizem que Mitridates⁷⁴, o que combateu com os Romanos, determinou atribuir prémios nos certames para quem comesse e bebesse mais, mas ele vencia os dois e era quem de todos os homens bebia mais, tanto que tinha a alcunha de Diónisos. No que respeita à origem da alcunha, nós dizemos que é uma daquelas coisas em que se acredita por acreditar. É que, quando ele era pequeno, um raio queimou-lhe o cueiro, mas não lhe afectou o corpo: ficou apenas com uma marca

⁷³ Vide *Sobre a origem das plantas* 6. 16-18.

⁷⁴ Mitrídates VI, rei do Ponto (c. 120-163 a. C.).

do fogo na testa que mantinha escondida por baixo do seu cabelo. Já homem, quando caiu um raio na sua casa, novamente enquanto dormia, passou-lhe ao lado e atravessou a aljava, que estava pendurada por cima de si, incendiando as flechas. Foi por isso que os adivinhos declararam que a sua maior fonte de poder estaria nos arqueiros e na infantaria ligeira; o povo, porém, chamou-lhe Diónisos por causa dos raios que o atingiram em circunstâncias semelhantes⁷⁵.

B

3. Depois deste assunto, a conversa centrou-se nos que bebem muito. Entre eles puseram também o pugilista Heraclides, contemporâneo dos nossos pais, a quem os Alexandrinos carinhosamente chamavam Heraclezinho. Este, como não tinha quem o acompanhasse a beber, convidava uns para o aperitivo, outros para o almoço, outros para o jantar e alguns que restassem para um festim: quando os primeiros se iam embora, vinham os segundos e depois, sucessivamente, os terceiros e os quartos. E ele, sem que fizesse nenhum intervalo, chegava para todos eles e aguentava os quatro banquetes até ao fim.

C

4. E dos que viviam com Druso, filho de César Tibério, um que era médico e vencia toda a gente no beber, foi apanhado a tomar sempre cinco ou seis amêndoas amargas para não se embebedar. Impedido, porém, de as tomar e vigiado de perto, não aguentava quase

⁷⁵ Enquanto Diónisos nascia, a sua mãe, Sémele, foi atingida por um raio de Zeus.

D nada. Alguns pensam que as amêndoas têm propriedades pungentes e esfoliantes tais que retiram as sardas da cara. Quando são tomadas com antecedência, atacam os poros com o amargor e fazem uma abertura pela qual extraem da cabeça a humidade evaporada. Em nossa opinião, parece mais provável que o poder do amargor seja secar e consumir os líquidos. Por isso é que para o gosto, o amargor é o mais desagradável de todos os sabores (pois, segundo diz Platão⁷⁶, como as veias da língua são moles e mais frouxas, depois de os líquidos se terem consumido, distendem-se mais do que é natural por causa da secura) e as feridas cicatrizam com os remédios amargos, como diz o poeta:

E E à superfície pôs uma raiz amarga,
calmante, depois de a triturar com as mãos, que todas
as dores susteve; a ferida secou-se e o sangue parou⁷⁷.

De facto, caracteriza correctamente o que tem o poder de secar e é amargo para o gosto. Parece que também os pós das mulheres, aqueles com que expellem o suor, por serem amargos para o gosto e adstringentes, secam pela força da humidade. “Assim sendo – disse eu –, é natural que a amargura dessas amêndoas ajude contra o vinho puro, porque seca o interior do corpo e não deixa que as veias dilatam – com cuja dilatação e alteração, dizem, sobrevém a embriaguez. E uma prova evidente do que digo é o que se passa com as raposas: se não bebem depois de comerem

⁷⁶ Vide *Timeu* 65c.

⁷⁷ *Iliada* 11. 846-848.

amêndoas amargas, morrem por ficarem totalmente privadas de líquidos.”

QUESTÃO 7

625A

Por que motivo os anciãos preferem vinho puro.

Intervenientes: Plutarco e outros.

1. No que respeita aos anciãos, investigava-se por que motivo preferem vinho mais puro. Sem dúvida, quem achava que era por a sua essência ser seca e difícil de aquecer, porque se adaptavam à violência da mistura, demonstravam uma opinião vulgar e simplista que não era suficiente para a sua explicação nem verdadeira. É que acontece o mesmo com as outras sensações, pois são lentos e avessos a compreender as propriedades das coisas, se não os atingirem de forma desmedida e violenta. A causa disto é o enfraquecimento da sua essência, visto que, por afrouxar e debilitar-se, gosta de emoções fortes. Por isso, no que respeita ao paladar, agrada-lhes muito mais os sabores picantes e o seu olfacto experimenta quase o mesmo, em relação aos odores, pois é estimulado com mais agrado pelos mais puros e intensos. E o tacto é insensível no que respeita às feridas, tanto que por vezes sofrem golpes e não lhes dói muito. O mesmo se passa com a audição, pois os músicos, à medida que envelhecem, compõem de um modo mais agudo e forte, como que estimulando a sensibilidade com a pancada de um som violento. O que é a têmpera para o gume do ferro representa o alento no que respeita à sensibilidade. Mas, quando este cede e afrouxa, a sensibilidade

B

C

deixa-se ficar paralisada e terrosa, a precisar de algo violento e pungente, como é o vinho puro.

QUESTÃO 8

Por que motivo os mais velhos lêem melhor ao longe.

Intervenientes: Lâmprias, Plutarco e outros.

D 1. Estas explicações que nós descobrimos para a questão anterior parecia contradizê-las o que respeita à vista. É que os mais velhos lêem afastando os escritos para longe dos olhos, porque ao perto não conseguem. Também o insinua Ésquilo⁷⁸ quando diz:

Tu, lê-o ao longe, porque ao perto não conseguirás.
Mesmo velho, torna-te num bom escriba.

Mais claro foi Sófocles⁷⁹ ao dizer o mesmo sobre os anciãos:

Uma lenta investida de palavras
a custo seguia pelo ouvido obstruído,
e ainda que ao longe veja, ao perto é totalmente cego.

E Portanto, se os sentidos dos anciãos reagem melhor às coisas intensas e violentas, como é que não suportam o reflexo da luz quando lêem ao perto e, pelo contrário, afastando o livro para mais longe, atenuam a luminosidade que se mistura com o ar, tal como o vinho com a água?

⁷⁸ Fr. 358 Radt.

⁷⁹ Fr. 858 Radt.

2. No entanto, havia alguns que, sobre este assunto, diziam que afastavam o livro dos olhos não para tornar a luz mais fraca, mas sim para apanhar e recolher mais claridade e encher de ar brilhante o espaço que está entre os olhos e o escrito. Outros, porém, tomavam o partido dos que fazem convergir os raios de luz: porque, quando se estende de cada um dos olhos um cone que tem o vértice no olho e cujos assento e base são abrangidos pelo objecto observado, é natural que cada um dos cones se estenda isoladamente até um determinado ponto; mas, quando ficam mais longe e convergem entre si, produzem uma só luz; por isso, também cada uma das coisas observadas aparece como uma só e não como duas, mesmo se se manifestarem ao mesmo tempo a ambos os olhos. A causa disto reside no facto de a intersecção e a convergência dos cones no mesmo ponto produzir uma só visão a partir de duas. Sendo assim deste modo, os mais velhos, se aproximarem os escritos, como os raios ainda não se misturaram, mas tocam cada um deles separadamente, assimilam-nos de forma mais inconsistente; mas, se os afastarem para mais longe, como a luz já está misturada e existe em maior quantidade, distinguem-nos melhor, tal como aqueles que agarram com as duas mãos ao mesmo tempo o que não conseguem só com uma.

F

626A

3. Porém, o meu irmão Lâmprias, que certamente não conhecia o livro de Jerónimo⁸⁰, mas nele foi parar por meio da sua inteligência, disse que nós vemos através

⁸⁰ Jerónimo de Rodes, fr. 53 Wehrli.

das imagens que são projectadas dos objectos para a vista, que primeiro saem grandes e compactadas, pelo que incomodam os mais velhos ao perto, porque eles têm uma visão lenta e endurecida. Mas, se se projectarem para o ar e tomarem alguma distância, os elementos terrosos desintegram-se e caem, enquanto que os elementos finos, ao aproximarem-se da vista, ajustam-se aos poros de forma indolor e equilibrada, de tal forma que, por incomodarem menos, recebem-nas melhor. Na verdade, também os cheiros das flores são mais perfumados quando nos atingem de longe, mas se te chegas demasiado perto, não têm um aroma tão límpido e puro. A causa disto é que muitos elementos terrosos e baços seguem juntamente com o odor e eliminam o perfume quando se assimila de perto; todavia, se for de longe, os elementos baços e terrosos evadem-se e caem, mas a pureza e o calor, graças à sua finura, conservam-se para a percepção.

4. Quanto a nós, tendo em conta o princípio platonico⁸¹, dizíamos que um fluxo de claridade que vem dos olhos se mistura com a luz que envolve o corpo e obtém homogeneidade, de tal forma que, a partir de dois, forma-se um só corpo em harmonia absoluta. Um mistura-se com o outro no que respeita à simetria e à quantidade; é que não pode ser que um, dominado pelo outro, seja eliminado, mas sim que, a partir de duas coisas, consigam os dois unir-se num ponto médio como uma só força em harmonia e comunhão. Como o que

⁸¹ Vide *Timeu* 45b-c.

passa pela menina do olho das pessoas de idade – convém que se chame corrente, fluxo de luz ou então raio – é débil e frágil, não se dá uma união com a luz que é projectada do exterior nem uma mistura, mas sim uma destruição e confusão, a não ser que reduzam a claridade da luz ao colocarem os escritos a uma grande distância dos olhos, de modo a que não se apresente diante dos olhos em grande quantidade nem pura, mas sim de forma harmoniosa e proporcional. Isto é a causa do que acontece aos animais que se alimentam de noite, pois a sua visão, que é fraca, é inundada e dominada pela luz do dia, porque não consegue misturar-se em grande quantidade e com força por causa de um princípio fraco e escasso. Todavia, perante uma luz sombria e fraca como a de uma estrela, emite um raio suficiente e proporcional, de tal forma que, em conjunto, produzem a percepção.

QUESTÃO 9

Por que motivo se lava melhor a roupa com água doce do que com a do mar.

Intervenientes: Téon, Temístocles e Plutarco.

1. Quando estávamos num banquete na casa de Méstrio Floro, o gramático Téon confrontou Temístocles, o estóico, com o facto de Crisipo⁸² muitas vezes fazer observações incoerentes e descabidas, como dizer que «o peixe conservado com sal, se for embebido na salmoura, torna-se mais doce», que «quem desmembra as mechas

⁸² Fr. 546 von Arnim.

F de lá com força tem menos rendimento do que quem as desfia com delicadeza» e que «come-se com mais vagar quando se tem fome, do que quando já se comeu», sem que desse uma explicação de nenhuma delas. Depois de dizer que Crisíspo propunha estas observações somente como exemplo de quão fácil e irracionalmente nos deixamos levar pelo verosímil e, por outro lado, desconfiamos do que está para além do verosímil, Temístocles, 627A voltando-se para ele, perguntou: “Meu caro, mas que necessidade tens de levantar questões sobre este assunto? Se, em nosso favor, te tornaste investigador e observador das causas, não montes o acampamento tão longe do objecto de estudo, mas diz por que motivo Homero colocou Nausícaa a lavar junto ao rio e não ao pé do mar, ainda que estivesse perto; é sem dúvida lógico que é mais quente, mais límpido e lava melhor”.

2. E Téon disse: “mas isso que nos dá a conhecer há muito tempo que Aristóteles⁸³ o resolveu através dos elementos terrosos. É que o espesso e o terroso estão dispersos pelo mar e esta mistura provoca a salinidade. É graças a isto que o mar sustenta melhor os que nadam e aguenta as coisas pesadas, ao passo que a água doce cede por causa da sua leveza e fraqueza, pois é límpida e não tem mistura. Logo, por causa da leveza infiltra-se e, ao passar pelo tecido, elimina melhor as nódoas. Ou não te parece que Aristóteles disse isto com convicção?”

⁸³ Vide *Meteorológicos* 359d.

3. “Com convicção, mas não com verdade – disse eu; é que vejo que tornam a água mais espessa com cinza e soda e, se não tiverem disto por perto, muitas vezes fazem-no com pó, porque conseguem lavar melhor a sujidade graças à aspereza dos elementos terrosos, porque só a água, por causa da leveza e da fraqueza, não faz isto da mesma forma. Portanto, a densidade da água do mar não invalida que se faça isto, nem contribui menos para a purificação por causa da aspereza. É que esta, ao dilatar e abrir os poros, extrai a sujidade. Como todas as gorduras são difíceis de lavar e fazem nódoas, bem como o mar é gorduroso, esta seria a causa de não ser a melhor para lavar bem. Que é gorduroso disse-o também o próprio Aristóteles⁸⁴. De facto, os sais têm gordura e fazem com que as lamparinas ardam melhor, bem como a própria água do mar, se for salpicada sobre as chamas, cintila com elas, e de entre as águas, a do mar é a que cintila mais; na minha opinião, isto acontece porque é a mais quente. Ou então, dito de outra forma: como o arrefecimento é a finalidade da lavagem e o que fica seco mais depressa é o que se apresenta mais lavado, é forçoso que o líquido que lava saia juntamente com a sujidade, tal como o heléboro⁸⁵ com a doença. Desta forma, o sol tira facilmente a água doce por causa da leveza, ao passo que a salgada, por ficar retida nos poros em virtude da aspereza, é difícil de secar.”

⁸⁴ Vide *Problemas* 432b; 933a.

⁸⁵ Planta de sabor amargo utilizada na Antiguidade como purgante somático e psicológico.

4. E Téon, tomando a palavra, disse: “não afirmas nada de útil, na medida em que Aristóteles⁸⁶ diz nesse mesmo livro que aqueles que se lavam no mar secam-se mais depressa do que os que usam água doce, se estiverem ao sol.

E – Foi o que eu disse – respondi eu –, mas pensava que acreditavas mais em Homero, que disse o contrário. É que Ulisses, depois do naufrágio, encontrou Nausícaa e apareceu «horrrível, impregnado de sal»⁸⁷ e disse às criadas

Criadas, mantenham-se assim à distância, até que eu mesmo lave o sal dos ombros⁸⁸.

F Descendo até ao rio, «limpou da cabeça a espuma do mar»⁸⁹ e o poeta entendeu perfeitamente o que aconteceu: sempre que aqueles que saem do mar se põem ao sol, o calor leva os elementos mais finos e mais leves da humidade, enquanto que os salgados e ásperos continuam agarrados e mantêm-se no corpo como uma crosta salgada, até que a limpem com água potável e doce.”

628A

QUESTÃO 10

Por que motivo em Atenas nunca classificavam em último lugar o coro da tribo Eântide.

Intervenientes: Marco, Mílon, Filopapo, Gláucias, Plutarco e outros.

1. Durante a festa da vitória de Sarápcion, quando lhe foi atribuída a vitória por dirigir o coro na tribo

⁸⁶ Vide *Problemas* 932b.

⁸⁷ *Odisseia* 6. 137.

⁸⁸ *Odisseia* 6. 218-219.

⁸⁹ *Odisseia* 6. 226.

Leôntide, nós, que éramos convidados na qualidade de cidadãos da mesma tribo, conversávamos a respeito da solenidade do momento. O certame, dirigido de forma notável e magnífica pelo rei Filopapo, que naquele tempo era o corego de todas as tribos, mantinha um espírito de competição extremamente intenso. Acontecia que o anfitrião tanto falava de coisas antigas como escutava o que nós dizíamos – por gentileza, mas não menos por gosto de aprender.

B

2. Uma questão desse género foi lançada por Marco, o gramático. Dizia que Neantes de Cízico afirmava nas lendas sobre a sua cidade que a tribo Eântide tinha o dom de o seu coro não ser classificado em último lugar. “É certo – disse –, que o homem forjou a estória tendo em conta a demonstração, mas, se não adulterou esta parte, que a investigação da sua causa seja submetida à apreciação de todos nós”. E quando o amigo Mílon referiu “e se essa afirmação for mentira?”, Filopapo respondeu “não seria nada de terrível, se tivermos a mesma fé que o sábio Demócrito em relação à erudição. É que ele, segundo parece, quando comeu um pepino, como lhe pareceu ter sabor a mel, perguntou à criada onde o tinha comprado; como ela disse ter sido num horto, levantou-se e ordenou-lhe que o levasse e lhe mostrasse o local; como a mulher se admirou e perguntou o que queria, ele disse: «é necessário que eu descubra a causa da doçura, e descobri-la-ei se observar o lugar. Então, senta-te – disse a mulher a rir –, porque eu, sem querer, pus o pepino numa vasilha com mel». Mas ele, de

C

D certa forma chateado, disse «inquietaste-me, mas não me dedicarei menos ao assunto e investigarei a sua causa, tal como se a doçura estivesse relacionada e ligada ao pepino». Deste modo, não façamos da indiferença de Neantes em alguns pontos um pretexto para fugir à questão, pois a conversa, se mais nada de útil tiver, permitirá praticarmos”.

3. Então, puseram-se todos por igual a elogiar a tribo, referindo tudo aquilo que lhe conferisse boa reputação. E Maratona, por ser um demo desta tribo, era posta no centro das atenções; declaravam que Harmódio e os seus eram Eântides, por, de facto, serem de Afidna, um dos demos. Gláucias, o orador, disse que o flanco direito da formação tinha sido entregue aos Eântides, a fazer fé nas elegias de Ésquilo, que combateu de forma brilhante naquela batalha⁹⁰. Mencionou ainda que Calímaco fora polemarco daquela tribo, ele que se mostrou um homem excelente e, a seguir a Milcíades, foi o maior responsável pela batalha, porque votou o mesmo que ele. Eu acrescentei a Gláucias que também o decreto que levou os Atenienses para a batalha foi redigido enquanto a tribo Eântide exercia a pritania e que foi a tribo mais glorificada na batalha de Plateias. É por isso também que os Eântides levaram a oferenda comemorativa da vitória ordenada pela Pítia para o Citéron às Ninfas Esfragitidas, tendo sido a cidade que lhes forneceu a vítima e o resto das coisas. “Mas vêς que também outras tribos têm muita fama – disse eu – e sabem

⁹⁰ Fr. 2 West.

que a minha, a Leôntide, é a primeira e não fica atrás 629A
de nenhuma. Vejam se não é mais fiável dizer que isto
é um estímulo e uma apologia do epónimo da tribo;
é que o Telamónio⁹¹ não sofria uma derrota de ânimo B
leve e era capaz de vexar toda a gente por causa da
sua raiva e mau-perder; portanto, para que não fosse
insuportável e inexorável, decidiu-se retirar-lhe a parte
mais incómoda da derrota, não atirando nunca a sua
tribo para o último lugar.

⁹¹ Ájax de Télamon.

NO BANQUETE

LIVRO II

INTRODUÇÃO

Ao abrir o segundo livro das *Quaestiones Convivales* – com um *prooemium* que, para alguns, será mais um comentário ao livro I que uma introdução ao seguinte –, Plutarco parece querer justificar o teor avulso ou pouco pertinente de alguns dos temas propostos e a propor de futuro. Sublinha, por isso, que constituem, apesar de tudo, opções mais cativantes do que as execuções musicais, demonstrando, mais uma vez (cf. I.1) que, nos banquetes, considera preferíveis estes debates àqueles entretenimentos. Trata-se, portanto, em muitos casos, da busca de erudição pela erudição. Salta aos olhos do leitor a divisão entre as estritas «questões sobre o banquete» (*sympotiká*) e as mais genéricas «questões de banquete» (*symposiaká*) – distinção, tanto quanto sabemos, estabelecida pela primeira vez por Plutarco, mas que aponta para géneros já existentes.

Questão estritamente relativa ao convívio é apenas a última, sobre a distribuição da comida e da bebida nos banquetes, mas o fundo é filosófico: pondo em confronto o serviço por doses iguais e a partilha livre, de acordo com o desejo de cada um, Plutarco expõe a ideia platónica da rejeição da igualdade «aritmética» em favor da igualdade «geométrica», segundo as diferenças e méritos individuais.

Estão, contudo, presentes em *No banquete* outros temas ligados de alguma maneira ao contexto do convívio; e, desde logo, o de abertura, sobre as perguntas e as graças

que se devem dizer à mesa. Na primeira parte, relativa às perguntas a que agrada responder, vislumbra-se o discurso estóico contra o auto-elogio; na segunda, respeitante ao correcto emprego da troça, parece haver sobretudo inspiração peripatética, colhida eventualmente em Teofrasto. O autor procura compor, num longo monólogo, uma espécie de manual de boas maneiras e propõe uma prática retórica que preconiza a moderação, o tacto, o uso da razão e domínio das paixões, de modo a promover o são convívio e evitar agravos, nocivos no banquete. Trata-se de uma aplicação da afabilidade e sociabilidade que, como defende J. Ribeiro Ferreira na introdução geral, definem a filantropia de Plutarco.

Também relacionado com o banquete, embora não estritamente ligado à sua organização, é o tema da questão segunda: a razão de haver mais apetite no Outono. Um pormenor realista é o facto de esta conversa partir da troça de que é alvo o irmão do autor, pela sua «voracidade beócia». O facto de Plutarco transmitir a opinião de Lâmprias é um dos argumentos usados a favor da existência real de tais conversas. As questões 4 e 5, ligadas pelo tema da antiguidade da luta, estão associadas ao contexto do banquete concreto em que surgem: o jantar comemorativo do triunfo de Sóicles de Corone, que tinha obtido a vitória da poesia nos jogos Píticos, bem como a proximidade do concurso gímnico. Mas o acontecimento serve de pretexto para uma ostentação de erudição filológica e literária.

Não falta, contudo, a fantasia, mascarada de realismo, em algumas das conversas. Tem constituído um

argumento a favor dos que negam a historicidade dos diálogos de *No banquete* o facto de a questão sexta deste livro ter por cenário e motivação uma série de enxertos nas árvores dos jardins de Sóclaro, considerados credíveis na época, mas que hoje sabemos serem impossíveis.

Fantásticas são também muitas das etimologias, usadas como prova, na convicção de que, de acordo com a teoria do *Crátilo* de Platão, os nomes não são arbitrários, mas estabelecem uma relação necessária com a realidade. Tal procedimento é visível na questão quarta, cujo objectivo é demonstrar que a luta é a prova desportiva mais antiga, mas que se enreda e esgota num jogo erudito de etimologias duvidosas ou falsas. Mais do que a verdade, parece procurar-se, nestes debates, uma lógica interna no encadeamento dos raciocínios (sublinhada pela expressão *logon echei*).

Manifestações de erudição ocorrem também na desmontagem de preconceitos do senso comum, ultrapassando o empirismo com a busca de uma causa mais profunda, que se não descortina directamente no mundo sensível, de acordo com a ideia platónica de que a verdade está para além das aparências, mas também com o método aristotélico de, a partir da observação do accidental, abstrair as leis essenciais. Neste campo se situa a discussão, já referida na introdução geral, sobre a Rémorra (II.7), que, ao contrário do que parece, não é a causa de o navio se tornar mais lento, mas um sintoma: a sua presença é a consequência do emaranhado de algas que se vai colando à quilha e que trava o avanço; e as considerações sobre cavalos ditos «likospades» (II.8),

que se mostram intrépidos não por terem sido mordidos pelos lobos, mas que escaparam com vida porque já eram corajosos.

A erudição filosófica e a busca da causa primeira está presente no problema insolúvel de saber quem teve a primazia: a galinha ou o ovo (II.3). Na discussão se imiscuem crenças órfico-pitagóricas sobre o simbolismo do ovo e os postulados platónicos e aristotélicos sobre a perfeição e pré-existência do universo e sobre a primeira origem dos seres a partir da terra. A verdade é que a autogénese, bastante ilustrada nesta questão, vigorou até aos tempos modernos. O diálogo é ilustrado com diversos apontamentos sobre o mundo animal e princípios de causalidade colhidos sobretudo de Aristóteles e dos peripatéticos.

Neste livro, aparecem ilustrados diversos princípios também alhures postulados pelo autor, como o da busca da harmonia na natureza, através do equilíbrio entre sólidos e líquidos, que faz com que, em resultado do elevado consumo dos últimos, no Verão, devido ao calor, o apetite aumente no final da estação (II.2). Está aqui também patente a teoria aristotélica, exposta por Lâmprias, de que o arrefecimento da superfície leva à concentração do calor, responsável pela digestão no Inverno. E a teoria peripatética do efeito metabólico do calor do *pneuma*, capaz de digerir ossos duros, explica o facto de se tornar mais saborosa a carne mordida pelo lobo; ou então será uma aplicação da crença no poder do bafo (II.9), propriedade que se estendia a vários animais, sobretudo carnívoros. Trata-se da pesquisa

sobre a natureza das coisas. A razão de as coníferas não acolherem enxertos tem de buscar-se na sua natureza indomável (II.6). Como se vê, várias questões revelam o interesse erudito pelo mundo natural: a zoologia, a botânica, a gestação, o funcionamento do corpo.

De entre as várias tendências filosóficas gregas, que conheciam um especial renascimento na passagem do I para o II século, o especial tributo a Platão está, desde logo, patente no argumento com o qual Plutarco, ao salientar, no fecho do proémio, o pendor didáctico da obra, se escusa pelo facto de Sósio Senecião ser ao mesmo tempo destinatário da obra e interveniente em alguns diálogos: a ideia de que aprender é recordar, eco da teoria da *anamnesis*, exposta no *Ménon*.

José Luís Brandão

LIVRO II

PROÉMIO

1. Dos preparativos que se fazem para os jantares e para os convívios, Sócio Senecião, uns têm o estatuto de necessários, como o vinho, a comida, os acepipes, e, claro está, os leitos e as mesas; outros surgem como suplementares, por mero prazer, sem serem acompanhados de uma função prática, como é o caso das audições e espectáculos e um bobo – tal qual Filipe no banquete de Cálías¹ - elementos cuja presença é encantadora, mas que, se estão ausentes, nem por isso se lhes sente a falta, nem se critica o evento, como se estivesse mais incompleto. O mesmo se passa com as conversas: os moderados acolhem umas em vista da sua utilidade nos banquetes, enquanto outras as aceitam por terem um tema cativante e mais conveniente para a ocasião do que o aulo² ou o bárbito³. Dessas conversas já o nosso anterior livro continha exemplos misturados de um e outro género:

¹ Xenofonte, *Banquete* 1.11 sqq.

² Instrumento de sopro da Grécia Antiga que se assemelharia ao actual oboé.

³ Grande lira grega de nove cordas.

do primeiro é a que diz respeito ao acto de filosofar durante a bebida e a que discute se é o próprio anfitrião a distribuir os lugares ou os deve deixar ao critério dos convivas, e assuntos semelhantes; do segundo tipo são a que trata da propensão dos apaixonados para a poesia e a que respeita à tribo dos Eântides... [Ao primeiro tipo] chamo ‘conversas sobre o banquete’ propriamente ditas; ao segundo, chamo genericamente ‘conversas de banquete’. Mas aparecem escritas ao acaso, e não discriminadas, conforme cada qual me veio à ideia. Não devem, no entanto, os leitores ficar admirados se, apesar das conversas serem dedicadas a ti, algumas foram também por ti conduzidas. Pois, se o acto de aprender não garante a recordação, muitas vezes o aprender e o recordar situam-se no mesmo plano.

QUESTÃO 1

Quais são as perguntas e as graças que Xenofonte diz serem mais agradáveis de se fazerem enquanto se bebe e quais não.

Intervenientes: Sócio Senecião e Plutarco.

1. Das dez questões atribuídas a cada livro, está neste a primeira que, de certa maneira, Xenofonte, o discípulo de Sócrates, nos colocou. Diz ele, de facto, que Góbrias⁴, enquanto jantava com Siro, admirava as particularidades dos Persas e especialmente o facto de colocarem uns aos outros questões sobre as quais era mais

⁴ Príncipe assírio que apoiou Ciro e desempenhou um papel importante na conquista da Babilónia em 539 a.C. Xenofonte, *Cirópedia* 4.6-5.2, 18.

agradável ser interrogado que não o ser e de gracejarem sobre assuntos de que era mais agradável ser objecto de gracejo que não ser. Pois, se há pessoas que tantas vezes irritam e agastam com os seus elogios, como não havia de ser digno de admiração o amável gracejar e a fineza de espírito daqueles cujos chistes davam grato prazer aos que eram objecto de gracejos? Ao receber-nos, então, em Patras, disseste que aprenderias de bom grado qual era o género dessas tais perguntas e qual o seu modelo: “não é parte nada pequena do convívio social – dizias tu – o conhecimento e a observância da justa medida nas perguntas e nas brincadeiras”.

F

2. “É grande, evidentemente, – disse eu –, mas vê lá se não é verdade que o próprio Xenofonte no banquete socrático e nos banquetes persas apresenta o género. Se, no entanto, te parece bem que também nós nos debrucemos sobre este assunto, afigura-se-me, antes de mais, que é agradável ser interrogado sobre aquilo a que facilmente se pode responder, a saber, aquelas coisas das quais se tem experiência. Pois, no que toca ao que se desconhece, ou se cai na situação incómoda de não dizer nada, como se não se fosse capaz de dar o que é pedido, ou se mete os pés pelas mãos e se fica em maus lençóis, ao responder com opiniões e conjecturas hesitantes. Ora se a resposta implicar não só facilidade mas também alguma especialização, torna-se mais agradável para quem responde. Especializadas são as respostas daqueles que sabem o que não muitos conhecem ou ouviram, como a astrologia, a dialéctica, quando se tem competência em

630A

B

tais matérias. Pois não é só à acção ou à rotina diária que cada qual se entrega com prazer, mas também à conversa, como diz Eurípides,

«para ter ocasião de se superar a si próprio»⁵.

E alegram-se com as questões os que, por dominarem tais conhecimentos, não querem que estes fiquem desconhecidos ou ocultos. É por isso que os que fizeram viagens e os que atravessaram os mares têm mais prazer em que os interroguem sobre terras distantes e mares exóticos, bem como sobre costumes e leis dos bárbaros, e põem-se a referir e a descrever com entusiasmo baías e lugares, na convicção de que tiram alguma glória e consolação das penas por que passaram. Geralmente, é sobre os assuntos, de que nós próprios costumamos falar longamente sem que ninguém nos pergunte, que preferimos ser questionados, por julgarmos, desta forma, agradar àqueles cujo aborrecimento seria difícil de evitar. E este género de vício desenvolve-se sobretudo nos marinheiros. Os mais cerimoniosos, porém, querem que lhes perguntem as coisas de que têm pudor de falar, apesar de o desejarem, e às quais poupam os presentes – por exemplo, tudo o que, por acaso, levaram a cabo ou em que tiveram êxito. Nisto, procedeu correctamente Nestor, que ao conhecer o desejo de glória de Ulisses, lhe disse:

«Vá, diz-me, famoso Ulisses, alta glória dos Aqueus, como é que vocês os dois se apoderaram destes cavalos»⁶

⁵ Fr. 183 Nauck².

⁶ *Iliada* 10. 544-545.

São, pois, incomodativos os que se auto-elogiam e se põem a desfiar os seus próprios êxitos; a menos que algum outro lho peça, e falem, por assim dizer, forçados. Tiram, sem dúvida, prazer em ser interrogados sobre embaixadas e sobre política os que tenham, por acaso, feito algo de grandioso e brilhante. É por isso que os invejosos e os de mau carácter fazem o menos possível perguntas sobre estes assuntos; e, se um outro as faz, barram e desviam a conversa, de modo a não dar lugar à narrativa nem consentir em oferecer ao que fala o meio de colher a honra das suas palavras. E, por conseguinte, agrada-se aos que respondem, perguntando aquilo que se percebe que os inimigos e os malquerentes não querem ouvir.

3. Assim falou Ulisses a Alcínoo:

E

«O teu íntimo te levou a indagar das minhas amargas penas, para que assim me lamente com um pranto ainda maior»⁷

E Édipo ao Coro:

«Terrível é despertar, ó estrangeiro, um mal há muito adormecido»⁸.

Eurípides, pelo contrário:

⁷ *Odisseia* 9.12.

⁸ Sófocles, *Édipo em Colono* 510-511. Embora em Sófocles seja o coro a dirigir estas palavras a Édipo.

«Como é agradável, [uma vez a salvo, a lembrança⁹] das
[penas!]¹⁰

[...] mas não o é para os que andam ainda errantes e suportam desgraças. Pelo que são de evitar as perguntas sobre desventuras, pois sentem-se incomodados os que contam processos judiciais desfavoráveis para eles ou enterros de filhos ou determinados negócios que
F correram mal por terra ou por mar. Mas, no que toca a um dia bem-sucedido na tribuna ou ao facto de um rei lhes ter dirigido a palavra ou de terem escapado ao perigo, enquanto outros pereceram devido a tempestades ou piratas, já gostam de ser questionados à saciedade, e, como retiram das palavras uma espécie do prazer das acções, mostram-se imparáveis a relatar e a recordar. E
63 IA também ficam todos contentes se os interrogam acerca de amigos que estão bem na vida ou acerca do progresso dos filhos nos estudos ou na vida pública ou na amizade dos reis. Mas as desonras, danos e condenações com que os inimigos e opositores foram confundidos e arrasados são assuntos sobre os quais mais prazer lhes dá serem interrogados e dissertam com maior vontade: só que eles, de moto próprio, não se atrevem, com receio de parecer que se alegram com as desgraças dos outros. Torna-se deveras agradável fazer perguntas sobre cães a um fulano aficionado da caça, sobre provas gímnicas a um amante de atletismo, sobre gente linda a um pinga-amor. Quanto ao devoto e dado aos ritos sagrados, com propensão

⁹ Para suprir a lacuna, os tradutores aceitam geralmente esta suposição, omitida na edição teubneriana.

¹⁰ *Andrómeda*, fr. 133 Nauck².

para descrever sonhos e quantas coisas levou a bom termo graças a presságios ou a sacrifício de vítimas ou ao favor dos deuses, também lhe agrada que o interroguem sobre estes mesmos assuntos. Agradam sobremaneira aos velhos, mesmo que o tema da conversa não tenha nada a ver com eles, os que lhes fazem perguntas e os espicaçam, já que eles estão desejosos disso.

«Nestor, filho de Neleu, diz-me a verdade: como morreu o
 [Atrida?
 Onde estava Menelau? Por acaso não estava em Argos da
 [Acaia?»¹¹

[...] muitas perguntas ao mesmo tempo e de modo a oferecer pretexto para muitas palavras. Não é como alguns que, ao restringirem o assunto ao essencial e ao reduzir as respostas, retiram o mais agradável ao entretém da velhice. Em suma, quem antes quer deliciar que arrelhar lança perguntas tais, cujas respostas acarretem junto de quem ouve não censura, mas elogio; não ódio ou despeito, mas benevolência e agrado. Tudo isto, portanto, no que toca às perguntas.

4. Quanto ao gracejo, quem se mostrar incapaz de o manusear de forma oportuna, com cautela e habilidade, deve abster-se completamente dele. Pois, tal como num lugar escorregadio, quem o toque, mesmo só de passagem, logo se estatela, assim também, no meio dos copos, sempre que haja ocasião de falar sem ponderação,

¹¹ *Odisseia* 3.247 sqq.

nos encontramos numa situação resvaladiça. É que, por vezes, somos mais afectados pelo gracejo do que pelo insulto, pois enquanto este é amiúde resultado de uma ira involuntária, aquele lançamo-lo não por força do momento, mas por efeito da insolência e mau carácter. E geralmente irritamo-nos mais com os que falam de forma ponderada do que com os que dizem o que lhes vem à cabeça, uma vez que, em geral, o gracejo se apresenta como um insulto premeditado de forma estudada¹². Pois, quem te chama «vendedor de conservas» está a insultar sem mais, mas quem diz «ainda nos lembramos de quando te assoavas com os braços» está a fazer troça. Também Cícero a Octávio, que parecia ser Líbio, quando este lhe disse que não ouvia o que ele dizia, lhe respondeu: «tens então as orelhas furadas!»¹³. E Melântio¹⁴, alvo da troça do comediógrafo, respondeu-lhe: «não me estás a pagar aquilo que me deves». De facto, as chalaças mordem mais – da mesma forma que os dardos com farpas se fixam por mais tempo – e o atractivo da argúcia atormenta os visados, ao mesmo tempo que delicia os presentes, pois, deleitados com o dito, parecem fazer fé em quem o profere e associar-se ao massacre. Tanto que, segundo Teofrasto, o gracejo é uma transformação da censura de um erro: o que ouve, por si mesmo, acrescenta por conjectura o que ficou por dizer, como verosímil e credível. É que quem se ri e se diverte com uma resposta do género

¹² Texto lacunar.

¹³ O que quer dizer que teria sido escravo.

¹⁴ Poeta trágico ridicularizado por Aristófanes.

da de Teócrito¹⁵ – que, quando um fulano com fama de ladrão lhe perguntou se ele ia a um jantar, disse que sim, mas que dormia lá¹⁶ – faz o mesmo que confirmar a acusação. E, por isso, aquele que se põe a troçar sem cautela está a infundir mau carácter nos presentes, uma vez que eles gozam com o mal e se juntam ao desaforo. Uma das artes que parecia bem na bela Lacedemónia era a de troçar sem ofender e de suportar as troças recebidas. E se, por acaso, alguém recusava ser objecto de troça, o trocista parava imediatamente. Como é que então não há-de ser difícil encontrar um gracejo agradável para quem a recebe, se a chalaça não ofensiva até implica uma experiência e uma habilidade que não é fruto do acaso?

F

632A

5. No entanto, parece-me que as chalaças ofensivas para aqueles a quem se aplicam são as que, antes de mais, causam um grande prazer e agrado aos que estão livres da acusação. Assim Xenofonte introduz por brincadeira aquele superasqueroso e superpeludo, achincalhado como amante de Sambaulas¹⁷. E estás recordado do nosso Quieto¹⁸ que, por se queixar, numa doença, de que tinha as mãos frias, lhe respondeu Aufídio Modesto¹⁹: «em contrapartida, trouxeste-as quentes da tua

¹⁵ Sofista Teócrito de Quios, famoso pelos seus sarcasmos, que, inclusivamente, lhe custaram a vida.

¹⁶ Os ladrões atacavam os convivas ébrios à saída dos banquetes.

¹⁷ *Ciropedia* 2.2.28.

¹⁸ Provavelmente Avídio Quieto, a quem são dedicados *De fraterno amore* e *De sera numinis vindicta*.

¹⁹ Mencionado em *Quaestiones Convivales* 1.2 (618F).

provincia». Isto para ele foi motivo de riso expansivo, enquanto que para um procônsul que se dedica à extorsão seria uma injúria e uma vergonha. Por isso também, quando Sócrates desafiou Critóbulo, que era muito bem parecido, para um concurso de beleza, estava simplesmente a brincar, não a fazer troça dele²⁰. Pelo contrário, Alcibíades fazia chacota de Sócrates por causa do seu ciúme em relação a Ágaton²¹. E até os reis têm prazer em que lhes falem como a pobres e simples particulares, à semelhança do parasita que, alvo da troça de Filipe, lhe respondeu: «não sou eu que te alimento?!»²². É que a falar dos defeitos ausentes se enfatiza as virtudes presentes. Mas é conveniente que uma virtude esteja presente de forma consensual e segura, senão o dito, ao revés, acarreta uma interpretação ambígua. Assim, dizer a quem é muito rico que lhe vai trazer os credores; ou chamar esponja e borrachão a quem só bebe água e se mantém sóbrio; ou apelidar de avarento e unhas-de-fome quem é pródigo, generoso e benfeitor; ou ameaçar de condenação na ágora a um fulano que é peixe graúdo nas leis e na política gera bom-ambiente e sorrisos. Do mesmo modo, Ciro, ao desafiar os companheiros em campos em que lhes ficava atrás, tornava-se amável e agradável²³. E já que Isménias, quando acompanhava à flauta um sacrifício, não conseguia obter auspícios favoráveis, o que

²⁰ Xenofonte, *Banquete* 4.19.

²¹ Platão, *Banquete* 213c.

²² Ateneu (248E) diz que a anedota se encontra nos *Apomnemoneumata* (*Memórias*) de Linceu de Samos e que, segundo o peripatético Sátiro, o nome do parasita era Clísofo.

²³ Xenofonte, *Ciropedia* 1.4.4.

o contratara tirou-lhe o instrumento das mãos e pôs-se a tocá-lo de forma ridícula; perante as censuras dos presentes, disse: «tocar flauta de forma agradável é coisa de deuses!». Porém Isménias, a rir-se, retorquiu: «mas enquanto eu tocava, os deuses estavam entretidos com o prazer de me ouvir; e com a pressa de se verem livres de ti acolheram o sacrifício».

D

6. Mais ainda, os que designam as boas acções com termos injuriosos por brincadeira, desde que tenham modos, alegam mais do que os que elogiam de forma directa. Pois também mordem mais os que insultam através de palavras favoráveis, como chamar Aristides aos perversos e Aquíles aos cobardes – e o Édipo de Sófocles²⁴ ao referir-se ao

«fiel Creonte, amigo desde o princípio».

No caso dos elogios, parece tratar-se, pois, de um género correspondente à ironia, que também Sócrates²⁵ usou ao apelidar de depravação e prostituição a capacidade de Antístenes de promover a amizade e a união entre os homens. Também ao filósofo Crates, por ser recebido com honra e benevolência em toda a casa onde entrava, chamavam o «Abre-portas»²⁶.

E

7. Torna-se uma chalaça agradável também por meio de uma censura que manifesta agradecimento,

²⁴ *Rei Édipo* 385.

²⁵ Xenofonte, *Banquete* 4.61.

²⁶ Diógenes Laércio 6.86.

como dizia Diógenes a propósito de Antístenes:

«o que me cobriu de trapos e me obrigou
a tornar-me mendigo e afastou de casa».

Pois não teria sido tão chamativo se dissesse «o que me tornou sábio, autónomo e feliz». Assim também o lacedemónio, que, fingindo censurar o gimnasiarca de fornecer lenha que não fazia fumo, dizia: «por causa dele nem sequer podemos chorar!» e o que chamava traficante de pessoas e tirano ao que o convidava para jantar, já que, por causa deste, durante muitos anos não vira a sua própria mesa; e o que dizia ter perdido o sossego e o sono graças às maquinações do rei, porque de pobre se tornara rico. E é como se alguém, em resposta à graça, culpasse os Cabiros de Ésquilo de «terem feito com que o vinagre fosse raro na sua casa», tal como eles próprios, por brincadeira, ameaçaram²⁷. Tais ditos caem melhor, por terem uma graça mais fina, de modo a não ofender ou incomodar os que são elogiados.

8. Quem se prepara para, de modo adequado, fazer uso de uma chalaça convém também que conheça a diferença entre um vício e uma inclinação: basta falar da avidez de dinheiro e de vinho face à dedicação à música e à caça. É que quem é alvo de brincadeiras em relação aos primeiros sente-se incomodado, mas no que respeita aos últimos já fica agradado. Não foi de modo algum

²⁷ Fr. 97 Radt. O que quer dizer que o vinho seria abundante.

desagradável Demóstenes de Mitilene²⁸, quando, ao bater à porta de um devotado cantor e citarista e assim que este lhe respondeu e o convidou a entrar, disse: «Só se primeiro guardares a cítara!». Já desagradável foi a saída do parasita de Lisímaco: certa vez este último lhe lançou um escorpião de madeira no manto, assustou-se e deu um salto; mas, ao compreender a brincadeira, replicou: «também eu quero pregar-te um susto, ó rei: dá-me um talento!»²⁹.

B

9. São idênticas as diferenças também no que concerne às variadas deformações físicas. Os que são alvo de chacota em relação ao nariz aquilino ou achatado riem-se, como o amigo de Cassandro que não se ofendeu com Teofrasto quando este lhe disse: «Admira-me que os teus olhos não cantem, com essas trombetas a darem-lhes o tom!». E Ciro aconselhou um narigudo a casar com uma mulher de nariz achatado, de modo a encaixarem bem. Mas ofendem-se com as graçolas acerca do mau hálito das narinas ou da boca³⁰. De modo inverso, suportam de boa mente as que incidem sobre a calvície e com desagrado as que respeitam à perda dos olhos. Antígono³¹, apesar de brincar consigo próprio pelo facto de só ter um olho e de, certa vez, ao pegar numa petição

C

²⁸ Personagem desconhecida.

²⁹ A réplica ataca um vício do rei, que segundo a explicação de Ateneu (246E), recolhida do historiador Aristodemo, era muito avaro. O nome do parasita era Bitis.

³⁰ Associado pelos antigos à prática de sexo oral (cf. Marcial 12.85).

³¹ Trata-se do diádoco Antígono I, chamado ‘Monoftalmo’ e ‘Ciclope’.

escrita em letras garrafais, ter dito «isto está claro até para um cego!», mandou, por outro lado, matar Teócrito de Quios, porque este, a um fulano que lhe tinha dito «se compareceres diante dos olhos do rei, estarás salvo», respondeu: «ora aí está uma salvação que para mim é impossível!³²». Leão de Bizâncio³³, quando Pasiades lhe disse que ele sofria de oftalmia por sua culpa, respondeu:

- D «censuras-me uma doença do corpo sem veres que o teu filho carrega sobre os ombros um castigo divino!»³⁴. É que Pasiades tinha um filho corcunda. Irritou-se também Arquipo, o demagogo ateniense, por Melântio ter gracejado com a sua corcunda; pois Melântio disse não que ele estava colocado à frente da cidade, mas antes que estava curvado para a frente. Alguns há, no entanto, que suportam calma e serenamente estas graças, como aquele amigo de Antígono, que, depois de ter pedido um talento e não o ter recebido, exigiu uma escolta e guardas, «para não sofrer uma emboscada – dizia ele – já que parece que levo o talento ao ombro».
- E Assim se comportam as pessoas em relação ao aspecto exterior em razão da sua diversidade: uns ofendem-se com umas coisas, outros com outras. [Epaminondas, ao comer com os colegas de governo, bebia vinagre e, quando lhe perguntaram se isso fazia bem à saúde, respondeu: «não sei; mas de uma coisa tenho a certeza: é

³² Texto corrupto, reconstituído por C. Hubert com base em Macróbio.

³³ Discípulo de Platão, designado como sofista, motor da resistência contra Filipe da Macedónia.

³⁴ Uma variante desta anedota figura em Plutarco, *Moralia* 88F.

bom para eu me recordar do género de vida que levo em casa».]³⁵ Por isso, é conveniente que quem graceja faça uso de brincadeiras adequadas às diferentes naturezas e caracteres, esforçando-se por tratar cada interlocutor sem o ofender e com cortesia.

10. Entre outras coisas, o amor é muito complexo, e com as graças sobre ele há os que se ofendem e se irritam e os que se alegram. Convém saber quando é oportuno; pois tal como o fogo – que, de início, o vento apaga por causa da sua fraqueza, mas que, depois de ele se atizar, já lhe dá alento e força – assim também é o amor: quando ainda está encoberto, aborrece-se e irrita-se com os que o descobrem, mas, depois que irradia e se revela, alimenta-se e sorri com as piadas, que até o irão aumentar. E com maior agrado se acolhem as graças sobre o amor quando os amados estão presentes, mas não sobre outra coisa. E se, por acaso, alguns estão apaixonados pelas próprias esposas ou sentem um amor nobre por jovens honestos, ficam deveras radiantes e orgulhosos com as graças que sobre eles se dizem. Por isso, também Argesilau³⁶, quando, na escola, lhe foi proposto por um dos enamorados esta questão, «parece-me que nada toca nada», retorquiu «então tu também não tocas este?», indicando um belo jovem sentado ao lado dele.

F

634A

11. E há que ter em atenção também os que estão presentes. Pois as mesmas coisas de que se riam os

³⁵ Passo considerado interpolado por C. Hubert, por não se enquadrar no contexto.

³⁶ Mestre Platónico, da Academia Média.

ouvintes entre amigos ou familiares acabam por aborrecer, se são proferidas na presença das esposas, ou do pai, ou do professor, a não ser que algum dos ditos lhes seja agradável: por exemplo, quando alguém na presença de um filósofo é alvo de brincadeiras sobre o facto de andar descalço ou de escrever de noite, ou diante do pai sobre a sua parcimónia, ou diante da esposa sobre o seu desinteresse pelas outras e seu carácter servil e devotado para com ela, como Tigranes que à pergunta de Ciro «e então se a tua mulher ouvir dizer que tu carregas as bagagens?!» respondeu «mas não o ouvirá; ela própria estará lá para ver!»³⁷.

12. Torna, porém, os gracejos mais inofensivos o facto de também se aplicarem a quem os diz, como quando o pobre fala de pobreza, ou o de origem humilde fala da humildade de nascimento, ou o enamorado fala de amor; tal parece acarretar não insolência, mas uma espécie de jogo da parte de pessoas da mesma condição. Caso contrário, são ferroadas e agravos. É o caso do liberto do rei, um novo rico que ostentava de modo grosseiro e arrogante a sua preponderância em relação aos filósofos que com ele jantavam, e, por fim, lhes perguntou como é que de favas brancas e negras resultava da mesma forma puré verde: em resposta, perguntou-lhe Aridices como é que de correias brancas e negras resultavam vergões vermelhos³⁸, o que o fez levantar-se da mesa deveras enfurecido. Por seu turno, Ânfiás de

³⁷ Xenofonte, *Ciropedia* 3.1.43.

³⁸ Uma alusão à anterior condição de escravo do novo rico.

Tarso, que, segundo parece, era filho de um jardineiro, ao meter-se com o amigo do governador a propósito da sua origem humilde, pô-lo a rir, quando se interrompeu subitamente para acrescentar: «mas também eu nasci da mesma semente». E teve espírito o tocador de harpa que salientou ao mesmo tempo a aprendizagem tardia de Filipe e a sua ingerência, pois, presumindo Filipe refutá-lo em matéria de execução e harmonia, respondeu-lhe ele: «não te venha tal mal, ó rei, que saibas isto melhor do que eu!»³⁹. É que, simulando troçar de si mesmo, censurou-o sem o ofender. Por isso, alguns poetas cómicos parecem afastar o azedume virando a troça sobre si próprios, como fez Aristófanes a propósito da calvície⁴⁰ e da partida de Ágaton; e Cratino, ao pôr em cena «A Garrafa»...⁴¹

D

13. E não menos há que estar atento e velar para que a chalaça surja de modo fortuito, no seguimento de algumas perguntas ou em resultado de uma brincadeira, mas não como um entremez há muito preparado. Pois, tal como se suportam mais serenamente as exaltações e disputas no contexto dos banquetes – tanto que, se alguém de fora se intromete com insultos e agitação, o consideram indesejável e o abominam –, assim também uma chalaça acha perdão e liberdade de expressão se tiver a sua origem na situação presente, surgindo de modo simples e franco; mas, se não vier ao caso e estiver

E

³⁹ Cf. Plutarco *Moralia* 67F, 179B, 334C.

⁴⁰ Cf. *Cavaleiros* 500; *Paz* 765.

⁴¹ Lacuna. Cratino terá exposto na peça o seu vício do vinho, que Aristófanes lhe censurava.

fora do contexto, assemelha-se a maquinação premeditada e pura insolência. É o caso do que disse Timágenes ao marido de uma fulana que estava a vomitar:

«Pois começas mal, ao trazeres para casa tal musa!»⁴²

F e da pergunta feita ao filósofo Atenodoro sobre «se o amor pelos filhos era natural»⁴³. Pois o que é inoportuno e não vem a propósito acentua a insolência e a animosidade. De facto, aqueles, segundo Platão⁴⁴, pagaram a mais pesada pena pela mais ligeira acção: palavras. Mas os que sabem ter sentido de oportunidade e velam por isso testemunham em favor de Platão⁴⁵ que é tarefa de quem é bem-educado brincar com comedimento e graça”.

635A

QUESTÃO 2

Porque é que se tem mais apetite no Outono

Intervenientes: Xénocles, Plutarco, Gláucias, Lâmprias.

Em Elêusis, depois dos mistérios, com o festival no seu ponto alto⁴⁶, estávamos nós a jantar em casa de

⁴² Cf. Ateneu 616C. Segundo este autor, a graça foi dita por Telésforo a Lisímaco, que, por isso, o condenou à morte. A graça reside na divisão das palavras: τήνδε Μουσαν (esta Musa) ou τήνδ' ἔμουσαν (a que está a vomitar). Trata-se da transformação burlesca de um verso trágico.

⁴³ É difícil precisar o sentido desta graça, apesar de haver várias hipóteses. Os autores tendem a aceitar como mais provável a hipótese de Amyot de que o visado seria suspeito de abusar da sua filha.

⁴⁴ *Leis* 717d, 935a.

⁴⁵ *Idem*, 654b.

⁴⁶ Em finais de Setembro.

Gláucias, o retor. Quando os outros acabaram de comer, Xénocles de Delfos pôs-se, como era seu hábito, a fazer troça do meu irmão Lâmprias pela sua voracidade beócia. E eu, saindo em defesa dele, virei-me para Xénocles, que era seguidor dos preceitos de Epicuro, e disse: “É que nem todos, meu caro, fazem da supressão da dor a demarcação e o termo do prazer. E Lâmprias, que mais que o jardim honra o perípato e o Liceu, tem obrigação de testemunhar com as suas obras a favor de Aristóteles. Pois diz o nosso homem que é no final do Outono que cada um tem mais apetite; e até sugeriu a causa – eu é que não me lembro”.

“Ótimo! – disse Gláucias – assim nós mesmos trataremos de a descobrir, quando acabarmos de jantar”. Assim, quando se levantaram as mesas, Gláucias e Xénocles responsabilizaram de forma diversa os frutos do outono: o primeiro, porque fazem evacuar o ventre e, com esvaziar o corpo, proporcionam continuamente renovado apetite; Xénocles, por seu turno, disse que, por ter um paladar agradável e ácido, a maior parte dos frutos da estação estimula o estômago para a comida mais que qualquer outro alimento ou tempero; pois até os doentes com fastio, quando lhes levam frutos, recobram o apetite. Lâmprias, por sua vez, defendeu que o natural calor interno, com o qual por natureza nos alimentamos, enquanto, no Verão, se foi dispersando e tornando mais débil e rarefeito, no fim da estação, concentra-se e ganha novo vigor, escondendo-se no interior devido ao arrefecimento das extremidades e contracção do corpo. E eu, para não parecer que participava da conversa sem contribuir para ela, lá

D disse que durante o verão nos tornamos mais sedentos e consumimos mais líquidos por causa do calor. Então agora a natureza, ao procurar na mudança o contrário, como é seu costume, torna-nos mais esfomeados e devolve os alimentos sólidos à composição do corpo. “A verdade é que não se pode dizer que os alimentos não tenham nada a ver com a causa, mas, como provêm de frutos novos e frescos – não só bolos de cevada, leguminosas, pão e trigo, mas também carnes de animais, nutridos com os frutos da estação –, distinguem-se dos já passados no sabor e atraem mais os que deles se alimentam e tiram proveito”.

QUESTÃO 3

Que é que nasceu primeiro – a galinha ou o ovo?

Intervenientes: Alexandre, Plutarco, Sula, Firmo, Sósio Senecião.

E **1.** Desde que tive um certo sonho absteve-me de ovos por muito tempo, porque nele experimentava tomar um ovo como um cário⁴⁷, visão que me ocorria de modo claro e repetido. Tendo-nos convidado para jantar Sósio Senecião, logo dei azo à suspeita de que seguia a doutrina Órfica ou Pitagórica e de que, por considerar o ovo o princípio da vida – tal como alguns o coração e o cérebro –, o evitava religiosamente. E Alexandre, o epicurista, recitou por brincadeira:

«é o mesmo que comer as favas ou a cabeça dos pais»⁴⁸.

⁴⁷ Trata-se de uma expressão proverbial equivalente a ‘cobaia’. Da Cária provinha grande quantidade de escravos.

⁴⁸ Citação interpretada de forma diversa por diversos autores.

E, como os homens se referem de forma enigmática aos ovos como favas por causa da gravidez⁴⁹, concluem que em nada difere comer os ovos ou tirar o sustento dos animais que os põem. Mas a defesa contra a acusação tornava-se mais absurda do que a acusação em si: falar de um sonho a um epicurista. Pelo que não refutei a opinião, ao mesmo tempo que propunha uma brincadeira a Alexandre, pois era um tipo espirituoso e suficientemente erudito.

F

636A

2. A partir daqui, foi arrastado para o meio da conversa um caso insolúvel e que muito trabalho tem dado aos investigadores, a questão do ovo e da galinha: saber qual dos dois existiu primeiro. E o meu amigo Sula⁵⁰, alegando que com um pequeno problema, como com uma ferramenta, vasculhávamos de forma grave e profunda o da origem do universo, declinou o desafio. E, como Alexandre ridiculizou esta inquirição, por nada produzir de novo, o meu familiar Firmo disse: “empresta-me então, neste preciso momento, os teus átomos. Se se deve admitir que as coisas pequenas são os elementos componentes e os princípios das grandes, é provável que o ovo tenha existido antes da galinha⁵¹: é que se trata de uma coisa simples, entre as coisas sensíveis, ao passo que a galinha é mais complexa e mesclada. De forma geral,

B

Poderá estar aqui presente um sentido anatómico de *kuamos* – ‘testículo’.

⁴⁹ Por associação de *kuamos* ‘fava’ a *kuesis* ‘gravidez’.

⁵⁰ Sextio Sula, natural de Cartago, interveniente em vários diálogos.

⁵¹ Cf. Aristóteles, *Sobre o Céu* 286B 16.

o princípio vem primeiro, e o princípio é a semente; e o ovo é maior que uma semente, mas menor que um animal⁵². Tal como parece que o aperfeiçoamento está no meio entre a boa natureza e a virtude, assim também o ovo é uma espécie de aperfeiçoamento da natureza, no caminho que vai da semente ao ser animado⁵³. Do mesmo modo que se diz que do animal se formam primeiro as artérias e as veias, assim também é lógico que o ovo exista primeiro que o animal, tal como o continente está para o conteúdo. Pois também as artes moldam primeiro coisas indistintas e amorfas e só depois conformam cada qual com a sua imagem⁵⁴. Já dizia o escultor Policleto que a obra se torna mais difícil quando o barro está na ponta da unha⁵⁵. Por isso, é também natural que, a princípio, a matéria se submeta vagarosamente à natureza que pouco a move, produzindo imagens amorfas e indefinidas, como é o caso dos ovos, mas, quando estas ganham forma e se configuram, produz-se enfim o animal. E tal como nasce primeiro uma lagarta, que, depois de endurecida pela secura e de rebentar por fora, deixa por si mesmo sair outro ser alado, chamado borboleta⁵⁶, da mesma forma o ovo preexiste então, enquanto matéria da criação; pois é imperioso que, em toda a mutação, antes do que resultou esteja aquilo a partir do qual

⁵² Cf. Aristóteles, *Grande Moral* 1187A 33 e *Partes dos Animais* 653B 17; Plutarco, *Moralia* 780D.

⁵³ Cf. Aristóteles, *Partes dos Animais* 681A 12; *História dos Animais* 588B 4; *Sobre a Geração dos Animais* 737B 9.

⁵⁴ Cf. Aristóteles, *Partes dos Animais* 654B 29; *Movimento dos Animais* 191A 8 sqq.

⁵⁵ Isto é, nos aperfeiçoamentos finais.

⁵⁶ Cf. Aristóteles, *História dos Animais* 551A 13 sqq.

se mudou⁵⁷. Mas repara que os vermes das árvores e o bicho da madeira se geram pela putrefacção ou fermentação da humidade. Ninguém julgaria que não existisse coisa alguma antes destes nem que não fosse mais antigo na ordem natural o que os gerou. Pois a matéria possui a relação de mãe para com as coisas geradas, como dizia Platão, e de ama⁵⁸. E a matéria é tudo aquilo de que obtém substância o que é gerado. E além disso, disse-lhes a rir: «vou cantar para os que compreendem» a narrativa órfica e sagrada, que não só mostra que o ovo é mais antigo que a galinha, mas também que, em suma, lhe atribui ao mesmo tempo a total primazia em relação a todas as coisas. E, quanto ao resto, «cala-te boca», como diz Heródoto⁵⁹, já que se entra mais no campo dos mistérios. E, se bem que o mundo abarca diversas raças de animais, nenhuma, por assim dizer, está excluída da concepção a partir do ovo, mas é ele que produz miríades de animais alados, aquáticos e terrestres, lagartos, anfíbios e crocodilos; e bípedes, as aves; e sem patas, a serpente; e com várias patas, o gafanhoto. Daí que não é sem razão que, nos mistérios de Dioniso, se consagra o ovo como representação do que tudo cria e tudo abarca em si mesmo”.

E

3. Expostas estas ideias por Firmo, Senecião disse que a última das imagens era a primeira a virar-se contra ele próprio. “Pois tu não te dás conta, ó Firmo

F

⁵⁷ Cf. Aristóteles, *Física*. 22A 1.

⁵⁸ *Timeu* 52 a e 52 d.

⁵⁹ Cf. 2. 171.

– asseverou ele –, que, em lugar da porta do provérbio⁶⁰, abriste o cosmos contra ti próprio. É que o cosmos pre-existe a tudo, sendo a máxima perfeição: e tem lógica que o que é perfeito exista na natureza antes do que é imperfeito, como o completo antes do incompleto e o todo antes da parte. Porém não tem lógica que exista a parte, se é parte de uma coisa que não foi criada. Daí que ninguém diga que é o homem do esperma nem a 637A galinha do ovo; mas já dizemos que é o ovo da galinha e o esperma do homem; porque ovo e esperma vêm depois da galinha e do homem e deles tomam a sua origem e devolvem depois à natureza o nascimento, como se de uma dívida se tratasse, pois carecem do que lhes é próprio. Por isso, lhes está na natureza querer fazer outro ser semelhante àquele do qual se separaram. O princípio seminal⁶¹ define-se como potencialidade de gerar que carece do acto da geração. Ora nada carece do que não chegou a existir nem é um ente. E não há dúvida de que se vê que os ovos têm, na sua natureza, a falta da solidez e da substância dos animais, ou seja dos órgãos e das veias. Daí que também não se diga que o ovo é nascido da terra; e até o ovo de Tíndaro apareceu B caído do céu – dizem os poetas⁶². Mas, até ao presente, a terra produz animais autosuficientes e completos: ratos no Egípto⁶³, serpentes em muitas paragens, rãs e cigarras, em resultado do aparecimento do exterior de

⁶⁰ Parece referir-se à história do Lídio Cadaules (Heródoto. 1.9.2 ss.).

⁶¹ Conceito estóico.

⁶² Proveniente da lua: cf. Ateneu 57 F.

⁶³ Cf. Diodoro Sículo 1.10.2.

um princípio e força distintos. Na Sicília, por alturas da guerra dos escravos⁶⁴, por causa do apodrecimento de muito sangue derramado e de cadáveres deixados sepultos sobre a terra, surgiu uma praga de gafanhotos que destruiu o trigo, ao espalhar-se por toda a parte de um lado ao outro da ilha. Portanto, estes animais nascem e nutrem-se da terra e criam um resíduo fecundador, pelo qual se buscam uns aos outros segundo o prazer, e, ao acoplarem-se aos pares, através da união, uns geram por natureza ovos, outros crias de animais. E isto demonstra muitíssimo bem que, tendo embora obtido a gênese a partir da terra, realizam depois a procriação de um outro modo e uns com os outros.

Em suma, é o mesmo que dizer que «antes da mulher apareceu o útero»: pois o que o útero é por natureza para os humanos, é-o, por seu turno, o ovo para o pinto que nele é concebido e se desenvolve. De modo que em nada difere o que coloca a dúvida de como nasceu a galinha sem ter nascido o ovo daquele que se interroga como é que nasceram homens e mulheres antes de aparecerem os genitais masculinos e os úteros. De facto, a maioria das partes coexiste com o todo, e a potência gera-se depois da parte, o acto depois da potência, e o resultado depois do acto⁶⁵. E o resultado gerador das partes genitais é o esperma e o ovo, de forma que só aparecem depois da gênese do todo. E repara que, tal como não é possível existir digestão do alimento antes do aparecimento do animal, também da mesma forma

⁶⁴ Em 136 a.C. Cf. Diodoro Sículo 34-35.

⁶⁵ Cf. Aristóteles, *Sobre a Geração dos Animais* 716 A 23 sqq.

não pode existir nem ovo nem esperma, pois também estes parecem suceder a certas digestões e transformações; e não é possível que a natureza tenha um resíduo de alimento de animal antes de existir o animal. No entanto, o esperma faz, de alguma maneira, as vezes de um certo princípio, enquanto o ovo nem sequer possui estatuto de princípio, já que não existe primeiro, nem a natureza do todo, pois que é imperfeito. Daí o não dizermos que o animal se gerou sem um princípio, mas que existe como capacidade de geração de seres vivos, potência pela qual a matéria primeiro se transformou ao produzir aquela fusão e combinação fecunda; e o ovo é, tal como o sangue e o leite, um produto do animal enquanto consequência da alimentação e da digestão. Pois não se está a ver que o ovo se constitua a partir do barro, mas que só no animal encontra a sua constituição e gênese. Há, porém, uma miríade de animais que se engendram por si mesmos. E para quê falar dos outros? Pois, no que se refere às enguias, por muitas que se apanhem, ninguém viu uma que tivesse sémen ou ovos; mas, mesmo que se escoe a água e se rape toda a lama, uma vez que aflua a água para esse lugar, produzem-se enguias⁶⁶. É forçoso então que apareça posteriormente aquele que precisa de outrem para a sua gênese, enquanto que aquele que, mesmo agora, separado do outro já começa a existir de outro modo, esse é que tem a primazia no início da criação. Pois é dessa primazia que estamos a tratar. É que as aves fazem os ninhos antes de porem

⁶⁶ Cf. Idem, 762 B; 763 A; *História dos Animais* 569 A 6 sqq.; 570 A 3 sqq.

os ovos e as mulheres preparam os cueiros, mas não se dirá que os ninhos nasceram antes dos ovos e os cueiros antes dos bebés. Pois diz Platão⁶⁷ «que a terra não imita a mulher, mas que a mulher imita a terra», tal como o faz cada uma das outras fêmeas. Por isso, é natural que a primeira geração, pela sua perfeição e por força do seu princípio gerador, se tenha criado da terra de forma independente e autodeterminada, sem carecer daqueles órgãos, abrigos e vasos, que a natureza produz e aprimora nos que geram por causa da sua debilidade”.

QUESTÃO 4

Se a luta é a mais antiga das competições.

Intervenientes: Lisímaco, Plutarco, Sóscles, Filino.

1. Estávamos num jantar comemorativo do triunfo de Sóscles de Corone, que tinha obtido a vitória da poesia nos jogos Píticos. Mas, como estava próximo o concurso gímnico, a conversa versava na sua maior parte sobre as lutas, pois acontecia que tinham afluído muitos e celebrados concorrentes. Estando então presente Lisímaco, um dos comissários dos Anfictiões, afirmou ter ouvido pouco antes um erudito demonstrar que a luta era a mais antiga das provas desportivas, como testemunhava até o seu nome. Pois as actividades mais recentes aproveitam amiúde os nomes estabelecidos para as mais antigas. Da mesma forma que, de certo modo, se diz que a flauta está ‘afinada’ e se chama ‘toque’ aos sons da flauta, se estão provavelmente a tomar as designações a

⁶⁷ *Menexeno* 238 A.

partir da lira. Portanto, o lugar onde se exercitam todos os atletas chama-se palestra, porque a luta (*pale*) foi a primeira a tomá-lo para si, emprestando-o depois aos que foram inventados mais tarde.

D Eu retorqui que essa prova não era decisiva, pois a palestra retira o nome de *pale* ('luta'), não por esta ser mais antiga que as outras modalidades, mas por ser a única das formas de competição que necessita de argila, um areal e untura de óleo e cera . É que nem a corrida nem o pugilato se praticam na palestra, mas sim a luta e o pancrácio, por causa do contacto com o solo; já que é evidente que o pancrácio é um misto de pugilato e luta. "Por outro lado – continuei eu – que lógica tem que a luta seja a mais técnica e mais elaborada das provas desportivas e ao mesmo tempo a mais antiga? Pois as necessidades trazem consigo primeiro o que é simples e rudimentar e conseguido mais pela força do que pela perícia".

E Ditas por mim estas palavras, Sósicles afirmou: "dizes bem, e vou apresentar-te uma prova baseada no nome: é que me parece que *pale* ('luta') retira o nome de *paleuein*, que significa precisamente 'enganar' e 'derrubar pelo ardil'"⁶⁸. E Filino acrescentou: "a mim parece-me que vem antes de *palaiste* ('palma')⁶⁹, pois é com esta parte das mãos que os lutadores (*palaiontes*) trabalham, como os pugilistas (*pukteuontes*), por seu turno, é com os punhos (*pugme*). É por isso que a esta arte se chama 'pugilato' (*pugme*) e àquela 'luta' (*pale*).

⁶⁸ Falsa etimologia.

⁶⁹ É ao contrário: *palaiste* é que é derivado.

No entanto, como os poetas designam por *palunai* o acto de empoeirar-se e encher-se de terra, o que vemos que fazem sobretudo os lutadores, também por aqui se pode chegar ao sentido etimológico do nome⁷⁰. E repara ainda – disse ele – que é afã dos corredores avançar o mais possível e ganhar considerável distância, ao passo que os pugilistas, por mais que queiram, os árbitros não os deixam agarrar-se. E só aos lutadores os vemos enlaçarem-se e agarrarem-se com os braços uns aos outros, e, na maior parte dos combates – ataques frontais, ataques laterais, chaves frontais, chaves laterais – juntam-se e embrulham-se uns com os outros. Por isso, não é descabido que em resultado da excessiva aproximação (*plesiazein*) e de estar junto (*pelas*) se tenha denominado *pale* ('luta')⁷¹.

F

QUESTÃO 5

639A

Da razão por que, no que toca a provas desportivas, Homero coloca sempre em primeiro lugar o pugilato, depois a luta e, por último, a corrida.
Intervenientes: Lisímaco, Tímon, Menécrates, Plutarco e outros.

1. Depois de ditas estas coisas e de nós termos elogiado Filino, falou de novo Lisímaco: “qual das competições se poderia então dizer que apareceu primeiro? A corrida do estádio, como em Olímpia? (...)”⁷² E aqui entre nós introduzem os concorrentes prova por prova:

⁷⁰ Não é verdade, porque *palunein* ‘encher-se de farinha’ deriva de *pale* ‘farinha’.

⁷¹ Mais uma falsa etimologia.

⁷² Lacuna extensa do texto.

depois dos meninos lutadores, os homens lutadores e, segundo as mesmas categorias, pugilistas depois de pugilistas, e o mesmo se diga para os lutadores do pancrácio. Ali, depois de os meninos acabarem as competições, então é que chamam os homens.

B Mas repara – acrescentou ele – se Homero não apresentará melhor a ordem cronológica; pois, neste autor, o primeiro lugar das provas gímnicas é sempre atribuído ao pugilato, o segundo à luta e o último à corrida”.

Admirado, Menécrates, o tessálio⁷³, exclamou: “Ó Hércules, quantas coisas nos escapam! Se tens à mão alguns dos versos, não te negues a recordá-los”. Tímon disse por sua vez: “Que as competições dos funerais de Pátroclo respeitam esta ordem, é algo que, por assim dizer, ressoa aos ouvidos de todos. E o poeta segue rigorosamente esta distribuição quando faz Aquiles dizer a Nestor:

C «Eu te dou este prémio da vitória
à mesma: pois não te baterás no pugilato, nem na luta,
nem entrarás no lançamento do dardo, nem na corrida a pé
participarás»⁷⁴.

E o ancião respondeu, alargando-se na resposta prolixa à maneira da velhice:

«Com os punhos venci Clitómedes, filho de Énops,
na luta, Anceu de Pléuron; a Íficlo na corrida
ultrapassei»⁷⁵.

⁷³ Única referência a esta personagem em toda a obra do autor.

⁷⁴ *Iliada* 23.620-623.

⁷⁵ *Iliada* 23.634-636.

E, por sua vez, Ulisses, desafiando os Feaces:

«O pugilato ou a luta ou a corrida a pé!»⁷⁶

E Alcínoo, escusando-se:

«Não somos peritos no pugilato, e tão-pouco na luta,
mas corremos com pés velozes»⁷⁷.

D

Assim ele não se serve de uma ordem à sorte, conforme lhe vem à ideia, ora uma ora outra, mas segue os costumes de então e a forma de executar segundo a norma. E procedia-se assim enquanto se preservava a ordem primitiva”.

2. Depois de o meu irmão terminar, eu afirmei que tinha dito a verdade, mas que não aprovava o motivo dessa ordenação. Também a alguns outros não parecia convincente que o pugilato e a luta surgissem nos jogos e nas disputas primeiro que a corrida e desafiaram-me a levar mais além o assunto. Eu disse de improviso que todas estas coisas me pareciam imitações da guerra e treinos militares. Pois também ao hoplita o introduzem depois de todos, para atestar que este é o fim dos exercícios físicos e da competição. E o facto de se conceder aos vencedores, à sua entrada triunfal na cidade, o corte e o abate uma parte da muralha tem este mesmo intuito: mostrar que não tem grande necessidade de muralhas uma cidade detentora de varões capazes de lutar e

E

⁷⁶ *Odisseia* 8.206.

⁷⁷ *Odisseia* 8.246-247.

vencer. Na Lacedemónia, os vencedores dos jogos em que se outorgam coroas⁷⁸ tinham um lugar de relevo na formação de batalha – o de alinharem em combate ao lado do próprio rei. E, de entre os animais, só ao cavalo é dado participar das coroas e das competições, porque é o único dotado por natureza e treinado para prestar assistência aos combatentes e lutar no meio deles.

F “E, se isto não está mal discorrido, vejamos então – disse eu – que o primeiro afã dos combatentes é atacar e defender-se e o segundo, quando se misturam e ficam ao alcance das mãos, é tratar de empurrar e baldear uns aos outros, ao que, segundo dizem, os Espartanos, em Leuctros, foram deveras forçados pelos nossos, que
640A estavam habituados à luta. Por isso, também em Ésquilo, um dos combatentes se denomina «pesado hoplita lutador»⁷⁹, e Sófocles disse algures acerca dos Troianos:

«amigos de cavalos e armados com arcos de corno;
lutadores com escudo retumbante»⁸⁰.

E, depois de tudo o mais, o terceiro afã é que fujam quando vencidos, ou persigam quando vencedores. É natural, portanto, que ao pugilato fosse dada primazia, que a luta ocupasse o segundo lugar, e o último a corrida, já que o pugilato é imitação de ataque e defesa, a luta é imitação do empurra-agarra e, através da corrida, se treinam para a fuga e perseguição”.

⁷⁸ Os jogos sagrados.

⁷⁹ Diehl I. 79.

⁸⁰ Fr 859 Radt.

QUESTÃO 6

Razão por que o abeto e o pinho nórdico⁸¹ e outras árvores semelhantes a estas não se enxertam.

Intervenientes: Cráton, Fílon e Sóclaro.

1. Um dia em que nos convidou para jantar nos seus jardins, banhados pelo rio Cefiso, Sóclaro pôs-se a mostrar-nos árvores transformadas de variadas formas pelos chamados garfos. E, de facto, de lentiscos víamos brotar oliveiras, e romãzeiras de mirtos. E havia também carvalhos que davam boas pêras e plátanos que receberam garfos de macieiras, e figueiras que os receberam de amoreiras, e outras combinações de plantas domadas ao ponto de se tornarem frugíferas. Então, enquanto os outros gracejavam com Sóclaro por este nutrir espécies e criaturas mais monstruosas que as esfinges e as quimeras dos poetas, Cráton, por seu lado, lançou-nos a questão acerca do motivo pelo qual, de entre as plantas, só a natureza das resinosas não aceitava tais combinações, já que não se vê uma conífera, seja cipreste, pinho nórdico ou abeto, a criar algo de outra espécie.

2. Tomando a palavra, disse então Fílon: “Encontra-se uma explicação nos Sábios, Cráton, confirmada pelos agricultores. É que o óleo – dizem eles – é inimigo das plantas; e qualquer que seja a planta definha imediatamente quando untada com óleo – tal e qual as abelhas. É que as ditas árvores têm uma natureza gordurosa e mole, de modo que gotejam pez e resina; golpear uma

⁸¹ A tradução destes nomes é incerta.

delas faz afluir às feridas como que sangue do interior. A sua madeira resinosa deixa sair uma secreção oleosa em volta da qual brilha a viscosidade. Por isso, tal como o azeite, são difíceis de misturar com outras espécies”.

Depois de Fílon terminar, Cráton alvitrou que a natureza da casca pode contribuir para isso: sendo fina e seca, não permite que os garfos peguem e rebentem da mesma forma que o fazem as que, por apresentarem casca fina e húmida e serem moles debaixo da casca, acolhem e integram as partes enxertadas⁸².

E 3. Até o próprio Sóclaro concordou que os argumentos não foram mal expostos e que é preciso também que o hospedeiro de outra natureza se mostre suficientemente versátil, para que domado, seja assimilado e converta o sustento que em si existe em benefício do garfo. “Por isso, remexemos previamente a terra e a abrandamos, para que, amanhada, se transforme e adapte ao que nela se planta, pois a terra compacta e dura é contrária à mudança. E essas tais árvores, sendo brandas de madeira, não fazem mistura por não serem domáveis nem transformáveis. E mais – disse ele –, não é nada improvável que ao hospedeiro do garfo se deva aplicar a lógica da terra para o que é plantado; e a terra deve ser fértil e criadora. Daí que se seleccionam as plantas mais frutíferas para a enxertia, do mesmo modo que se confia F às mulheres que têm muito leite outros bebês. E no que respeita ao abeto, ao cipreste e a todas as árvores do género, constatamos que são parques ou estéreis em frutos.

⁸² Texto corrompido.

Pois, da mesma forma que os avantajados de carnes e de peso não geram filhos (de facto, ao dispensarem o alimento ao corpanzil, não retiram dele a secreção de esperma), assim também as tais árvores, ao tirarem proveito de todo o alimento nelas consumido, são de porte elevado e agigantam-se, umas sem dar fruto, outras dando frutos pequenos e de desenvolvimento retardado. De modo que não deve espantar que não cresça o que é alheio onde até o que é próprio se alimenta com dificuldade”.

QUESTÃO 7

*Sobre a rémora*⁸³.

Interlocutores: Querimoniano, Plutarco e outros

1. Querimoniano de Trales⁸⁴, certa vez que nos serviu pequenos peixes de toda a espécie, indicou-nos um de cabeça aguçada e alongada, dizendo que a rémora se lhe assemelhava. Tinha-a avistado numa viagem pelo mar da Sicília e ficara admirado com a sua força: é que a rémora conseguiu reduzir significativamente a velocidade e retardar a viagem, até que o oficial da proa a apanhou agarrada ao bojo do casco do navio. Houve, então, quem fizesse troça de Querimoniano por admitir uma efabulação mítica e nada credível, e houve também

⁸³ Peixe da família dos equeneídeos que possui uma espécie de ventosa oval, na parte superior da cabeça, que lhe permite fixar-se a objectos, a grandes peixes, cetáceos ou tartarugas. Na antiguidade, pensava-se que tinham a capacidade de segurar os barcos.

⁸⁴ Na Cária.

C quem referisse o tópic das «antipatias» e muitas outras coisas que era possível escutar dos que as presenciaram: que um elefante enfurecido se acalma à vista de um carneiro; que uma víbora se paralisa chegando-lhe um ramo de carvalho; que um touro bravo se detém e se amansa atado a uma figueira; que o âmbar tudo põe em movimento e atrai os corpos leves, à excepção do manjeriço e do que estiver besuntado de azeite; e que a pedra de íman não atrai ferro untado com alho. De facto, apesar de estas afirmações assentarem em provas manifestas, é difícil – se não de todo impossível – compreender a causa.

2. Eu, pela minha parte, opinei que se estava a fugir à pergunta, mais do que a explicar a causa. “Reparemos – disse eu – que muitas coisas com carácter fortuito tomam incorrectamente a aparência de causa. D É o mesmo que acreditar que o florescimento do agnocasto faz amadurecer o fruto da videira, só porque existe o seguinte dito:

«O agnocasto está em flor e amadurecem os cachos »⁸⁵;

ou que é por causa do morrão, que aparece nas lamparinas, que o tempo muda e se torna encoberto; ou que a curvatura das unhas é a causa, mais que sintoma, de úlcera nos intestinos. Então, tal como cada um destes factos é consequência resultante das mesmas causas do fenómeno, assim – disse eu – uma só é a causa que faz

⁸⁵ Adesp., fr 396 Nauck².

o navio avançar lentamente e atrair a rémora para ele. Pois, enquanto o navio está seco e não muito pesado pela humidade, é natural que a quilha deslize com leveza sobre o mar, ao cortar as ondas, dividindo-as e separando-as facilmente com o seu lenho limpo. Quando, porém, está muito húmida e ensopada, arrasta muitas algas e limos e tem mais embotado o gume do lenho; e as ondas ao baterem sobre a viscosidade não se libertam facilmente. Por isso se raspa a quilha, de modo a remover da madeira os limos e as algas daqueles navios a que a rémora se atracou devido à viscosidade; pois é natural que se considere que é a causa da lentidão, em vez de uma consequência da causa que provoca essa lentidão”.

E

QUESTÃO 8

*Por que se diz que os cavalos «licóspades» são fogosos*⁸⁶.

F

Intervenientes: pai de Plutarco, Plutarco e outros.

Houve quem dissesse que os cavalos eram denominados «licóspades» a partir do freio de dentes de lobo, pois assim se amansavam a sua fogaosidade e difícil tratamento. Mas o meu pai, que de modo algum falava sem conhecimento de causa e que sempre tivera os melhores cavalos, explicou que, se os potros são atacados pelos lobos e conseguem escapar, saem cavalos bons e velozes, pelo que lhes chamam «licóspades». Mas esta explicação, que colhera a aprovação da maioria, colocava uma dificuldade – a de saber a razão pela qual este acidente torna os cavalos mais fogosos e mais ardentes.

642A

⁸⁶ Raça dos cavalos do sul da Itália.

E a maioria dos presentes argumentava que a experiência infundia medo nos cavalos, e não arrojo; e, por se tornarem temerosos e assustadiços por tudo e por nada, tinham os impulsos agressivos e velozes, como os animais selvagens que escaparam de uma armadilha. Mas eu observei que era preciso ver se não seria o contrário do que parecia, pois os potros não se tornavam mais rápidos quando escapavam ilesos aos ataques das feras, mas não escapariam se não fossem audazes e velozes. É que não foi por ter fugido ao Ciclope que Ulisses se tornou arguto, mas, por já o ser, é que fugiu.

QUESTÃO 9

Razão pela qual a carne dos carneiros atacados pelos lobos é mais deliciosa e a lã cria piolhos.

Interlocutores: Patrócleas, Plutarco e outros

Depois deste assunto, a análise voltou-se para os carneiros atacados pelos lobos: é que se diz que apresentam uma carne bastante saborosa, mas uma lã que cria piolhos⁸⁷. Nada má nos pareceu a hipótese aventada pelo meu parente Patrócleas para explicar o sabor agradável: que a dentada do animal tornava a carne tenra. E alegava que o bafo do lobo é tão quente e inflamado, que amolece e liquefaz no estômago os ossos mais rijos. Por isso, o que é mordido pelo lobo se corrompe mais rápido que o resto.

Quanto à lã, estávamos na dúvida; talvez ela não gerasse os parasitas, mas os fizesse sair, ao separar a carne

⁸⁷ Cf. Aristóteles, *História dos Animais* 596 B 8.

devido a uma certa dureza dilaceradora e ao calor que lhe é próprio. E esta tendência vem ao de cima na lâperante a mordedura do lobo e o seu bafo que chega até a modificar o velo do animal degolado. E a observação abonava a favor desta argumentação. É que, como sabemos, entre os caçadores e cozinheiros há os que abatem os animais com um só golpe, de maneira que as vítimas tombam exânimes, e há outros que só a custo os matam, com muitos golpes e com muito trabalho. E o que é mais espantoso é que uns imprimem com o ferro uma força tal no animal abatido, que este entra rapidamente em decomposição, sem aguentar um dia sequer; ao passo que outros, embora não abatam o animal mais devagar que os primeiros, nada daquilo acontece à carne dos animais degolados, que se conserva por mais tempo.

Que as transformações dos animais segundo o género do abate e da morte se estendem à pele, ao pêlo e às unhas insinua-o também Homero, que, no seu modo de dizer a propósito das peles e das correias, se refere a «uma correia de couro de boi abatido de forma violenta»⁸⁸. É que a pele dos animais que não morreram de doença ou velhice, mas que foram degolados, torna-se firme e espessa. Mas, quando são atacados por animais selvagens, os cascos ficam negros, o pêlo cai e a pele fica escamada e rompe-se aos pedaços.

⁸⁸ *Iliada* 3. 375.

QUESTÃO 10

Se é melhor a forma antiga, de servir por doses, ou a de agora, de comer do bolo-comum.

Interlocutores: Hágias, Lâmprias e outros

F 1. Quando eu exercia o cargo de arconte epónimo na minha terra, a maior parte das refeições eram banquetes repartidos, cabendo a cada um uma porção nos sacrifícios. Tal prática agradava espantosamente a alguns, enquanto outros a censuravam como anti-social e nada dignificante e consideravam que, no momento de retirar as coroas⁸⁹, se deviam recolocar as mesas segundo o sistema habitual.

643A “Não é pelo prazer de comer e de beber – disse Hágias –, mas, em minha opinião, é para partilhar a bebida e a comida que nos convidamos uns aos outros. Ora essa repartição da carne por doses, ao eliminar a comunhão, multiplica as refeições e os convivas, sem que ninguém partilhe a refeição com ninguém, uma vez que cada um, depois de agarrar o seu quinhão, como que da mesa de um talhante, o coloca diante de si. E a ver bem qual é a diferença entre colocar para cada um uma taça e uma infusa cheia de vinho e uma mesa individual – como se diz que os filhos de Demofonte fizeram com Orestes – e mandá-lo beber sem fazer caso dos outros, e isto que aqui se passa agora, em que cada um, pespegado diante da carne e do pão, se sacia como que numa manjedoura individual, salvo não nos ser imposta

B

⁸⁹ Coroas que se colocavam para os sacrifícios e que se retiravam depois de estes se realizarem.

a obrigação do silêncio, como àqueles que deram hospitalidade a Orestes⁹⁰?

Mas, até mesmo assim, aquilo que convoca os convivas para a comunhão de todos é desfrutarmos em comum da conversa e do canto; partilharmos de igual modo o prazer conjunto da tocadora de lira e de flauta; e ter o nosso cratêr sem limites colocado ao centro, como fonte de alegria sem regateios e cuja única medida para o desfrute é o apetite de cada um. Não é como a fracção da carne e do pão, que, com uma medida injusta trata por igual os que não são iguais. É que isto, para o que necessita de pouco, é demais; e, para quem necessita de mais, é de menos. Portanto, meu amigo, da mesma forma que distribuir a diversos doentes os mesmos remédios, medidos e pesados a dedo, seria ridículo, assim também o é juntar o anfitrião no mesmo rol fulanos que não têm por igual nem a sede nem fome e tratá-los a todos da mesma forma, ao fixar uma equidade aritmética e não geométrica⁹¹. Quando vamos à taberna, usamos todos uma só medida, a oficial, mas quando se vai para um jantar, cada um leva a sua própria barriga, que não se enche com uma dose uniformizada, mas com uma dose que chegue. Não é preciso importar agora aquelas rações homéricas das refeições dos soldados e dos acampamentos, mas antes emular a humanidade dos antigos

⁹⁰ Referência aos que, por piedade, receberam Orestes depois do assassinio de Clitemnestra. O nome dos anfitriões varia um pouco conforme as fontes: Demofonte, Pandión ou os Demofôntidas. A refeição foi passada em silêncio.

⁹¹ Cf. Platão, *República* 558 C; *Górgias* 508 A; *Leis* 757 C. A distribuição aritmética corresponde à constituição democrática, e a geométrica à constituição oligárquica, que Plutarco admira.

que tinham como ponto de honra reverenciar todo o género de partilha - não só a do mesmo lar e do mesmo tecto, mas também a da mesma ração de trigo e da mesma mesa. Deixemos de lado esses banquetes de Homero, pois deixam fome e sede e têm a presidir a eles reis mais terríveis que os tasqueiros itálicos, ao ponto de, em batalha, quando os inimigos se encontram no corpo-a-corpo⁹², recordarem exactamente quanto bebeu cada um dos companheiros de copos. São incomparavelmente melhores os banquetes de Píndaro nos quais:

E «Os heróis com frequência se agregavam à volta da venerável
[mesa⁹³»

para partilhar tudo uns com os outros. Pois aquela é que era verdadeira aproximação e união, ao passo que isto hoje é desunião e dissensão entre aqueles que parecem ser os melhores amigos e nem sequer são capazes de partilhar o alimento”.

2. Depois destas palavras, pelas quais Hágias foi aclamado, espicaçámos Lâmprias a contrapor. Declarou ele então que nada de estranho se passava com Hágias por ficar incomodado com o facto de tomar uma dose igual - com uma barriga daquele tamanho! É que também ele próprio era daqueles que gostavam de se empanturrarem, «pois num peixe partilhado por

⁹² Parece referir-se a *Iliada* 4.261-263 e 345-346. Mas os passos não ilustram bem a discussão.

⁹³ Fr. 185 Snell.

todos não existe espinha», como diz Demócrito⁹⁴. “Mas é sobretudo isto – dizia ele – que conduz a sorte além da que nos foi destinada; pois a igualdade – que, segundo diz a velha de Eurípides, une «cidades com cidades, aliados com aliados»⁹⁵ – a nada é tão indispensável como à partilha em volta da mesa, segundo a natureza e não a lei, e com uma função necessária, não nova, nem introduzida pela moda. E para quem come muito do prato que é partilhado «constituí-se como inimigo»⁹⁶ aquele que se atrasa e fica para trás, como no turbilhão de uma trirreme que navega a todo o pano. Pois creio que não é um começo amistoso nem gerador de são convívio a desconfiança, a pilhagem, a luta das mãos e o apoio dos cotovelos, mas são coisas inconvenientes e próprias de cães e que acabam muitas vezes em insultos e raiva, não só uns contra os outros, mas também contra os que fazem o serviço às mesas e contra os anfitriões. 644A

Ora, durante o tempo em que a Moira e Láque-sis⁹⁷ regiam com imparcialidade a partilha nas refeições e nos banquetes, não se via desalinho nem baixaza; mas também chamavam às refeições ‘distribuição’ (*daites*), aos convidados ‘beneficiários da distribuição’ (*daitymones*) e aos serventes das mesas ‘distribuidores’ (*daitroi*), pelo facto de dividirem e repartirem. E os Lacedemónios tinham como distribuidores da carne não uns quaisquer, mas os primeiros entre os homens, de modo B

⁹⁴ Fr. 151 D-K.

⁹⁵ *Fenícias* 537.

⁹⁶ *Idem*, 539.

⁹⁷ Jogo de palavras com o nome das divindades que significam ‘porção’ e ‘sorte’.

que até Lisandro foi designado ‘distribuidor da carne’ na Ásia pelo rei Agesilau. De facto, as distribuições decaíram quando o fausto invadiu os jantares, pois não era possível, creio eu, dividir pastéis, molho lídio e outras variedades de especiarias e de sucos de ervas e iguarias servidas ao mesmo tempo. Mas, vencidos pela gulodice provocada por elas e pelo desfrute, abandonaram a partilha equitativa. E uma prova do que digo é que também agora os sacrifícios e os jantares públicos se fazem por doses, devido à simplicidade e pureza da comida, de modo que quem retomar a distribuição recupera ao mesmo tempo a frugalidade.

- C Mas onde está o particular perde-se o comum: isso é verdade, se, de facto, não existe igualdade. É que não é a posse da propriedade privada, mas a extorsão do alheio e a cobiça do que é comum que gera a injustiça e a desavença - situação que também as leis (*nomoi*) atalham, pondo limites e medida ao que é privado, pelo que tomam o nome do princípio e potencialidade de distribuir (*nemouses*) equitativamente o que é comum. A não ser que pretendas que o anfitrião não distribua por cada um de nós uma coroa, um leito e um lugar; e que se, todavia, alguém trouxer consigo uma amante ou citarista «seja posto em comum o que é dos amigos», para que «todos os pertences estejam no mesmo monte», segundo dizia Anaxágoras⁹⁸.

D Mas, se a distinção individual destas coisas em nada perturba a comunhão, por serem comuns as coisas mais elevadas e dignas da maior consideração, como as

⁹⁸ Fr.B1 D-K.

conversas, os brindes, a camaradagem, deixemos lá de desonrar a Moira e o filho da fortuna, Clero⁹⁹, como diz Eurípides¹⁰⁰, que, não dá a primazia nem ao dinheiro nem à fama, mas, distribuindo a sorte aqui e ali, vai conferindo ao pobre e ao humilde a alegria e o orgulho de saborear alguma emancipação, enquanto que, ao acostumar o rico a não odiar a igualdade, o modera de forma inócua”.

⁹⁹ Ou Lote.

¹⁰⁰ Fr. 989 Nauck².

NO BANQUETE

LIVRO III

INTRODUÇÃO

É sob o signo do poder desinibidor do vinho que Plutarco abre esta terceira série de conversas à mesa. O vinho impede o ignorante de esconder a sua ignorância, pois tem o poder de soltar a língua e de gerar momentos de convívio e de conhecimento mútuo entre os comensais. Segundo o nosso autor, os efeitos do vinho variam consoante a quantidade ingerida: os ligeiramente embriagados cantam, riem-se e dançam; os fortemente embriagados falam muito e dizem coisas que era melhor não dizer, pois o vinho é «loquaz e produtor de muitas conversas» (645A). Estes dois estados de embriaguez estão documentados em versos da *Odisseia*, mas a relação entre o vinho e a loquacidade é desencadeada antes por um episódio que tem como protagonistas Simónides e um estrangeiro. No proémio, Plutarco conta que um dia o sábio poeta grego, ao ver um homem calado durante um banquete - momento propício para a socialização - lhe diz: «homem, se és néscio, ages sabiamente; mas se és sábio, ages nesciamente» (644F).

O assunto volta a ser tema de conversa na questão 3, onde se procura a causa de as mulheres serem mais resistentes ao vinho do que os idosos; na questão 5, se o vinho é por natureza frio ou quente; na questão 7 discute-se a razão pela qual o vinho doce é menos embriagante; na questão 8 porque é que os fortemente embriagados ficam menos alterados do que os ligeiramente embriagados; e, finalmente, na questão 9 discorre-se sobre a proporção a adoptar na mistura do vinho com a água.

Sendo o tema principal de metade das questões, a sua hegemonia torna-se clara ao constatar-se que apenas na questão 10 não há referência alguma ao vinho. Este desbloqueador de conversa acaba por ser uma espécie de fio condutor desta série de diálogos à mesa, sendo alvo das considerações mais díspares.

A primeira questão dá-nos conta de uma discussão acerca da pertinência das coroas de flores nos banquetes. Sob este manto aparentemente fútil, escondem-se de facto meditações de teor filosófico sobre o prazer, a arte e a estética, e onde sobressaem duas correntes de pensamento antagónicas: uma mais austera, ligada à doutrina platónica e estoica, e outra mais hedonista, de acento epicurista. Amónio, para provocar a discussão, censura os floreados na música e nos arranjos florais e todo o tipo de prazer acessório ou dispensável; Erato, o anfitrião, defende para os sentidos a utilidade do deleite proveniente da cor e do aroma. O médico Trífon, querendo demonstrar a utilidade das flores em geral e nos banquetes em particular, intervém para advogar o poder terapêutico de algumas ervas e plantas e lembrar que Díónisos tem a reputação de ser um excelente médico, não só por ter descoberto o poder farmacológico do vinho, mas também da hera, a qual, por ser fria, anula o poder embriagante do suco das uvas, que é quente. É, justamente, este passo que vai dar matéria para as questões subsequentes, onde se disserta quer acerca de temperaturas quer acerca do vinho. Depois de corroborar com a etimologia as propriedades terapêuticas das plantas, Trífon encerra esta primeira discussão discorrendo

sobre os efeitos contrários das flores e do vinho. O calor exalado pelas flores quentes dilata os poros do corpo e facilita a evaporação da bebida, sendo um excelente antídoto contra a embriaguez. Mas as flores frias também cortam o seu efeito e aliviam as dores de cabeça; outras, ainda, provocam sono aos embriagados e anulam o efeito do álcool. O uso das coroas de flores nos banquetes, nomeadamente de rosas, fica assim justificado pelo seu poder refrescante contra a acção do poderoso néctar de Baco.

Dando continuidade à discussão, Amónio retoma a intervenção de Trífon e contesta a qualidade fria da hera bem como o seu poder mitigador dos efeitos do vinho. A conversa prossegue agora em torno da temperatura da planta e do motivo da sua utilização por Diónisos. Depois de uma intervenção fugaz na primeira questão, Plutarco assume agora maior protagonismo para rebater um a um os argumentos invocados por Amónio para provar que a hera é uma planta extremamente quente. Ambos tentam conferir validade e credibilidade científica à sua argumentação recorrendo aos estudos de autoridades como Teofrasto e Empédocles e à experiência adquirida na observação de fenómenos naturais. Mas também Aristóteles é frequentemente mencionado ao longo deste terceiro livro.

A terceira questão parte exactamente de uma citação retirada do seu tratado *Acerca da embriaguez*, onde escreveu que os velhos são mais facilmente surpreendidos pela embriaguez do que as mulheres. Floro admira-se que o Estagirita tenha feito tal afirmação sem

ter exposto a causa, por isso Sila apresenta como explicação as características morfológicas opostas de ambos. Tal como Plutarco, na questão anterior, fechara a sua exposição com um dito anedótico acerca da razão pela qual a hera se recusara a adaptar aos terrenos e ao clima dos bárbaros, também Sila conclui com uma observação jocosa: «nada mais parecido com um velho do que um jovem embriagado» (650E).

Na questão 4, Apolónides, Atriito e Floro comentam a argumentação de Sila, reintroduzindo o tema da temperatura, desta feita não da hera mas do sexo feminino. Apolónides diz que faltou a Sila referir a frieza física das mulheres, por causa da qual o vinho, que é quente, se dissipa e perde a sua força. Atriito - deixando para Plutarco a explicação sobre a temperatura do vinho – discorda, porque acha que as mulheres são quentes por natureza e o vinho não é quente, mas frio. E justifica-se com um conjunto de argumentos e exemplos tirados da boca de especialistas anónimos, versados em somatologia feminina, ocasionando um momento de grande comicidade, devido ao carácter anedótico, insólito e até ridículo das explicações, sobretudo, aos olhos de leitores do século XXI. Porém, momentos de humor inocente como este acabam por se tornar comuns nesta obra, e devem-se ao carácter fantasioso e ingénuo da maioria das explicações que, por falta de meios técnicos e de conhecimentos científicos, se apoiam no senso comum e na observação superficial e quotidiana dos fenómenos.

Ainda na sequência desta discussão, Plutarco é convidado a justificar a sua convicção de que o vinho

é mais frio do que quente. O autor diz que essa não é uma ideia sua, mas de Aristóteles e de Epicuro. Perante a insistência de Floro, Plutarco improvisa uma longa resposta com base em exemplos e comparações, que visam provar que o vinho é frio por natureza. De todo este arrazoado ressalve-se, a título de gracejo, o corolário de que os que bebem vinho puro em excesso são mais frouxos nas relações sexuais, pois o frio da bebida enfraquece a ejaculação e corrompe o seu esperma (652D sqq.).

A questão 6 inaugura uma discussão sem continuidade espaço-temporal nem temática com as anteriores. Fala-se sobre o momento mais conveniente para o coito. O tema promete e o diálogo não defrauda as expectativas. Inicialmente, o problema prende-se com o local e a ocasião mais correcta para se falar de tais matérias e só depois se equaciona se o momento mais oportuno para as relações sexuais é antes ou depois da refeição. A fazer fé em Epicuro, o sexo misturado com vinho pode ser muito prejudicial à saúde. Mas o acto sexual também não vai bem de barriga cheia, porque pode provocar congestão. Posto isto, aconselha o epicurista e o médico, pela boca de Zópiro, que se pratique o acto sexual com segurança, ou seja, depois da digestão feita. Outra possibilidade, talvez de todas a mais segura, é a sugerida pelo pitagórico Clínius pela boca de Olimpo: a abstinência. Terminadas as intervenções dos castos, Sóclaro toma a palavra para defender os partidários de Afrodite. Segundo este, a melhor altura para o acto sexual é à noite, porque distrai e adormece o instinto natural, uma vez que a falta de visão não permite que se

intensifique a libido. Também não encontra razões que impeçam a relação sexual depois do jantar, desde que não se esteja embriagado ou empanturrado de comida. O que é de todo desaconselhável e perigoso é fazê-lo durante o dia, interrompendo a actividade profissional, pois é demasiado violento para o corpo juntar ao cansaço e às preocupações do trabalho também as do coito, o que pode provocar uma quebra de rendimento. No caso de Epicuro, entende-se que isso não seja uma preocupação, pois o filósofo tinha uma vida muito repousada e isenta de fadigas.

A questão 7 também não apresenta ligação espaço-temporal com as anteriores; porém volta ao tema do vinho, desta feita com o intuito de se averiguar a razão pela qual o vinho doce, comumente designado de mosto, embriaga menos que o vinho fermentado. A cena decorre em casa do pai de Plutarco durante a festa da abertura das talhas. O desafio é colocado pelo pai de Plutarco aos jovens que estudavam filosofia com o filho. Hagias relembrou os presentes que tudo o que é doce é enjoativo e não é necessariamente agradável, logo, é consumido em menor quantidade. O vinho torna-se agradável quando amadurece e ganha um sabor acre. Aristéneto de Niceia atribui à doçura do mosto a responsabilidade do facto de não embriagar. Plutarco, mesmo elogiando a originalidade destas explicações, não ficou muito satisfeito e, convencido de que a resposta correcta estava nos escritos de Aristóteles, cita uma complexa teoria de roupage m mais científica do que as anteriores, mas bem mais confusa e fantasiosa.

O pai de Plutarco, introduzindo uma nova questão, pede aos convivas que deixem Aristóteles de parte e reflitam acerca do motivo pelo qual os fortemente embriagados ficam menos alterados do que os ligeiramente embriagados ou “tocados”. Plutarco é o único a responder. Começa por dizer que a explicação de Aristóteles para este problema lhe parece satisfatória, mas já que se pede uma resposta pessoal e original, ele acha que tal diferença provém de questões somáticas: nos “tocados” pelo vinho, só a mente é afectada mas o corpo ainda responde; nos muito embriagados, o corpo sucumbe e deixa de reagir. À imagem do que tinha acontecido em questões anteriores, também aqui Plutarco tenta justificar, de modo muito pouco científico, o comportamento ou a acção de uma substância – neste caso o vinho – comparando-a com o comportamento de outras substâncias e fenómenos da natureza: o fogo e a argila, as febres na primavera, o eléboro, os soporíferos e até o efeito da música sobre o espírito humano.

A conversa prossegue agora em termos matemáticos, mas o vinho continua a ser o motivo: qual a melhor proporção na mistura do vinho com a água. As quantidades variam como os acordes musicais. Algumas proporções são mais recomendáveis do que outras; o que importa é atinar com a medida correcta para não desafinar.

A última questão versa sobre um tema bem diferente. Trata-se de encontrar uma explicação para o facto de a carne apodrecer mais rapidamente sob o efeito da lua que sob o efeito do sol. O tema surge a propósito

de um jantar cujo prato principal é javali. O anfitrião conta aos seus convidados que um outro javali de maiores proporções do que o servido se deteriorou, quando era transportado, sob o efeito do luar, facto que o tinha deixado perplexo. Plutarco numa longa e elaborada resposta explica que a luz da lua humedece e amolece todas as matérias orgânicas que a absorvem. Para explicar a Sátiro e aos outros comensais a razão pela qual os caçadores espetam um prego nas peças de caça de modo a evitar a sua putrefacção enquanto são transportadas, Plutarco encerra a conversa e este livro a falar do poder terapêutico e adstringente do bronze.

O reportório de assuntos abordados nesta terceira série de questões não é, como pudemos ver, muito variado, havendo alguma uniformidade não só nos temas, mas, principalmente, no tipo de abordagem, que podemos situar no âmbito das ciências naturais e da medicina. Apesar de haver algumas questões em que predomina o monólogo, com respostas muito longas e detalhadas, todas elas contêm diálogos, ainda que breves ou, por vezes, em discurso indirecto. Podemos também constatar que Plutarco, tal como Sócrates no *Banquete* de Platão, tem a última palavra em todas as conversas – excepto na 9 - onde intervém (2., 5., 7., 8., 10.); palavra esta que pretende ser a mais esclarecida e original, a definitiva, a palavra do filósofo. Segundo Fr. Martín Garcia,¹ o seu propósito parece ser o de desmascarar o saber vulgar, o cientismo em voga na escola epicurista, o pedantismo e a falsa erudição, resultante da memorização dos livros

¹ Fr. Martín Garcia 1987: 18.

e não do pensamento original e inventivo. A tentativa forçada de fazer corresponder os traços semânticos das palavras a características dos objectos por elas designados é bem uma marca da postura essencialista de Plutarco, que se esforça nesta e noutras questões por imitar e prestar homenagem às doutrinas do seu mestre Platão.² Esta descrença na arbitrariedade e na convencionalidade da linguagem explica a abundância de explicações etimológicas fantasiosas.

Em tudo o mais, este livro, tal como os restantes, não tendo qualquer relevância científica nem sendo uma referência literária por excelência, acaba por ser um bom testemunho do seu tempo, do género simposíaco e do espírito agónico e convivial dos gregos e dos romanos.

Martinho Soares

² Vide Idem, 19.

LIVRO III

PROÉMIO

644E

O poeta Simónides, meu caro Sósio Senecião, ao ver um estrangeiro reclinado, em silêncio, durante um banquete e sem conversar com ninguém, disse-lhe: «homem, se és néscio, ages sabiamente; mas se és sábio, ages nesciamente». Pois «a ignorância», como diz Heraclito¹, «é melhor ocultá-la», tarefa difícil no relaxamento e com o vinho,

F

que leva até o homem sério a cantar
fá-lo rir de forma terna e levantar-se para dançar,
e incita-o a proferir palavras que seria melhor ficarem por
[dizer.²

645A

Neste passo, o poeta mostrou, segundo me parece, a diferença entre estar alegre e estar verdadeiramente embriagado. De facto, o canto, o riso e a dança aplicam-se aos que beberam moderadamente. O tagarelar

¹ Fr. 95, citado também em Plutarco, *Moralia* 43 D, 439 D.

² Homero, *Odisseia* 14. 464 sqq.

e o dizer coisas que era melhor calar são obra dos excessos da bebida e da embriaguez.³ Por isso, Platão⁴ crê que é sob o efeito do vinho que melhor se observa o carácter de muitos homens; e Homero, ao dizer que

...nem à mesa
travaram mútuo conhecimento,⁵

B mostra, evidentemente, que sabia o quanto o vinho é loquaz e produtor de muitas conversas. De facto, não é possível conhecer os que comem e bebem em silêncio. Mas, porque o beber induz o tagarelar e na tagarelice se descobre e põe a nu muitas coisas que de outro modo ficariam escondidas, o beber em conjunto proporciona o conhecimento mútuo. De modo que não seria mal censurar Esopo: «Porque buscas, caro amigo, aquelas janelas, através das quais um homem poderá observar os pensamentos do outro? Pois o vinho descobre-nos e revela-nos, não nos deixa ficar em silêncio; pelo contrário, retira-nos o disfarce e a compostura, afastando-nos da norma como a criança do pedagogo». Assim, C Esopo ou Platão ou quem tenha necessidade de examinar o carácter de alguém sirva-se para isso do vinho. Os que, pelo contrário, não procuram saber nem desvendar nada dos outros, mas tão somente relacionar-se afavelmente, os encontros levam-nos a questões e a conversas de outro tipo, em que ficam ocultas as imperfeições

³ A propósito desta diferença estabelecida pelos estóicos, vide von Arnim, fr. 644 e 713 e Plutarco, *Moralia* 503E-F.

⁴ *Leis* 649d ss.

⁵ Homero, *Odisseia* XXI 35.

da alma, se reaviva o que é melhor e mais harmonioso, como se fossem levados pela erudição para familiares pradarias e pastagens.⁶ Assim, compusemos para ti esta terceira dezena de questões acerca do convívio à mesa, sendo a primeira sobre coroas de flores.

QUESTÃO 1

Se se deve usar coroas de flores num banquete.

D

Intervenientes: Amónio, Plutarco, Erato e Trífon.

1. Em certa ocasião, surgiu uma discussão acerca de coroas de flores. Foi durante um banquete em Atenas, quando o hábil músico Erato, depois de um sacrifício em honra das Musas, recebia à mesa um grande número de convidados. Após o jantar, distribuíram-se coroas de todos os tipos, e Amónio⁷ troçou de nós por nos termos coroados com rosas em vez de louro;⁸ por serem flores pueris, mais apropriadas para as brincadeiras das rapariguinhas e das senhoras do que para um convívio de homens sábios e cultos. “Admira-me aqui o nosso amigo Erato que tem horror aos semitons nos cânticos e critica o belo Ágaton - que, segundo dizem, foi o primeiro a introduzir e a misturar na tragédia música cromática, quando representou os *Mísios* - e agora, como vedes, o próprio enche o nosso banquete de várias cores e flores; ou seja, a languidez e a lascívia que recusa aos nossos

E

⁶ Platão, *Fedro* 248b.

⁷ Amónio era um professor ateniense da escola platónica e foi mestre de Plutarco.

⁸ A coroa de rosas era consagrada a Diónisos e a de louro a Apolo.

ouvidos, introdu-la ele na nossa alma pelos olhos, pelo nariz ou por quaisquer outras portas e faz-nos uma coroa por prazer, não por piedade. Sem dúvida que o perfume dela⁹ espalha uma fragrância mais preciosa que o das flores, que se perde nas mãos dos que as entrelaçam. Não há, pois, lugar num banquete de homens sábios para o prazer que não se ligue a alguma necessidade e não seja acompanhado pelo princípio do desejo natural. Do mesmo modo que os levados a um jantar pelos amigos convidados encontram trato igual, graças às normas de cortesia, como sucedeu com Aristodemo, levado por Sócrates a casa de Ágaton,¹⁰ quando este ofereceu um

646A jantar, enquanto, se alguém vier por iniciativa própria, deve fechar-se-lhe a porta, assim também os prazeres da comida e da bebida, porque convidados pela natureza e chamados pelo apetite, têm um lugar, mas para os outros prazeres que não são convidados e são irracionais não há lugar”.

2. Face a estas palavras, os jovens não acostumados a Amónio, desconcertados pelo seu discurso, tranquilamente deslaçaram as suas coroas. Mas eu, sabendo que Amónio introduziu no meio de nós o assunto para exercício e provocação, voltei-me para Trífon, o médico, e disse-lhe: “Meu caro, é justo que ou deponhas connosco «a coroa resplandecente de cálices de rosa», ou que nos digas, como estás acostumado a fazer em qualquer circunstância, de quantos modos as coroas de flores nos ajudam a beber”. Mas Erato, interrompeu e

B

⁹ Esta metáfora é empregada por Aristófanes nas *Vespas* 1050 ss., referindo-se à virtude.

¹⁰ Facto narrado em Platão, *Banquete* 174a sqq.

disse: “Acaso foi decretado recusar qualquer prazer que seja inútil, e ficar descontente com os contentamentos, se não sentirmos neles proveito algum? O perfume e a púrpura, naturalmente, por causa do seu excessivo fausto, causam-nos aversão, como se fossem vestidos e perfumes falsos - para usar uma expressão estrangeira¹¹ —, mas não possuem simplicidade e pureza as cores e os aromas da natureza, em nada diferindo de um fruto? De facto, não é ridículo recolher e desfrutar os sabores que a natureza nos dá e desprezar as cores e os aromas que as estações produzem, por causa do prazer e do encanto que florescem nelas, se não oferecerem outro proveito externo que não esse. Pois eu, pelo contrário, acredito que se a natureza não criou nada em vão, como vós continuamente afirmais,¹² gerou estas coisas por amor do prazer, não tendo nenhuma outra utilidade que não deleitar. Observa que as folhas crescem nas árvores para protegerem o seu fruto e temperadamente suportarem o calor e o frio que advêm das mudanças do clima, e que não há qualquer utilidade na permanência das flores, salvo se, ao servirmo-nos delas, nos oferecem algo agradável ao olfacto e encantador para a vista, já que exalam um admirável perfume e exibem uma paleta inigualável de cores e tonalidades. Por conseguinte, quando se arrancam as folhas é como se as plantas sofressem uma dor e uma mordedura, produz-se nelas um dano de ferida e

¹¹ Alusão às respostas depreciativas do rei dos Etíopes aos falsos embaixadores de Cambises, cuja verdadeira missão era a de espiar, de acordo com Heródoto, *Histórias* III, 22.

¹² Teoria da finalidade da Natureza, defendida por Platão, Aristóteles e Teofrasto.

E uma indigna nudez – e não se deve somente, como me parece deduzir-se das palavras de Empédocles, «manter em absoluto as folhas de loureiro»,¹³ mas também respeitar todas as outras árvores e não se enfeitar com os seus adornos, extirpando com violência as suas folhas contra a vontade da natureza. Já a colheita de flores é como as vindimas, não causa dano algum, antes pelo contrário, se não forem colhidas no devido momento, murcham e caem. Tal como os bárbaros se cobriam com as peles dos animais em vez de lã, assim também os que entretecem coroas com folhas em vez de flores parecem-me servir-se das plantas de forma insensata. Este é certamente o meu contributo às floristas. Não sou, efectivamente, erudito ao ponto de me lembrar dos poemas nos quais lemos que os antigos vencedores dos jogos sagrados eram premiados com coroas de flores; mas, pelo menos, que a coroa de rosas era dedicada às Musas creio lembrar-me a partir do que disse Safo a uma mulher inculta e ignorante:

F Morta jazerás,
pois não tiveste parte nas rosas
da Piéria¹⁴

Mas se Trífon nos quiser dar algum testemunho como médico, ouçamo-lo.”

3. Perante isto, Trífon tomou a palavra e disse que os antigos não descuraram nenhum destas questões, uma vez que a maior parte da sua medicina dependia das

¹³ Fr. 140 D-K.

¹⁴ Fr. 155 Lobel-Page.

plantas: “Prova disso são as primícias que ainda hoje os 647A
Tírios trazem ao Agenórída e os Magnésios a Quíron,¹⁵
os primeiros que segundo se conta exerceram medicina:
são raízes medicinais e ervas, com as quais tratavam os
doentes. Também Diónisos foi considerado um excelen-
te médico, não só por ter descoberto o vinho, fármaco
assaz poderoso e agradável, mas também por ter confe-
rido reputação à hera, que tem a acção mais contraposta
ao vinho, e por ter ensinado aos que celebram Baco a
coroarem-se com ela para sofrerem menos os efeitos do
vinho, pela frescura da hera que anula a embriaguez.
Além do mais, algumas denominações demonstram o
interesse dos antigos por estas matérias: a nogueira [*ka-*
rura] foi assim chamada porque propala um bafo pesado B
e soporífero [*karotikon*],¹⁶ que aflige os que se deitam
debaixo dela; e o narciso [*narkissos*] porque aplaca os
nervos, ao provocar um pesado entorpecimento [*narko-*
des]; por isso Sófocles lhe chamou «a antiga coroa das
grandes deidades»,¹⁷ isto é, das deusas Ctónicas. Diz-se
igualmente que a arruda [*peganon*] foi assim chamada
devido à sua propriedade: coagula [*pegnusi*]¹⁸ o esper-
ma com a secura do seu calor, e é altamente prejudicial
para as mulheres grávidas. Todavia, os que pensam que
a erva ametista e a pedra preciosa com o mesmo nome
são assim chamadas porque ajudam a curar a embria-
guez enganam-se; na verdade, cada uma delas é assim C

¹⁵ Agenórída é o filho de Agenor, rei da Síria e filho de Posídon, e Quíron é o mitológico centauro que educou Aquiles.

¹⁶ Esta etimologia não é correcta.

¹⁷ *Édipo em Colono* 683.

¹⁸ Etimologia duvidosa.

chamada por causa da coloração: a sua folha não é da cor do vinho puro mas assemelha-se antes a uma mistura leve de água com vinho. Efectivamente, é possível descobrir muitas outras plantas cujos nomes lhes foram fornecidos pelas suas propriedades; porém, bastam estas para dar uma ideia do estudo e da experiência dos antigos, de que se valeram na escolha de coroas para os banquetes. O vinho puro especialmente, quando sobe à cabeça e separa os corpos do controlo dos sentidos, deixa o homem perturbado. Os eflúvios de flores são um auxílio admirável contra este tipo de situação, protegem a cabeça da embriaguez como as muralhas protegem a acrópole: as flores quentes relaxam lentamente os poros, dando canais de evaporação ao vinho; e todas as que são ligeiramente frescas, ao aflorarem levemente o vinho, retêm a sua exalação, como a coroa de rosas e de violetas, pois ambas, com o seu perfume, restringem e reduzem as dores de cabeça. A flor de Chipre, o açafraão e o nardo induzem um sono tranquilo nos bebedores; pois emitem uma fragrância agradável e benéfica que dissolve calmamente as anomalias e as agitações do corpo dos embriagados, de modo que, depois de reposta a calma, atenua e anula o efeito do vinho. Os odores de algumas flores, ao difundirem-se para o alto até ao cérebro, limpam os canais sensitivos e com o seu calor calmamente espargem e dissolvem as humidades sem dor nem agitação, e o cérebro, que é frio por natureza, aquece. Por isso, particularmente as flores que eram colocadas à volta do pescoço eram designadas de “hypothyridas”¹⁹

¹⁹ À letra, o termo significa “sob o coração”; o termo que surge

e ungia-se o peito com o seu perfume. Alceu testemunha-o ao pedir «derrama deste perfume sobre a minha cabeça que tanto sofreu e sobre este encanecido peito».²⁰ Deste modo, os perfumes capturados pelo olfacto sob o efeito do calor, dirigem os seus dardos para o cérebro. E é um facto que não chamavam “hypothymidas” às coroas que se colocavam em torno do pescoço por julgarem que o espírito acampa no coração (assim sendo, seria mais conveniente chamar-lhes “epithymidas”), mas, como digo, chamavam-lhes assim devido à sua emanação e fumigação [*hypothymiasin*]. Não nos espantemos, pois, que as exalações das coroas tenham tanto poder; na verdade, conta-se que inclusivamente a sombra do teixo provoca a morte dos homens que adormecem sob ele, sobretudo quando está cheio de seiva por causa da floração. E acontece aos que extraem o suco da papoila desmaiarem se não evitarem as exalações que dela dimanam; e os que somente tenham pegado com as mãos na planta chamada amieiro e outros até que apenas tenham olhado para ela livram-se dos soluços; e diz-se que, se for plantada perto dos currais, é boa para as cabras e para as ovelhas. Quanto à rosa, tem seguramente este nome porque emite um intenso eflúvio [*rheuma*]²¹ de perfume; é por isso que murcha muito depressa. E não é ilógico que a rosa seja refrescante em acção e ardente em aspecto; o suave calor expulso pela sua frescura interna assoma-lhe à superfície.”

F

648A

mais abaixo, “epithymidas”, significa, literalmente, “à volta do coração”.

²⁰ Fr. 50 Lobel-Page.

²¹ Etimologia incorrecta.

QUESTÃO 2

B *Sobre se a hera é fria ou quente por natureza.*

Intervenientes: Plutarco, Amónio, Erato, Trífon.

1. Perante os nossos elogios a Trífon, Amónio, com um sorriso, declarou que não seria justo destruir com argumentos contrários um discurso assim matizado e florido como uma grinalda. “Só não compreendo como foi a hera relacionada com o frio e adquiriu a reputação de mitigar os efeitos do vinho; pois é uma planta abrasadora, muitíssimo quente e o seu fruto, misturado com vinho, inflama-o e torna-o ainda mais embriagante e perturbador. E dizem que os seus ramos quando são arrancados retorcem-se como lenha no fogo. Por outro lado, a neve que permanece vários dias seguidos sobre outras plantas, rapidamente se dissolve na hera, além do mais, à sua volta subitamente se funde por inteiro e desaparece sob a acção do seu calor.

C

Mas o mais interessante é narrado por Teofrasto:²² quando Alexandre ordenou a Harpalo²³ que plantasse árvores gregas nos jardins da Babilónia e sobretudo que misturasse árvores de folha larga e frondosa com as plantas daí – uma vez que eram locais tórridos e assolados pelo calor –, aquele solo só não admitiu a hera; apesar de Harpalo muito se ter esforçado e trabalhado, a hera secava e morria, porque, sendo ela própria quente, foi posta num solo também quente que não aceitou a combinação e rejeitou-a. Na verdade, os excessos destroem

D

²² *Da origem das plantas* 4. 4. 1.

²³ Harpalo era governador da Babilónia.

as capacidades; é por isso que estas tendem preferencialmente para os seus opostos, que o frio é amigo do quente e o quente é amigo do frio. Daí que os locais montanhosos, expostos ao vento e à neve, criem árvores resinosas e produtoras de pez, sobretudo pinheiros e abetos.

Tirando isto, meu caro Trífon, as muito sensíveis ao gelo e ao frio perdem as suas folhas, porque possuem uma pequena e débil porção de calor que vai diminuindo até abandonar totalmente a árvore. Ao contrário, a propriedade oleosa e quente da oliveira, do loureiro e do cipreste como da hera ajuda-os a manterem-se sempre verdes. Assim, o nosso muito querido Diónisos não introduziu a hera como defesa contra a embriaguez ou como inimiga do vinho, ele que chamou ao vinho puro 'embriagante' e a si próprio 'o deus da embriaguez'; antes me parece que do mesmo modo que os amantes do vinho, se não o têm da vinha, recorrem à cevada e às maçãs e outros fazem vinho com tâmaras, assim também o deus, quando na estação do Inverno deseja com ardor uma coroa feita com folhas da videira e a vê nua e sem folhas, contenta-se com a semelhança oferecida pela hera. E, de facto, a própria sinuosidade do caule que vacila no seu caminho, a delicadez das folhas e a forma desordenada como brotam, e, acima de tudo, o próprio racimo parecido com uvas verdes, apertadas e enegrecidas, imita bem o aspecto da videira. Além do mais, se a hera ajudasse contra a embriaguez, diríamos que ela faz isso ou dilatando com o calor os poros do corpo ou ajudando a absorver o vinho - para que também

E

F

Diónisos mantenha, para teu gáudio, meu caro Trífon, o seu título de médico”.

2. Perante estas palavras, Trífon permanecia calado, pensando como havia de lhe replicar. Então Erato, exortando cada um de nós, os jovens, solicitava que defendêssemos Trífon ou depuséssemos as coroas; Amónio disse que nos dava um salvo-conduto, pois não contradiria o que disséssemos. Assim, uma vez que também Trífon nos encorajava a falar, eu disse que a demonstração de que a hera é fria não era obra minha, mas de Trífon; pois ele a usa muitas vezes quer como refrescante quer como adstringente. “Mas a afirmação - continuei eu – de que a hera misturada com vinho embriaga não é verdade; e que não se pode chamar embriaguez ao efeito que ela produz nos que bebem, mas antes perturbação e delírio, tal como faz o meimendro e muitas outras plantas que alteram o estado psíquico da mente. Por outro lado, a contorção do caule não está bem explicada, pois esses efeitos antinaturais não provêm de poderes naturais; também a madeira se contorce quando o fogo extrai dela, violentamente, a seiva, reduzindo-a a curvas e empenas; já o calor natural, pelo contrário, tende a desenvolvê-la e a alimentá-la. Considera se a sinuosidade e pendência da hera não provêm, antes de mais, de alguma debilidade e frieza do corpo, que se depara com imensos obstáculos e resistências, como viajante que por causa do cansaço muitas vezes se senta no chão e depois se põe de novo em marcha. Por isso, precisa de um suporte à volta do qual se enrola, por ser incapaz de se erguer e guiar a si própria por causa da falta do calor cuja

capacidade é elevar. A neve escorre e derrete-se por causa da humidade da sua folha; efectivamente, a água desfaz e corta a sua consistência, por ser uma aglomeração de minúsculas e abundantes gotas de água; eis porque as neves não se fundem menos em locais muito húmidos e frios do que em locais expostos ao sol. A hera é sempre verde e – como diz Empédocles – ‘foli-perene’²⁴ mas isso não se deve ao calor; nem a queda da folha se deve ao frio. Pelo menos o mirto e o adianto, que não pertencem ao grupo das plantas quentes mas ao das frias, estão sempre verdes. Alguns pensam mesmo que a folhagem se mantém devido à homogeneidade de temperatura; Empédocles, além desta, acrescenta como causa uma certa simetria dos poros, que permitem a passagem ordenada e uniforme do alimento, para que este afluja em quantidade suficiente. O mesmo não é possível para as árvores de folha caduca, porque os seus poros são largos em cima e estreitos em baixo, logo, não permitem a passagem suficiente de alimento e não conservam mas perdem o pouco que receberam, como em certos canais não uniformes; pelo contrário, as plantas que absorvem sempre alimento suficiente e equilibrado resistem e permanecem jovens e verdes.

Mas plantada na Babilónia, a hera não suportou a deslocação e sucumbiu; esta nobre planta fez bem porque, sendo vizinha e companheira do deus da Beócia, não quis expatriar-se para junto dos bárbaros nem imitou Alexandre, expatriado entre aqueles povos, mas com todas as forças evitou e lutou contra este desterro.

²⁴ Fr. 77 e 78 D-K.

A causa não era o calor, mas antes o frio, que não suportava a temperatura contrária. De facto, o que é afim não destrói, mas acolhe e alimenta, tal como a terra seca alimenta o tomilho, apesar de ser quente. Dizem que a Babilónia é envolta por um ar de tal modo sufocante e
 F pesado que muitos dos ricos enchem odres de água e dormem frescos sobre eles.

QUESTÃO 3

Por que razão as mulheres se embriagam menos e os velhos mais rapidamente.
 650A

Intervenientes: Floro e Sila.

Floro admirava-se que Aristóteles, depois de ter escrito no seu livro “Acerca da embriaguez”²⁵ que os velhos são mais facilmente surpreendidos pela embriaguez do que as mulheres, não tenha procurado a causa, ele que tinha por hábito não omitir nada destas coisas; propôs, então, aos presentes – tratava-se, certamente, de um jantar de amigos - que se discutisse a questão entre todos. Assim, Sila disse que um facto iluminava o outro; se encontrássemos a causa correcta para as mulheres, já não seria preciso muito mais discussão para os velhos;
 B as suas naturezas são as mais opostas em humidade e secura, doçura e aspereza, ternura e dureza. “O que digo em primeiro lugar - continuou ele – acerca das mulheres é que têm uma compleição húmida que, misturada

²⁵ Fr. 108 Rose. Segundo Rose (fr. 107), Aristóteles atribuía a facilidade com que os anciãos se embriagavam à escassez de calor no corpo.

nelas, proporciona-lhes a delicadeza da carne, o brilho da suavidade e a menstruação. Ora o vinho, quando cai em tanta humidade, é vencido, perde força e torna-se completamente inconsistente e aguado. Há também uma coisa que se pode tomar em consideração na obra do próprio Aristóteles: diz ele que os que bebem tudo de uma vez sem respirar, que os antigos chamavam ‘beber de um trago’, mais dificilmente ficam embriagados; porque o vinho não fica retido no seu organismo, antes, arrastado pela impetuosidade, passa pelo corpo. E nós vemos que é assim que as mulheres, normalmente, bebem. É natural que, devido ao corrimento constante de fluidos menstruais para o baixo-ventre, o corpo delas seja muito poroso e atravessado como que por canais e condutas, onde o vinho se introduz e rapidamente se espalha, sem se deter nos órgãos principais, cuja perturbação leva à embriaguez.

Quanto aos velhos, o nome parece-me ser o primeiro a explicar porque têm falta de humidade no corpo. Com efeito, eles são assim chamados não porque se inclinam para a terra [*rheontes eis gen*], mas por serem ‘semelhantes à terra’ [*geodeis*] ou ‘terrenos’ [*geeroi*] de constituição;²⁶ e a sua rigidez, a sua dureza e, ainda, a sua rugosidade mostram a secura da sua compleição. Assim, quando bebem, é natural que o vinho seja absorvido, porque o seu corpo devido à secura é esponjoso, logo, o vinho que aí fica retido provoca mal-estar e sensação de peso; pois tal como as águas correntes deslizam

²⁶ Plutarco tenta justificar a constituição física dos idosos através da relação etimológica entre o termo *geron*, que significa velho e *ge*, que significa terra, porém, esta explicação é incorrecta.

sobre solos compactos sem fazerem lama, e misturam-se mais nos porosos, assim também o vinho, atraído pela secura, permanece mais tempo no corpo dos velhos. Além disso, pode ver-se que a natureza dos velhos tem em si própria os sintomas da embriaguez; pois são sintomas claros de embriaguez os membros trémulos, a língua entaramelada, o excesso de tagarelice, as cóleras repentinas, os esquecimentos e os extravios da mente. Se muitos destes se encontram também nos velhos de boa saúde, apenas precisam de um pouco de impulso e agitação para se produzirem; desse modo a embriaguez num velho supõe não o aparecimento de sintomas peculiares, mas apenas a intensificação dos habituais; prova disso é o facto de não haver nada mais parecido com um velho do que um jovem embriagado”.

QUESTÃO 4

Se as mulheres em temperamento são mais quentes ou mais frias que os homens.

Intervenientes: Apolónides, Atriito, Floro.

F 1. Efectivamente, foi isto que Sila disse. E o estrategista Apolónides disse que aprovava o argumento acerca dos velhos; mas quanto às mulheres pareceu-lhe que se deixou de fora o argumento da sua frieza, por causa da qual o vinho quente se dissipa e perde a sua contun-
651A dência e fogueira. Apesar desta observação parecer convincente, Atriito, o médico tásio, acrescentou uma achega à discussão e disse que existem alguns que defendem não serem as mulheres frias, mas até mais quentes

do que os homens, enquanto outros consideram que o vinho não é quente, mas, inclusivamente, frio.

2. E como Floro ficasse admirado, Atriiito disse, apontando para mim: “Deixo-lhe a ele a explicação sobre o vinho”. E, de facto, aconteceu termos falado do assunto uns dias antes. E continuou: “Eles julgam demonstrar o calor das mulheres – continuou ele -, em primeiro lugar, pela falta de pêlo, pois que pelo calor se consomem os resíduos alimentares que, quando abundam, se transformam em pêlo; em segundo lugar, pela quantidade de sangue, que parece ser fonte do calor que há no corpo e que existe nas mulheres em quantidade tal que elas se queimariam e abrasariam se não lhes sobreviessem frequentes e rápidas purgações; em terceiro lugar, as práticas fúnebres demonstram que as mulheres são mais quentes do que os homens: diz-se que os que zelam por tais costumes dispõem ao lado de cada dez cadáveres de homens um de mulher e ateiam-lhe fogo, porque a sua carne possui algo resinoso e seboso, de modo que se torna um comburente para os outros. E ainda, se o que é mais quente é mais fecundo e as raparigas se excitam e se agitam primeiro do que os rapazes para procriar, também esta não seria fraca demonstração do seu calor. Mas um argumento ainda mais importante e mais convincente é aguentarem bem os frios e os Invernos: a maioria delas sente menos frio do que os homens e, geralmente, precisam de pouca roupa”.

3. “Eu creio no entanto – disse Floro – que com esses mesmos argumentos se rebate a tua opinião. Em primeiro lugar, as mulheres resistem melhor ao frio porque

frequentemente o semelhante é mais dificilmente afectado pelo semelhante. Em segundo lugar, parece que o seu sémen não é de modo algum fecundo para procriar - exactamente por causa da sua frialdade e apenas fornece matéria e alimento ao sémen masculino. Em seguida, deixam de gerar muito antes dos homens deixarem de fecundar. Ardem melhor por causa da gordura, substância que parece ser a mais fria do seu corpo; pelo menos os jovens e os que fazem exercício físico são menos gordos. A menstruação mensal não se deve à abundância de sangue, mas sim à sua corrupção e envilecimento; a matéria não assimilada e residual, ao não encontrar no seu corpo estabilidade nem consistência, é evacuada por falta de vitalidade, tornando-se completamente débil e turva devido à escassez do calor. E o tiritar de frio durante a menstruação mostra também que o que é posto em movimento e expulso do corpo é frio e não foi assimilado. Relativamente à ausência de penugem, quem poderá dizer que é consequência do calor e não antes do frio, ao ver que as partes quentes do corpo são peludas? Precisamente, todas estas são afectadas pelo calor, que ofende e fende a pele, cuja macieza provém do facto de se tornar compacta com o frio. E que a sua pele é mais compacta do que a dos homens, dir-te-ão, meu caro Atriito, aqueles que ainda dormem com mulheres cobertas de perfume e óleo,²⁷ pois eles próprios, ao dormirem com elas, mesmo sem lhes tocarem e sem se aproximarem delas, impregnam-se da fragrância que é atraída pelo calor e pela menor densidade do seu corpo”.

²⁷ Aristófanis, *Nuvens* 49, parodia este costume feminino da unção com essências aromáticas.

QUESTÃO 5

Se o vinho em acção é mais frio.

F

Intervenientes: Atriito, Plutarco, Floro.

1. “Não há mais a dizer - continuou ele - relativamente às mulheres e foi virilmente demonstrado também o ponto de vista contrário. Já, quanto ao vinho, estou ansioso por saber donde vos surgiu a ideia de que é frio”.

- Pensas, de facto, que essa é uma ideia minha? – disse eu.

- De quem mais? - perguntou ele.

652A

-Recordo-me, justamente - respondi eu - de ter encontrado também em Aristóteles uma explicação para este problema, não há pouco, mas já há algum tempo. Mesmo Epicuro, no seu *Banquete*, apresentou várias explicações, de que a principal, segundo me parece, é a seguinte: afirma que o vinho não é totalmente quente, mas que há nele alguns átomos produtores de calor e outros de frio.²⁸ Alguns deles, perde-os quando penetra no corpo e toma outros do próprio corpo quando se mistura em nós, de acordo com o nosso temperamento e natureza, de tal modo que, ao embriagarem-se, uns aquecem muito e outros sofrem o efeito contrário.

B

2. – Tais afirmações - disse Floro - levam-nos directamente a Pirro através de Protágoras;²⁹ pois é evidente que quando falarmos também acerca do azeite,

²⁸ Fr. 68-73 Usener.

²⁹ O cepticismo de Pirro pode ser traçado a partir de Protágoras e outros sofistas. Sobre o cepticismo pirrónico cf. Diógenes Laércio, 9. 104 sqq. e sobre o relativismo de Protágoras cf. Platão, *Crátilo* 385e-f.

do leite, do mel e de outros produtos similares, evitaremos discutir qual a natureza de cada um em particular, afirmando que cada uma resulta da mescla ou da combinação de uns com os outros. Mas tu, como vais provar que o vinho é frio?

- Do mesmo modo, - retorqui-lhe eu -, como demonstrei antes, quando fui obrigado a fazê-lo de improviso. Em primeiro lugar, veio-me à cabeça o procedimento dos médicos: aos que estão enfraquecidos e necessitam de algum tónico para as doenças do estômago não lhes dão nada quente, mas socorrem-nos dando-lhes vinho. E é também com vinho que detêm os fluxos e os suores abundantes, porque, de forma não menos eficaz que a neve, mas até mais, ele restabelece e robustece o organismo afectado através da sua capacidade para refrescar e contrair. Porém, se este tivesse a natureza e a capacidade de aquecer, administrar vinho puro a um cardíaco seria a mesma coisa que colocar fogo na neve. Em segundo lugar, a maior parte das pessoas diz que o sono se produz através de um arrefecimento e, na verdade, a maioria das drogas soporíferas, como a mandrágora e o ópio são refrescantes; mas a sua acção bloqueadora e entorpecedora é abrupta e muito forte, enquanto o vinho, ao refrescar lentamente, detém e estagna o movimento com prazer, sendo a diferença entre o vinho e as drogas uma questão de mais ou menos potência.

D E, por fim, o calor é procriador,³⁰ pois, sob a sua acção, o fluido mantém um fluxo abundante e o espírito uma tensão e uma pujança libidinosa. Mas os que

³⁰ Aristóteles, *Da geração dos animais* 2. 3. 11f.

bebem muito vinho puro são mais frouxos nos encontros sexuais e não têm ejaculação de modo algum vigorosa nem eficaz para a procriação; pelo contrário, as suas uniões com as mulheres são ineficazes e deficientes devido à inconsistência e frieza do esperma. E, em boa verdade, tudo quanto padecem os homens por causa do frio tudo afecta os que se embriagam: tremuras, pesadume, palidez, agitação do sopro vital nos membros, E embaraço da língua, pressão e intumescência dos nervos nas extremidades; para a maioria das pessoas a embriaguez termina em desfalecimento, quando o vinho puro abate e extingue por completo o calor. Ora estes estragos no corpo daqueles que se embriagaram e se sentem toldados curam-se, segundo parece, pondo-os imediatamente na cama e cobrindo-os de roupa para que aqueçam, e no dia seguinte com um banho, massagens e com aqueles alimentos que sem perturbar o organismo, simultaneamente, o façam recuperar o calor que o vinho F tinha dissipado e expulsado do corpo.

Do mesmo modo, – continuei eu – procuramos descobrir nos fenómenos propriedades e semelhanças desconhecidas. E é preciso que ninguém fique com dúvidas acerca de que espécie é a embriaguez; pois, segundo parece^{***31}, os alcoólicos, como dissemos, são muito parecidos com os velhos. E por isso, os amigos do vinho envelhecem muito mais cedo; muitos deles ficam com calvícies prematuras e cabelos grisalhos ainda na flor da idade; e parece que tudo isso acontece no homem devido à insuficiência de calor. Além do mais, certamente,

³¹ Lacuna de extensão desconhecida, observada por Hubert.

o vinagre possui a natureza e as capacidades de uma espécie de vinho; e nenhuma das coisas que extinguem o fogo o combate melhor do que o vinagre, mas de todos é sobretudo ele que melhor domina e reduz a chama devido à sua extrema frieza. Mesmo entre os outros frutos vemos os médicos usarem mais, por serem refrescantes, os que possuem características do vinho, como as romãs e as maçãs. E não há quem faça vinho misturando a própria natureza do mel com água da chuva e com neve, porque o frio, quando prevalece, destrói o sabor doce por causa da sua familiaridade com o acre? E não foi por causa disso que os antigos dedicaram e consagraram a serpente entre os répteis e a hera entre as plantas ao deus do vinho, por ser senhor de uma força fria e glacial. E se as pessoas pensam que é um sinal de calor o facto de a ingestão de uma grande quantidade de vinho puro parecer neutralizar os efeitos da cicuta, eu direi, ao invés, que esta droga misturada com vinho é incurável e mata, no momento, os que a ingerem; de modo que não parece que ele seja mais quente por opor-se a ela ou mais frio por cooperar com ela, se, de facto, é mais convincente que a cicuta mata os que a ingerem com a sua frieza e não com qualquer outra propriedade ou capacidade.

QUESTÃO 6

Sobre o momento mais conveniente para o coito.

Jovens intervenientes: Zópiro, Olímpico e Sóclaro.

Alguns jovens que frequentavam ainda não há muito tempo os escritos dos antigos atacavam Epicuro

por ter introduzido no *Banquete* um discurso nem belo nem necessário acerca do momento mais conveniente para o coito;³² pois um homem mais velho falar durante o jantar sobre os prazeres sexuais na presença de adolescentes e questionar se se devem praticar antes ou depois da refeição é de uma extrema impudência. Como contrapartida, alguns evocaram Xenofonte que, depois da refeição, mandava embora os seus convidados não a pé, mas a cavalo, para se encontrarem com as suas mulheres.³³ Zópiro, o médico, que estava bastante familiarizado com os escritos de Epicuro, disse que esses jovens não tinham lido com atenção o *Banquete* do filósofo; pois o problema não foi introduzido com base num princípio ou pressuposto para depois se discorrer acerca dele, mas o filósofo levou os discípulos a passear depois do jantar para conversar com eles acerca de instrução moral e preveni-los contra as paixões, pois, sendo uma coisa sempre propensa ao dano, é muito pior para os que dela se servem depois de se terem entregado à comida e à bebida. E continuou dizendo: “Mas ainda que ele tivesse abordado este assunto como se de um tema fundamental se tratasse, por acaso, não é de modo algum vantajoso que o filósofo reflecta acerca do momento e da hora oportuna para os encontros sexuais ou é melhor que se ocupe de tais temas na ocasião própria e com juízo, não sendo indecoroso reflectir sobre esse momento noutra altura, mas vergonhoso num banquete e à volta da mesa? A mim, pelo contrário, desde já me parece que

³² Fr. 61 Usener.

³³ *Banquete* IX 7.

se alguém deve ser repreendido é o filósofo que aborda o assunto em pleno dia, na sua aula, quando estão presentes muitos homens de todas as proveniências; porém, com um copo na mão entre amigos e familiares, onde inclusivamente dá jeito, no meio do vinho, contar uma história mesmo que seja insípida e fria, como pode ser vergonhoso contar e ouvir algo útil que se diga sobre a prática do coito? Pois, para mim, pelo Cão! - exclamou ele -, teria preferido que Zenão tivesse arrumado as suas 'aberturas de pernas'³⁴ no contexto divertido de algum banquete em vez de o fazer numa obra que encerra tanta seriedade como a *República*".

2. Atónitos com estas palavras, os jovens permaneciam em silêncio; então, por os demais terem pedido a Zópiro que expusesse as ideias de Epicuro sobre esta matéria, este respondeu-lhes que não se lembrava exactamente de cada pormenor, mas tinha a sensação de que o filósofo receava os esticões provocados pelas relações sexuais, por causa da palpitação dos corpos que, neste tipo de actividade, passam a um estado de rebuliço e desordem. Pois, geralmente, o vinho puro que é perturbador e causador de turbulência, retira os corpos da sua estabilidade; e assim, se a tranquilidade e o sono não tomarem conta do nosso corpo quando estamos neste estado, mas nos deixarmos tomar por outras agitações sexuais, ao serem oprimidas e deslocadas as forças que naturalmente dão maior coesão e solidez ao corpo, corre-se o risco de ele sofrer uma derrocada, como uma casa arrancada das suas fundações. E, nessa altura, nem

³⁴ Fr. 252 von Arnim.

o sémen flúi como deve ser, porque, devido à saturação, produz-se uma obstrução, mas solta-se com esforço e desordenado. Por conseguinte, o nosso homem declarou que se deve realizar este tipo de actividade quando o corpo tiver recuperado a calma e tiverem cessado a distribuição e a circulação da comida que o atravessa e o abandona, antes que novamente reclame por falta de alimento. A esta explicação de Epicuro pode-se acrescentar também a opinião do médico: o momento do dia mais seguro é depois da digestão estar concluída; e correr para o coito depois da refeição pode ser perigoso. Pode ser terrível de facto se, não tendo a comida sido digerida, uma indigestão pode decorrer do rebuliço e da agitação das relações sexuais, de modo que o dano seria duplo.

B

3. Olímpico tomou a palavra e disse: “a mim agrada-me muito a opinião do pitagórico Clínius: conta-se que questionado acerca do melhor momento para nos chegarmos a uma mulher, respondeu «de preferência quando tiveres vontade de sofrer».³⁵ Logo, o que Zópiro acaba de dizer tem a sua lógica, mas vejo que outro momento qualquer trará outros inconvenientes e dificuldades ao acto. Por exemplo, o sábio Tales, quando foi pressionado pelos rogos da mãe para que casasse, evitou muito bem as suas instâncias e esquivou-se dizendo-lhe no início “ainda não é o momento, mãe”, e mais tarde “já não é o momento, mãe”.³⁶ Assim, e relativamente aos prazeres sexuais, o melhor será que cada um se

C

³⁵ Diógenes Laércio, 8. 9, coloca esta sentença na boca de Pitágoras.

³⁶ Diógenes Laércio, 1. 26.

comporte de maneira que ao deitar diga “ainda não é o momento” e ao levantar “já não é o momento”.

4. “Isso são coisas de atletas,³⁷ ó Olímpico - disse Sóclaro - que ainda cheiram por todos os lados ao jogo do cótabo e às carnes que consomem, mas não são oportunas aqui. Entre nós há jovens casados que devem «consumar actos amorosos»³⁸ e a nós ainda não abandonou totalmente Afrodite, mas, por certo, imploramos o seu favor quando clamamos nos hinos aos deuses

D Adia, adia a nossa velhice,
 ó bela Afrodite.³⁹

Devemos, pois, examinar, se quiseres, se foi justa e convenientemente ou contra toda a justiça que Epicuro separou Afrodite da noite – que tem o maior poder entre os deuses, segundo Menandro, um homem versado no amor: a meu ver, de forma graciosa, aconselha ele que pratiquem tais coisas, estendendo as trevas como véu do prazer, e que não afastem dos nossos olhos o pudor, expondo-o à luz do dia nem infundam na licenciosidade audácia e vívidas recordações, pois o concentrar-se nelas inflama novamente as paixões. «A visão é a mais acutilante das sensações que nos chegam através do corpo», e, segundo Platão,⁴⁰ através de impressões recentes, desperta fortemente na alma, com imagens de prazer, uma paixão sempre nova e fresca. Todavia, a noite, ao

³⁷ Estes deviam abster-se de relações sexuais.

³⁸ Homero, *Odisseia* 11. 246.

³⁹ Fr. 872 Page. Fragmento atribuído a Álcman.

⁴⁰ *Fedro* 250d.

esconder os actos mais insaciáveis e apaixonados, distrai e adormece o instinto natural, que não encalha, por causa da visão, na luxúria.

E à parte estas considerações, que sentido faz que um homem que chegou radiante de um jantar, se tal acontecer, trazendo uma coroa e o corpo perfumado, se deite depois de se ter agasalhado bem, voltando as costas à mulher, e depois, de dia, no meio das ocupações, a faça vir do gineceu para tal acção ou se envolva com ela logo de manhã, como um galo? A noite, meu caro amigo, marca o fim dos trabalhos, a aurora o seu início. Pela primeira velam, Diónisos Libertador, juntamente com Terpsícore e Tália,⁴¹ a segunda levanta-nos para a laboriosa Atena e para o comerciante Hermes.⁴² Por isso, cantos ocupam a noite, danças e himeneus

F

cortejos e festins e o estrondoso concerto das flautas.⁴³

A manhã, pelo contrário, enchem-na o estrépito dos martelos e os gemidos das serras, os pregões matinais dos publicanos e os apelos dos que convocam para o tribunal ou para o serviço de alguns reis ou magistrados. Nessa altura, vão-se as actividades do prazer,

655A

cessa Cípris e os folguedos dos jovens
 não está já o tirso nem o tropel de Baco.⁴⁴

⁴¹ Terpsícore é a musa da dança e Tália da comédia.

⁴² Hermes é o patrono dos comerciantes.

⁴³ Fr. 222 Pfeiffer.

⁴⁴ Adesp. Fr. 397 Nauck².

Pois apertam as preocupações. Depois também o poeta não deita durante o dia nenhum dos seus heróis com a esposa nem com a concubina, salvo quando fez Páris esconder-se no regaço da sua amada, depois de ter fugido da batalha, como se a intemperança diurna não fosse própria de um marido, mas de um adúltero enraivecido.⁴⁵ Por outro lado, o corpo não seria mais prejudicado pelo coito depois de jantar, como crê Epicuro, desde que, claro, não se tenha relações sexuais embriagado ou empanturrado, a rebentar de comida. Nesse caso é, seguramente, uma acção perigosa e funesta. Mas se um homem se sentir satisfeito e moderadamente relaxado, estando o seu corpo sereno e a sua alma preparada, e pouco tempo depois tiver um encontro amoroso, não provocará grande distúrbio no seu corpo^{***46} nem se produzirão excitações ou desestabilização dos átomos, como diz Epicuro; mas, depois de ter satisfeito a sua natureza e de se ter serenado a si mesmo, restaurará as perdas, pois um novo afluxo virá ocupar as partes vazias.

O que merece maior precaução é o entregar-se aos prazeres do amor estando a meio dos trabalhos; não suceda que as preocupações da alma, as dificuldades e as fadigas relacionadas com o emprego se apoderem do corpo já excitado e agitado, e o exasperem abruptamente, por não ter sido concedido à natureza um intervalo de tempo suficiente para se recompor. De facto, caro amigo, nem todos dispõem do ócio e do sossego de

⁴⁵ Homero, *Iliada* 3. 428-447.

⁴⁶ Adoptamos a sugestão de Usener, que propõe para esta lacuna o termo *sphyxis* (excitação) em vez de *psyxis* (esfriamento) apresentado pelo manuscrito.

Epicuro, que lhe foi sempre copiosamente concedido pela razão e pela Filosofia; pois muitos combates aguardam cada um de nós ao longo do dia, exercícios para todos, por assim dizer, aos quais não é conveniente nem vantajoso apresentar o corpo em tal estado, quebrado pela fúria do coito. Pode o que é ‘feliz e incorruptível’⁴⁷ não se preocupar por si próprio com o que nos diz respeito, mas nós, em obediência à lei da nossa cidade, temos de evitar entrar numa festa sagrada e dar início aos sacrifícios, se pouco tempo antes estivemos envolvidos numa actividade sexual. Daí que é bom para nós termos pelo meio a noite e o sono, deixando um intervalo e um período de tempo suficiente para nos levantarmos novamente puros como no princípio, «com novas ideias para o dia», como diz Demócrito”.⁴⁸

D

QUESTÃO 7

A razão pela qual o mosto embriaga menos.

Intervenientes: pai de Plutarco; Hagias, Aristéneto, Plutarco e outros.

Em Atenas, consagravam o vinho novo no décimo primeiro dia do mês de Antestério,⁴⁹ dia a que davam o nome de ‘Pithoigia’.⁵⁰ E antigamente, ao que parece, faziam uma libação com o vinho antes de

E

⁴⁷ Conceção epicurista da divindade.

⁴⁸ Fr. B158 D-K.

⁴⁹ Mês ateniense correspondente a finais de Fevereiro e princípio de Março.

⁵⁰ O termo significa à letra “abertura das talhas”.

bebê-lo e suplicavam que o uso deste ‘remédio’ lhes fosse inofensivo e salutar. Mas entre nós,⁵¹ este mês é designado de Prostatério,⁵² e no seu sexto dia há o costume, depois de sacrificarmos ao Bom Génio,⁵³ de se provar o vinho, após a passagem do Zéfiro; pois, dos ventos, este é o que mais afecta e altera a qualidade do vinho; e o que escapa à sua acção parece que se aguenta incólume. Pois bem, certo dia, o meu pai, como era seu costume, cumpriu o sacrifício e, depois do jantar, enquanto se elogiava o seu vinho, propôs aos jovens

F que estudavam filosofia comigo que explicassem a razão pela qual o mosto é menos embriagante. A maior parte achou isso incrível e até paradoxal; Hagias porém referiu que tudo o que é muito doce provoca repugnância e é enjoativo. Por isso, também o vinho doce não é algo que se beba facilmente em quantidade suficiente para provocar embriaguez, pois, uma vez satisfeita a sede, o nosso apetite rejeita-o ao ponto de sentir fastio. E que o agradável difere do doce, também o Poeta o sabe dizer

656A com queijo, doce mel e o agradável vinho.⁵⁴

É que o vinho no princípio é doce, mas torna-se agradável quando, envelhecido pela fermentação, ganha um sabor acre.

⁵¹ Plutarco era natural da Beócia.

⁵² O nome do mês alude a divindades protectoras, como Ártemis (cf. Ésquilo, *Sete contra Tebas* 449) ou Apolo (Sófocles, *Electra* 637).

⁵³ Divindade ctónica, guardiã do lar.

⁵⁴ Homero, *Odisseia* 20. 69.

2. Aristéneto de Niceia disse recordar-se de ter lido nalguns livros que algo doce misturado com o vinho normal corta a embriaguez; e acrescentou que alguns médicos recomendam àqueles que tiverem bebido em excesso que vomitem, e depois, quando estiverem para se deitar, que comam pão embebido em mel. Portanto, se as substâncias doces atenuam o efeito do vinho, é natural que o vinho novo não embriague antes que se altere a sua doçura.

3. Pois bem, acolhemos muito favoravelmente a habilidade inventiva dos jovens, porque sem caírem nas explicações comuns, apresentaram as suas. Quanto às que estão mais à mão e são mais fáceis de aceitar são o peso do mosto que, de acordo com Aristóteles,⁵⁵ penetra no estômago, e a grande quantidade de ar e água que tem misturadas; destes dois, o ar é imediatamente pressionado e sai fora, a água, pela sua natureza, torna o vinho mais fraco; mas o envelhecimento aumenta a sua força, à medida que desaparece a aquosidade; o vinho torna-se mais fraco em volume, mas mais forte em potência.

B

QUESTÃO 8

A razão pela qual os fortemente embriagados ficam menos alterados do que os ditos "tocados"

Intervenientes: Plutarco e seu pai.

1. "Agora, que temos deixado Aristóteles de parte - disse o meu pai - procuremos também nós dizer

C

⁵⁵ Fr. 220 Rose.

algo pessoal acerca dos chamados ‘tocados’? Na verdade, não me parece que o filósofo, ainda que muito perspicaz neste género de questões, tenha aprofundado suficientemente a causa. Ele diz, creio eu, que a razão do homem sóbrio distingue bem as coisas, que a percepção do homem demasiado embriagado se esvai debilitada e que a imaginação do ‘tocado’ ainda se mantém vigorosa mas o seu raciocínio já está alterado. Por isso ele discerne, só que discerne mal porque segue fantasias. Qual é, pois – perguntou ele –, o vosso parecer acerca disto?”

2. “No que me respeita – respondi-lhe eu - quando examinei por mim próprio a passagem de Aristóteles, contentei-me com a sua explicação para a causa; mas se me pedes que apresente algo pessoal, considera em primeiro lugar se a mencionada diferença não deve ser transferida para o âmbito do corpo. De facto, nos ‘tocados’ só a mente é perturbada, pois o seu corpo, antes que fique encharcado em álcool, é capaz de obedecer aos seus impulsos; mas quando está derrubado e esgotado, rejeita e ignora os seus impulsos, pois já não consegue passar à acção. Por outro lado, os ‘tocados’, por terem o corpo propenso ao erro, são acusados não de serem mais desatinados mas de terem mais força. Se, porém, examinarmos a força do vinho de outra perspectiva – continuei eu – não há nada que o impeça de ter uma multiplicidade de efeitos que variam consoante a quantidade ingerida: assim como o fogo em relação à argila, se é usado com moderação, endurece-a e seca-a, mas se a atingir

em excesso, derrete-a e desfá-la. Por outro lado, a primeira estação do ano,⁵⁶ no início, provoca as febres e torna-as ardentes, mas, à medida que avança, as febres descem e cessam. O que impede, pois, que também a mente, naturalmente alterada pelo vinho, depois de ter sido perturbada e excitada, sossegue e de novo se acalme, se o vinho for excessivo? Pelo menos, o eléboro⁵⁷ tem como princípio da sua acção purgativa o transtornar a massa do corpo; porém, se a dose for inferior à normal, perturba mas não purifica. E algumas pessoas, se tomarem uma quantidade de soporíferos abaixo da normal, ficam mais agitadas e, se tomarem a mais, dormem. E certamente, é também natural que esta agitação no ‘tocado’ desapareça quando atinge o seu auge, e que o vinho contribua para isso: pois ao penetrar em grande quantidade no corpo, queima e consome o desvario do espírito. Tal como o treno⁵⁸ e a flauta fúnebre no início apelam ao sentimento e suscitam o choro, mas, à medida que conduzem a alma à compaixão, paulatinamente, removem e consomem a sua aflição, do mesmo modo podes ver que também o vinho, quando perturba e excita fortemente a sua resistência e fegosidade, aplacando e sossegando de novo a mente, tranquiliza-a por ter ido demasiado longe na embriaguez”.

F

657A

⁵⁶ Primavera.

⁵⁷ Planta usada no tratamento da loucura.

⁵⁸ Cântico de lamentação.

QUESTÃO 9

Sobre “beber cinco ou três, não quatro”

Intervenientes: Arístion, Plutarco e seu pai.

B 1. Ditas por mim tais palavras, Arístion disse, com voz alta, como era seu costume: “Está à vista o regresso aos banquetes da mais justa e democrática das medidas, banida há muito tempo por uma conjuntura abstémia, como por um tirano. Pois, tal como os teóricos das questões relativas à lira dizem que a proporção de três para dois dá um acorde de quinta, a de dois para um dá uma oitava, e o de quarta, que é o mais fraco, constitui-se na proporção de quatro para três, assim também os harmónicos em matéria de Diónisos observaram três acordes para a mistura do vinho com a água, o de quinta, o de terceira e o de quarta, pois assim o dizem e cantam

C ou beber cinco ou três, não quatro.⁵⁹

Efectivamente, cinco, está na proporção de três para dois, pois misturam-se três partes de água com duas de vinho; três está na proporção de dois para um, misturando-se duas partes de água com uma de vinho; e quatro consiste em verter três porções de água numa de vinho, esta é a proporção de quatro para três, adequada a certos magistrados que têm o pensamento no Pritaneu ou a alguns dialécticos que franzem as sobrancelhas quando analisam os silogismos dos discursos, uma mistura sóbria e débil. Das outras duas,

⁵⁹ Adesp., fr. 604 Kock. Trata-se de um trímetro da comédia.

a de dois para um conduz a esse tom perturbador e alegre da embriaguez

que toca as cordas intocáveis do espírito,⁶⁰

D

pois nem deixa ficar sóbrio nem mergulha completamente o insensato no vinho puro. A proporção de dois para três é a mais musical: plena provocadora de sono e ‘tira-mágoas’ e, segundo a expressão de Hesíodo, «espanta males apaziguadora das crianças»,⁶¹ pois gera no mais fundo de nós a calma e tranquilidade nas nossas altivas e desordenadas paixões”.

2. Perante estas palavras, ninguém contradisse Arístion, pois era evidente que estava a brincar. Eu pedi-lhe, então, que pegasse num copo, como se de uma lira se tratasse, e o afinasse de acordo com a mistura e o acorde elogiados, e um escravo abeirou-se dele e apresentou-lhe o vinho puro. Ele, porém, recusou, alegando a rir-se que era um teórico da música e não um instrumentista. Então, o meu pai apenas acrescentou ao que tinha sido dito que lhe parecia que os antigos deram duas amas a Zeus, Ida e Adrasteia; uma a Hera, Eubeia; e, claro, também duas a Apolo, Alícia e Coritália. Mas a Diônios deram muitas mais, porque era preciso tornar este deus mais civilizado e ajuizado, por isso foi amansado e educado entre um número maior de ninfas.⁶²

E

⁶⁰ Adesp., fr. 361 Nauck².

⁶¹ *Trabalhos e Dias* 464.

⁶² O termo Ninfas, em grego, utiliza-se como sinónimo de água.

QUESTÃO 10

Por que motivo a carne apodrece mais ao luar do que ao sol

Intervenientes: Eutidemo, Sátiro, Mosquión e Plutarco.

1. Eutidemo de Súnion, durante um jantar que nos oferecia, serviu-nos um javali de grande tamanho. E perante o espanto dos presentes, ele informou que outro muito maior, quando era transportado, tinha sido destruído pelo luar e que naturalmente andava perplexo sobre a causa do sucedido; pois não é verosímil que o sol não apodrecesse mais a carne, sendo mais quente do que a lua. Então, Sátiro acrescentou: “Não é isso o que mais surpreenderia uma pessoa, mas antes o que é feito pelos caçadores: de cada vez que abatem um javali ou um cervo e de longe o enviam para a cidade, espetam-lhes um prego em bronze como ajuda contra a putrefacção.”

2. Quando acabámos de jantar e Eutidemo mencionou novamente a sua perplexidade, Mosquión, que é médico, explicou que a putrefacção se devia à decomposição e liquefacção da carne que se transforma em líquido pela corrupção e que, geralmente, as coisas apodrecidas se transformam em líquido. Todo o calor, se for suave e moderado, remove e impede a humidade, mas se for abrasador, pelo contrário, faz mirrar a carne. A partir destes pressupostos a explicação torna-se clara: a lua, como aquece lentamente, amolece os corpos; o sol, em contrapartida, suga mais a humidade dos corpos por causa do seu ardor. Por isso, também Arquíloco referiu, de acordo com a natureza:

Espero, muitos destes Sírio secará
com seu penetrante brilho.⁶³

Mas ainda mais explícito foi Homero acerca de Heitor, sobre quem, quando jazia morto, Apolo fez vir uma nuvem sombria,

...para que antes a força do sol
não lhe mirasse a carne nos músculos e nos membros.⁶⁴

Por sua vez, a lua, projecta uns raios mais débeis:

pois o negro racimo não amadurece com eles

C

de acordo com Íon.⁶⁵

3. Dito isto, eu afirmei: “Tudo isso está bem dito; mas não se deve explicar todo o processo por uma maior ou menor quantidade de calor, já que vemos que o sol é menos quente no Inverno, mas é no Verão que apodrece mais os cadáveres; e devia ser ao contrário, se as putrefacções fossem causadas pela debilidade do calor. Mas, quanto mais intenso for o calor, mais rápido apodrece a carne. Por conseguinte, não é por ausência ou escassez de calor que a lua leva à putrefacção dos corpos mortos, mas a causa deve antes atribuir-se a uma particularidade do fluxo que dela emana; pois torna-se evidente, a

D

⁶³ Fr. 61 Bergk. Sírio alude ao sol de Verão.

⁶⁴ Homero, *Iliada* 23. 190-191.

⁶⁵ Fr. 57 Nauck². Íon de Quíos foi um homem muito rico e multifacetado, mas destacou-se pelas suas tragédias.

partir das coisas mais comuns, que todo o calor não tem apenas uma única qualidade e não difere apenas em mais ou menos grau, mas são variadas as potencialidades do fogo, que em nada se parecem umas com as outras. Efectivamente, os ourives trabalham o ouro com chama de palha; os médicos, principalmente com a de sarmento, aquecem gradualmente as decocções dos fármacos; para o amolecimento e moldagem do vidro, a de tamariz parece ser adequada; e a de oliveira é boa para os corpos nos banhos de vapor, porém é inimiga dos balneários, pois ao arder por baixo danifica o seu tabuado e as suas fundações. Daí que os prudentes edis não permitam aos arrendatários usar madeira de oliveira, nem tão-pouco lançar joio no forno, pois as suas exalações provocam dores de cabeça e vertigens nos banhistas. Assim, pois, não é nada estranho que também a lua seja diferente do sol, este emite raios que desidratam e ela raios que libertam e removem os líquidos que existem nos corpos. Por isso, as mães têm o cuidado de nunca expor os bebés à lua; porque, estando cheios de líquidos, encolhem-se e retorcem-se como lenha verde. Vemos, efectivamente, que quem se deita sob o clarão da lua tem dificuldade em se levantar, como se estivesse com os sentidos atordoados e entumecidos; pois a humidade difundida pela lua torna os corpos pesados. Também se diz que contribui para um parto feliz, quando este acontece na lua cheia, pois remove as humidades, tornando as dores de parto mais suaves. Por isso, creio que se chamou a Ártemis - que

não é outra senão a lua – Loquia⁶⁶ e Elítia⁶⁷. E Timóteo 659A
abertamente diz:

pela cerúlea órbita dos astros
e pela lua que apressa os partos.⁶⁸

E também nos corpos inanimados se torna evidente o poder da lua. Os carpinteiros recusam a madeira cortada nos plenilúnios por ser tenra e por abolorecer rapidamente devido à humidade, e os lavradores apressam-se, quando o mês acaba, a recolher os trigos da eira, para que endurecidos pela seca durem mais tempo; já os que são recolhidos durante a lua cheia estragam-se mais por causa da humidade e ficam moles. Dizem também que a farinha fermenta melhor nos plenilúnios; pois à fermentação pouco falta para ser putrefacção; e se ultrapassar o tempo certo, deixa a massa mais porosa e menos consistente, levando-a à mesma degradação. As próprias carnes em decomposição não experimentam nada diferente, quando o alento que as mantém se transforma em humidade, tornam-se menos densas e liquefazem-se. E observamos que o mesmo acontece com o ar; pois é sobretudo nos plenilúnios que, dissolvido, esparze o orvalho, tal como o sugeriu, creio eu, o lirista Álcman, ao dizer que o orvalho é filho do ar e da lua

B

o que alimenta Ersa, filha de Zeus e da divina Selene.⁶⁹

⁶⁶ Significa “parteira”.

⁶⁷ Etimologia incerta. Tanto pode significar “salvadora” como “bem-vinda”.

⁶⁸ Fr. 2 Bergk⁴. Timóteo é um poeta milésio.

⁶⁹ Fr. 57 Page.

C Assim, em todo o lado, se atesta o poder que tem a luz da lua para humedecer e amolecer.

O prego de bronze, se é verdade que atravessando-as, como dizem, mantém as carnes mais livres de putrefacção, é óbvio que tem em si algo de terapêutico e adstringente; pois os médicos usam o azebre nos fármacos para este fins, e conta-se que é benéfico para os olhos dos homens que passam a vida nas minas de cobre e faz renascer as pestanas dos que as perderam, pois a poeira que sai do cobre e que cai imperceptivelmente nas pálpebras retém os fluidos e seca as lágrimas. Por isso, dizem, chamou o poeta ao bronze «protector dos homens⁷⁰ e da vista».⁷¹ Também D Aristóteles⁷² refere que as feridas provocadas por lanças e espadas de bronze são menos dolorosas e mais fáceis de curar que as provocadas pelo ferro, devido a uma qualquer propriedade curativa que o bronze possui em si e que deposita imediatamente nas feridas. Ora, é evidente que o que é adstringente tem um poder oposto ao que apodrece e o que cura ao que corrompe; a não ser que alguém diga que o prego ao perfurar atrai a si os líquidos, uma vez que sempre se produz um fluxo em direcção à parte afectada. É por isso que também se diz que à volta dessa mesma zona se vê algo como uma mancha e uma nódoa negra, pois a partir do momento em que a infecção se concentra aí, tem lógica que o resto da carne se mantenha intacto.”

⁷⁰ Homero, *Odisseia* 13. 19.

⁷¹ Homero, *Iliada* 2. 578; *Odisseia* 24. 467 e 500.

⁷² Pseudo-Aristóteles, *Problemas*, 863 a 25-31.

NO BANQUETE

LIVRO IV

INTRODUÇÃO

À parte questões pontuais e da famosíssima discussão, prolongada por duas questões inteiras, sobre o Judaísmo, praticamente todo o texto que conservamos do Livro IV das *Quaestiones Convivales* versa sobre o macro-tema da alimentação e da digestão, tomando-o, como veremos, de diversos prismas.

A abrir o livro, tem lugar uma breve discussão, em jeito de prólogo, sobre os diferentes tipos de amizade e o tipo de amigos que deve esperar-se granjear quando num banquete, partindo do princípio muito filantrópico de que essas reuniões têm inerentes a si outras funções que não apenas a satisfação do estômago. Baseando-se sobretudo na teoria aristotélica da amizade (*Ética a Nicômaco* 1156a 11 – 1156b 7), desta noção se distinguem três tipos: a que se baseia no valor (*aretê*) dos homens, propriamente designada de *philia*, e duas outras, baseadas na necessidade (*chreia*) e no prazer (*hedonê*), ambas sob a designação de *eunoia*. É sobretudo esta última que pode esperar-se ocorrer num banquete, em especial pela partilha de conversas à mesa, por efeito do vinho. A bebida deve pois ser o bálsamo que embala e humaniza (*to philánthropon*) a mente, predispondo os convivas para a simpatia, sempre observantes da máxima da moderação.

Em Hiâmpolis decorre a primeira – e mais longa – questão deste livro, sobre a qualidade da alimentação, se a simples ou a variada é mais facilmente digerida. Haveria, ao tempo de Plutarco, um interesse crescente pelo tema

da dieta saudável, decorrente ao certo do luxo e da gluttonia imperiais¹. Filino, austero adepto do Pitagorismo, defende o vegetarianismo e, como tal, assume-se o defensor da alimentação mais simples. Adoptando a teoria peripatética, segundo a qual é o calor o responsável pela digestão, conclui que é natural que sejam os alimentos mais simples os que mais facilmente se deixam afectar pela digestão e se destroem no interior do organismo². Mas o real argumento de Filino reside na transgressão, com os alimentos mais elaborados – porque a sua procura visa a satisfação de prazeres desmedidos – dos princípios da necessidade e da medida (*to métrion*). Contra ele sai Márcio³ em defesa do argumento contrário, das vantagens de uma alimentação variada e mais complexa. Defende, na comida como na vida, a conciliação entre o agradável (*to hedéos*) com o saudável (*to hugieinós*), aproximando-se assim mais das teorias epicuristas. E também ele se serve de Aristóteles (*Da geração e da corrupção* 323b 28), desta vez para demonstrar que são os elementos contrários que, opondo-se, mais facilmente sofrem o efeito da digestão e se destroem. Finalmente, para não restarem dúvidas no espírito do seu adversário, recorre a outra autoridade filosófica para corroborar a sua teoria: Platão (*República* 372C), que aos eleitos da sua cidade ideal oferece um repasto variado.

¹ Cf. Plínio, *História Natural* 226. 43.

² Parece Plutarco, pela boca desta personagem, seguir de perto, uma vez mais, Aristóteles (*Meteorológicos* 379b 12).

³ Interveniente apenas nesta questão. O seu nível de linguagem levou os críticos a supor que, à semelhança de Fílon, o anfitrião do banquete em causa, também ele fosse um médico (*iatros*).

Muda-se o cenário dramático da questão segunda, que decorre agora na Élide, num banquete oferecido por Agémaco. Aqui se discute algo mais circunstancial: a crença popular de que as trufas nascem dos trovões e, por arrasto, a razão pela qual os raios não atingem quem está a dormir. Para esta última, recorre-se à noção de sopro vital (*to pneuma*), comum nos nove livros das *Quaestiones Convivales* para explicar diversos assuntos. Assim, é o seu estado mais fraco nos que dormem que faz com que eles não sejam atingidos pelo raio, porque estão os seus corpos, nesse momento, menos densos e menos compactos. Da mesma maneira são atingidos o ferro, o ouro e os outros metais, porque são mais compactos e oferecem grande resistência ao relâmpago que com eles se depara.

Frívolo é talvez o adjectivo que melhor qualifica o assunto em causa na terceira questão, decorrida em Queroneia, no banquete nupcial de Autobulo, filho do próprio Plutarco. Discute-se, precisamente, por que razão se convida muita gente para os casamentos, mais do que para qualquer outro tipo de banquete, e todos parecem concordar que a aparência e outras razões de ordem social são a melhor explicação para esse facto.

Na Eubeia, num jantar oferecido pelo sofista Calístrato, se passam as últimas três questões conservadas do Livro IV. Uma vez mais se fala de alimentação e da sua qualidade, opondo-se agora a carne ao peixe. O uso da língua e uma série de exemplos (práticos, históricos e mesmo literários) dão a vitória ao peixe. Símaco procura no entanto o consenso na discussão, defendendo

que toda a comida pode ser mais ou menos saborosa e apetecível, dependendo dos condimentos usados. No final, Lâmprias recorda como o seu avô costumava brincar com o hábito de os Judeus não comerem carne de porco. Assim, ao mesmo tempo que defende a teoria – no mínimo irrisória – de que os homens recorrem mais ao peixe para evitar a morte de animais que com eles convivem, os da terra, faz a transição para as duas questões seguintes.

As questões quinta e sexta deste livro foram, de facto, as mais comentadas e as que o tornaram conhecido. Na primeira delas, discute-se então o motivo pelo qual os Judeus se abstêm de comer carne de porco⁴, oscilando as opiniões entre a veneração e a aversão a esse animal. No capítulo 11 do *Levítico*, Moisés transmite ao seu povo as prescrições de Deus quanto aos animais que são puros e impuros. Quanto ao porco, inclui-se na curiosa categoria dos animais terrestres impuros que, tendo a unha dos pés dividida, não ruminam. Adoptando Plutarco uma perspectiva comparativista de análise das religiões, a teoria da veneração vai colher exemplos de animais sagrados noutras culturas, em especial a egípcia, para quem o porco era sagrado por ter ensinado os homens a lavrar a terra e, desse modo, a garantir a sua subsistência. Os que defendem que é por aversão e repugnância ao animal que os Judeus dele se abstêm

⁴ A fonte plutarquiana desta questão pode ter sido Hecateu de Abdera, autor de um *Aigyptiaka*, no qual um capítulo versaria sobre o Judaísmo. Discutem este assunto F. E. Brenk 1996: 239-262 e P. Volpe Cacciatore 1996: 263-267. Sobre o Judaísmo em Plutarco, no global, vide N. Simões Rodrigues 2005: 431-438.

aludem às manchas que o porco ostenta na pele, semelhantes a lepra, que o *Levítico* (13. 1-17) considera o sinal mais evidente do estado de impureza⁵.

É Lâmprias quem, discutindo ainda a abstinência deste povo, vem permitir a transição para a questão seguinte. Identificando o deus dos Judeus (*Jahweh*) com Adónis⁶ – termo que, desde logo, parece ser a versão helenizada do semita *Adon* (“o Senhor”) –, alude ao mito da morte deste herói, dilacerado por um javali, animal com incríveis semelhanças ao porco, e sugere que poderia ser essa a explicação buscada. Na última questão conservada do livro, a sexta, ao duplo sincretismo *Jahweh-Adónis* se acrescenta um terceiro elemento, o de Diónisos. E, a este respeito, ganham força os argumentos ritualistas, mais do que os etimológicos⁷. Quanto aos primeiros, parte-se de uma série de coincidências entre os rituais dionisiacos e as festividades dos Judeus para provar que o deus desse povo só pode ser Diónisos.

Plutarco e os seus intervenientes adoptam, é certo, uma postura que, no mínimo, revela a não aceitação da alteridade religiosa, desde logo pela busca da sua compreensão segundo os padrões do *eu* grego. No entanto, pese embora a lacuna do manuscrito não nos permitir conhecer o desfecho da questão, o que temos basta para concluir um respeito relativo pela diferença

⁵ Tácito, *Histórias* 5. 3-4 considera mesmo que foi a lepra o motivo da expulsão dos Judeus do Egipto.

⁶ Sv.-T. Teodorsson 1989- 1990: 118-121 considera ser este o passo mais antigo a fazer tal identificação. No entanto, o mesmo sincretismo parece já estar anunciado em Ovídio, *Arte de Amar* 1.75 sqq.

⁷ Veja-se a sua análise nas notas à tradução.

religiosa, algo que não encontramos, por exemplo, em autores como Tácito (*Histórias*, 5), que considerava o Cristianismo uma terrível superstição – e é natural que, do Judaísmo, tivesse semelhante opinião. De facto, o proleto e o universalismo da religião florescente, sobretudo na Palestina, estava a tornar-se uma ameaça real ao culto imperial.

No que às questões perdidas diz respeito, das quais mais não conhecemos do que os títulos, a sétima versava sobre astronomia, mais propriamente sobre a contagem dos dias e a posição do sol; as teorias pitagóricas marcariam, certamente, presença⁸. As restantes três seriam especialmente circunstanciais, a avaliar uma vez mais pelos títulos, e tratariam sobretudo de temas fisionómicos⁹.

Carlos A. Martins de Jesus

⁸ Para a discussão das possibilidades de tratamento e fontes desta questão, vide Sv.-T. Teodorsson 1989- 1990: 134-136.

⁹ Vide idem, 136-137.

LIVRO IV

PROÉMIO

659E

Caro Sósio Senecião: quando Políbio aconselhou Cipião Africano¹ a jamais regressar de um passeio pela ágora sem ter feito um amigo entre os cidadãos, não se deve entender ‘amigo’ no sentido estrito, nem à maneira dos sofistas, como alguém fiel e seguro, antes no sentido comum de simpatia. Da mesma forma recomenda Dicearco² que convém a cada um garantir a simpatia de todos, mas tornar seus amigos apenas as pessoas de bem. Na verdade, a amizade apenas se conquista passado longo tempo e por obra da virtude, ao passo que a simpatia

F

660A

¹ Trata-se de Cipião-o-Jovem, também referido em *Moralia* 199F e por Estobeu 37.35. Eliano, *Varia Historica* 14.38 alude a este episódio como um conselho de Epaminondas a Pelópidas, provavelmente confundindo ambos os Cipiões, o Antigo e o Jovem.

² FGrHist II. 268. Dicearco de Messene, discípulo de Aristóteles, de quem conservamos apenas escassos fragmentos. Alude Plutarco à distinção aristotélica de três tipos de amizade: a *philia*, baseada na virtude, e dois outros, sob a designação de *eunoia*, assentes na necessidade e no prazer. Inerente está também a noção de que a amizade apenas é possível entre gente de bem (*agathoi*). Vide Aristóteles, *Ética a Nicômaco* 1156a 11 – 1156b 7.

nasce da necessidade, da conversa e dos divertimentos entre concidadãos, ocasiões propícias à persuasão benevolente e à troca de favores. Quanto ao conselho de que falava, repara bem se ele não se aplica perfeitamente tanto à ágora como ao banquete, a ponto de não convir sair da mesa sem primeiro ter conseguido a simpatia ou a amizade de algum dos convivas e dos que estão presentes. As pessoas acorrem à ágora para se ocuparem dos seus negócios ou para outros assuntos necessários, mas vão a um banquete, se forem ajuizados, para fazer novos amigos e não menos para alegrar os que já o são. Como tal, seria vergonhoso e grosseiro procurar trazer cá para fora quaisquer outras coisas, mas é ao mesmo tempo agradável e meritório sair com um grande número de amigos. Pelo contrário, quem quer que seja negligente a este respeito, torna o convívio desagradável e infrutífero e vai-se embora tendo apenas sido comensal do estômago e não do espírito³. Na realidade, um conviva não vem apenas partilhar a carne, o vinho e a sobremesa, mas também as palavras⁴, o divertimento e a amabilidade que redundam em simpatia. As investidas e as pegas dos lutadores precisam de areia, mas no que toca às presas da amizade, conseguem a ligação o vinho misturado com conversa. Em verdade, por efeito do vinho, a conversa transporta e transmite do corpo para o espírito o que

³ A mesma censura aos que buscam no banquete alimento apenas para o estômago é repetida no próêmio do Livro VII (697C).

⁴ Desde muito cedo que os Gregos entendiam que um banquete sem conversação não fazia sentido. Atestam-no Hesíodo (cf. Ateneu 40F e 45D) e os mais antigos textos de ambiente simpótico como os de Teógonis e Xenófanes.

humaniza e molda o carácter; caso contrário, circulando livremente pelo corpo, ele nada mais proporciona do que a plena satisfação dos seus apetites. Em consequência, tal como o mármore, ao esfriar o ferro fundido e retirar-lhe a sua liquidez e fluidez excessivas, consegue a resistência necessária para o alisamento e a moldagem, assim a conversa à mesa não consente que de todo sejam tomados pelo vinho os que bebem, antes os refreia e ao seu relaxamento mistura alegria, humanidade e simpatia, se alguém se ajusta harmoniosamente, como pela chancela da amizade, já que se tornam moldáveis e suas por efeito do vinho.

C

QUESTÃO 1

D

Se a alimentação variada é mais facilmente digerida do que a simples.

Intervenientes: Fílon, Plutarco, Filino e Márcio.

1. Neste quarto livro, a primeira das dez conversas de banquete versará sobre o que se investigou acerca da alimentação variada. Por altura das Elafebolias⁵, chegávamos nós a Hiâmpolis para a festa e recebia-nos em sua casa Fílon, o médico, com preparativos à primeira vista adequados a jovens. Ao ver que o filho mais novo de Filino, que estava junto dele, tomava apenas pão, sem necessidade de mais nada, disse eu: “Por Hércules, isto é como diz o ditado:

⁵ Celebração da caça do veado (*élaphos*) em honra de Ártemis. Hiâmpolis era uma região da Fócida, situado a cerca de 20 km de Queroneia, a terra natal de Plutarco.

entre pedras lutavam, mas nem uma pedra se conseguia
[erguer]⁶

E Levantou-se então de um ápice para lhes trazer algo que pudessem comer e, passado algum tempo, regressou com alguns figos secos e queijo. Quando eu lhe disse que isso acontecia a quem, providenciando preparativos excessivos e caros, se esquecia das coisas indispensáveis e mais úteis, Fílon respondeu: “Não me apercebi que Filino nos está a criar um verdadeiro Sósastro⁷, de quem dizem ter passado a vida sem tomar outra bebida ou comida que não fosse leite. Mesmo no caso dele, é possível que a sua dieta tenha tido origem numa mudança anterior na sua vida; e este Quíron⁸, que ao contrário do que fez a Aquiles, tem vindo a alimentar o nosso homem, desde o nascimento, com alimentos sem sangue e sem vida, não é ele a prova provada de que é possível alimentar-se apenas de ar e orvalho, como dizem acerca das cigaras?”

661A

“Nós, de facto – disse Filino – não sabíamos que íamos participar no banquete das Hecatombónias, como no tempo de Aristómenes⁹; nesse caso, teríamos

⁶ Ateneu 475B cita os quatro versos onde se integraria o que Plutarco transmitiu. Trata-se, no original, da narração de um naufrágio, seguido de combate entre os rochedos de uma praia.

⁷ Figura totalmente desconhecida, ao ponto de alguns editores preferirem ler “Zoroastro”. Seria, no entanto, um indivíduo famoso pela sua parcimónia.

⁸ O centauro que teria sido encarregue de criar Aquiles.

⁹ Este ritual em honra de Zeus, celebrado entre os Messénios, ao que parece sempre que um único cidadão conseguia assassinar cem inimigos, era seguido de um farto banquete. Segundo Pausânias 4.19.3, no tempo de Aristómenes (séc. VII a.C.), tal teria ocorrido

chegado aqui com alimentos simples e saudáveis no regaço, como antídoto contra estas mesas tão fartas e variadas. Para mais, muitas vezes te ouvimos já dizer que os alimentos simples são mais fáceis de digerir e mais acessíveis do que os variados.”

Disse então Márcio a Fílon: “Filino está a destruir por completo os teus preparativos, repelindo e asustando os teus convidados; no entanto, se desejares, sairei em tua defesa perante eles em como a alimentação variada é mais fácil de digerir do que a simples, de forma que desfrutem, com confiança, do que lhes foi servido.” E então Fílon pediu a Márcio que assim fizesse.

2. Quando nós, terminado o jantar, convidámos Filino a tecer a sua acusação contra a comida variada, disse ele: “*A história não é minha*¹⁰, antes é aqui o Fílon que nos está sempre a dizer que, em primeiro lugar, os animais que ingerem alimentos de uma só espécie e simples são mais saudáveis do que os seres humanos; ao invés, os que se engordam, fechados, tornam-se mais vulneráveis às doenças e facilmente estão sujeitos a indigestões por ingerirem comida ao mesmo tempo misturada e mais apetecível. Em segundo lugar, médico algum é tão atrevido ou corajoso no que toca a inovações ao ponto de prescrever uma alimentação variada a um paciente com febre; antes lhe receita uma dieta simples e livre de gorduras, por ser a que mais facilmente suporta a digestão. É de facto preciso que o alimento sofra e se

B

pelo menos três vezes, no decurso da terceira guerra messénica.

¹⁰ Verso da tragédia euripídiana *Melanipa* (fr. 484 Nauck²).

- C deixo transformar pelas forças que há em nós, tem mais força a tinta de cores e, nas drogas de perfumaria, o que mais depressa se mistura é o azeite que tem menos odor. Do mesmo modo o alimento mais passível de se transformar por efeito da digestão é o puro e simples. Por sua vez, muitas e variadas qualidades, estando em conflito e luta declarada, quando se encontram começam por se destruir, tal como numa cidade uma multidão de indivíduos é misturada e como que revolvida pelas ondas, e estes elementos não conseguem estabelecer unidade e manter uma ordem harmoniosa, antes cada um puxa para seu lado e não está disposto a chegar a acordo com a parte estranha. Uma prova clara é-nos dada pelo vinho: aquilo a que chamamos *alenias*¹¹ embebeda muito mais rapidamente, e a bebedeira é, sem dúvida, uma espécie de indigestão, no que toca ao vinho. É essa a razão por que quem bebe evita a mistura de vinho, e os que o misturam procuram escondê-lo, feito conspiradores, pois a mudança é coisa perturbadora e anómala. É também por isso, sem dúvida, que os músicos tocam com maior cautela os acordes complexos, o que não tem mal nenhum para além da própria combinação e da variedade. Quanto a mim, atrevo-me a dizer que é mais fácil obter acordo e confiança de argumentos contrários do que uma digestão de alimentos distintos.

- D No entanto, se pareço estar a brincar, ponho de parte estes argumentos e volto aos de Fílon. Muitas vezes
 E ouvimos dizer que da qualidade do alimento resulta ora

¹¹ Ingestão de vinhos diferentes, numa mesma ocasião, causa de embriaguês mais rápida.

má [ora boa] digestão, ou que as grandes misturas são prejudiciais e provocam estados adversos, e que importa tomar da experiência o que é afim, usá-lo e apreciá-lo. De outro modo, se por si mesmo nada é indigesto, mas apenas a abundância causa transtorno e faz mal, mais uma razão, estou em crer, para evitar essa multiplicidade e diversidade com que ainda há pouco o cozinheiro de Fílon, como um rival na sua arte, tentou envenenar-nos, despertando pela novidade e pela mudança o nosso apetite, sem o acalmar, antes levando-o ao encontro de outras coisas e fazendo, com tal variedade, com que transgrida os limites da medida e da necessidade, tal como esse menino criado por Hipsípile¹² que

uma após a outra colhendo,
despoja de flores com coração alegre,
insaciável criança que é,

F

e arranca a maior parte das flores do prado. Neste ponto há também que lembrar Sócrates¹³, que aconselhava a guardar-se das iguarias que levam os que não têm fome a comer: recomendava tão só que não nos abstivéssemos nem fugíssemos de nenhum outro alimento,

¹² Filha do rei Toas de Lemnos. Depois de raptada e feita escrava por Licurgo, monarca de Nemea, teve a seu cargo a educação de Ofertes. Segundo a versão trágica do mito, foi no momento em que informava o exército liderado por Adrasto, que avançava contra Tebas, do local onde poderiam encontrar de beber que, deixando a criança sozinha, esta foi mordida por uma serpente e morreu. Os versos citados são da tragédia *Hipsípile* de Eurípides (fr. 784 Nauck²) e referir-se-iam precisamente ao quadro da criança abandonada, imediatamente antes de ser mortalmente ferida.

¹³ Cf. Xenofonte, *Memoráveis* 1.3.6.

662A a menos que fosse diversificado e misturado. Isso eleva o prazer muito além da necessidade, em espectáculos, em palestras, em prazeres sexuais, em todo o tipo de diversões e passatempos, arrastado pelo que é supérfluo e tem um sem número de estímulos. Pelo contrário, no que toca a prazeres simples e naturais, o seu encanto não transgride os limites da natureza. Em suma, parece-me que se suportaria bem melhor um músico a elogiar um instrumento de múltiplas cordas, ou um treinador uma massagem de perfumes, do que um médico a alimentação variada; é que os desvios e as mudanças afastam-nos do caminho da saúde.

B 3. Tendo Filino assim falado, Márcio disse que, em sua opinião, à imprecisão de Sócrates estavam sujeitos não só aqueles que separam o útil do belo, mas também quantos distinguem o prazer da saúde, com a ideia de que o primeiro se opõe e combate a última, em vez de lhe prestar auxílio. “Poucas vezes e contra vontade – ia dizendo – recorreremos à dor, já que é a mais penosa das terapias; no entanto, de nenhuma outra, mesmo que quisesse, alguém conseguiria eliminar o prazer: ele marca presença na comida, no sono, no banho, em perfumes e quando estamos reclinados a descansar; acolhe o que está cansado e faz de seu enfermeiro, destruindo o que nos é estranho em benefício do que é nosso e conforme à natureza. Afinal, que espécie de dor, que privação ou que tipo de veneno já nos livrou de uma doença tão rapidamente e de forma tão simples como um banho, tomado no momento certo, ou um vinho oferecido aos

C

que dele necessitam? E uma refeição tomada com prazer logo nos liberta de todas as tristezas e restitui a natureza ao seu estado normal, como quando se estabelece a calma e a bonança. Pelo contrário, os remédios que causam dor só a muito custo e pouco a pouco são bem sucedidos, já que abrem a porta à força e atentam contra a natureza. Assim sendo, não pode Filino condenar-nos se não evitamos o prazer recusando içar outras velas, mas buscamos apenas conciliar o ‘agradável’ com o ‘saudável’ de forma mais harmoniosa do que fazem alguns filósofos¹⁴ quanto ao ‘agradável’ e ao ‘belo’.”

D

Posto isto, Filino, logo no primeiro dos teus argumentos me parece que erraste, ao supor que os animais têm necessidade de alimentos mais simples do que os homens e que gozam de maior saúde. Nenhuma destas opiniões, de facto, é verdadeira. As cabras de Êupolis¹⁵ testemunham contra a primeira, quando celebram com hinos o seu alimento, que era totalmente variado e misturado, e dizem qualquer coisa como isto:

Pastamos em bosque variado, de abetos, carascas e medronhos delicados ramos a retouçar, e além destas outras mais:
 cítiso, a aromática sálvia e o frondoso teixo,
 oliveira silvestre, lentisco, freixo, [o branco álamo], pinheiro,
 [hera, urze,
 tamariz, aderno, verbasco, asfódelo, jarro, bolota, tomilho
 [e alecrim.

E

¹⁴ Parece referir-se aos Epicuristas.

¹⁵ Fr. 13 K-A. Êupolis foi um comediógrafo ateniense, contemporâneo de Aristófanes (séc. V a.C.).

As plantas aqui enumeradas têm, sem dúvida, milhares de sabores, de aromas e de propriedades distintas. E mais do que as referidas, foram por certo as que ficaram por referir.

A tua segunda opinião, refuta-a Homero¹⁶, essencialmente pela experiência, ao demonstrar que as doenças contagiosas atingem em primeiro lugar os animais; e a brevidade da sua vida denuncia também quanto são susceptíveis à morte e à doença. De facto, nenhum deles, por assim dizer, vive durante muito tempo, à excepção talvez do corvo e da gralha, que todos sabemos serem omnívoros e estarem acostumados a todo o tipo de alimento.

F Portanto, e no que toca à dieta de quem está doente, fizeste bem em distinguir entre as comidas digestas e as indigestas: na verdade, o esforço, o exercício físico e a variedade na alimentação favorecem a digestão, mas já
663A não são adequados a quem tem febre. Mas temias sem razão a luta e a diversidade da alimentação variada; é que a natureza assimila o que lhe convém dos alimentos que lhe são conformes e, como tal, uma alimentação variada transmite ao organismo diversas qualidades, distribuindo-as conforme convêm a cada parte do corpo, de modo que ocorre o que diz Empédocles¹⁷:

assim o doce arrebatava o doce, e sobre o amargo se lançava

[o amargo,

[o picante juntava-se ao picante, o salgado do salgado se

[apoderava.]

¹⁶ *Iliada* 1. 8-52, no momento em que se narra a epidemia que se abatera sobre os Aqueus em Tróia.

¹⁷ Fr. 90 D-K.

E dado que tudo o resto aspira pelo que lhe é conveniente, ao dissolver-se a mistura por efeito do calor que há no sopro vital, cada um dos elementos vai combinar-se com os que lhe são congéneres; é que faz sentido que um corpo tão mesclado e heterogéneo, como é o nosso, acumule os contributos de uma matéria variada, em vez de simples, para assim satisfazer a sua complexidade. A ser assim, e posto que aquilo a que chamamos ‘digestão’ transforma e altera, por natureza, a comida, isso há-de ocorrer mais rapidamente e melhor com uma dieta variada, uma vez que o semelhante não reage em face de um seu semelhante, antes é pelo confronto e pela divergência, pela mistura com o que lhe é oposto, que certas qualidades são destruídas. Em conclusão, Filino, se retiras todo o valor à mistura e à variedade, não deves censurar Fílon, aqui presente, apenas por dessa forma nos ter preparado e servido uma refeição, mas acima de tudo por misturar esses remédios régios e antitóxicos a que Erasístrato chamava «mãos dos deuses»¹⁸; demonstra a sua extravagância e desperdício ao concentrar, num só, elementos minerais, vegetais e animais, tanto da terra como do mar; seria bom, de facto, esquecer tudo isso e reduzir a medicina à tisana, à ventosa e ao azeite com água.

Mas tu afirmas, por Zeus, que a variedade enco-
raja e fascina um apetite impossível de controlar! Assim

¹⁸ Trata-se de Erasístrato de Iúlis (c. 300-240 a.C.), um conhecido médico helenístico, em especial pelas suas investigações no campo da anatomia. As “mãos dos deuses” parecem ser um unguento composto por cinco ingredientes, mas muito pouca informação sobre o indivíduo e as suas teorias chegou até nós.

também, meu caro, o que é puro, apetitoso, aromático ou, numa palavra, muito agradável, nos seduz e nos leva a comer e a beber mais. Então, por que razão não amassamos papas de cevada em vez de trigo? Ou, em vez de espargos, não preparamos alhos-porros e cardos? Ou por que é que, rejeitando este vinho com aroma de flores e suave, não bebemos da talha um outro mais áspero, à volta do qual zumbe um coro de mosquitos? Porque, dirias tu, uma dieta saudável reside não na fuga e na recusa do prazer, antes na fruição moderada do prazer e numa norma que coloque o apetite na dependência do que é conveniente. Como os pilotos vencem o vento tempestuoso com recurso a muitas técnicas, mas uma vez calmo e amainado ninguém é capaz de o reanimar e de novo o despoletar, do mesmo modo fazer frente ao apetite e controlar o seu excesso não é tarefa complicada, mas, se enfraquecido antes do tempo, debilitado e despojado do que lhe é conveniente, é muito difícil e trabalhoso, meu amigo, intensificá-lo e reacender a sua chama. É por isso que uma alimentação variada é preferível à simples, detentora de uma monotonia fastidiosa, já que é mais fácil pôr travão à natureza em movimento do que fazê-la mover quando já estagnou. De resto, o que alguns afirmam, que o excesso é mais de evitar do que a carência, não é verdade, muito pelo contrário: se o excesso é prejudicial sempre que provoca qualquer dano ou doença, já a carência, mesmo que não cause nenhum outro mal, é por si só contrária à natureza.

F Aqui tens, por assim dizer, a minha resposta às tuas alegações. Mas como vos fostes esquecer, vós, *os dos feijões e*

*do sal*¹⁹, que a variedade é mais agradável, que o mais agradável é mais apetitoso e que o mais apetitoso é mais saudável, se lhe tiras o que está em excesso e demasia? É que ele cresce com o corpo, que por ele anseia e o acolhe, e abre-lhe caminho o olhar. Pelo contrário, o que não é apetecível, andando errante e extraviado, ou a natureza o expulsa por completo, ou acaba por absorvê-lo, a muito custo, por necessidade. Guarda e lembra-te apenas disto, nada mais, que a variedade não se resume a pratos elaborados com especiarias e salsas da Lídia²⁰. Isso são coisas supérfluas e sem sentido. A variedade, oferece-a mesmo Platão²¹ a esses cidadãos nobres e de gema, ao servir-lhes cebolas, azeitonas, verduras, queijo, sopas de toda a espécie e, além disso, não permitindo que, depois de jantar, fiquem sem a sua dose de sobremesas. 664A

QUESTÃO 2

Por que razão se julga que as trufas nascem do trovão e por que se acredita que os que estão a dormir não são atingidos pelos raios.

Intervenientes: Agémaco, Plutarco, Doroteu e outros.

1. Certa vez, num jantar na Élide, Agémaco serviu-nos umas trufas muito grandes. Como todos os

¹⁹ O provérbio refere-se aos que apreciam os alimentos mais simples. No ponto 10 do Livro V das *Quaestiones Convivales*, Apolofanes discute ao pormenor o seu sentido.

²⁰ Os molhos referidos no original são a *abyrtakê*, feito de alhos porros, agrião e mostarda ou sementes de romã, o *kandylos*, prato originário da Lídia que se acreditava ter poderes afrodisíacos e a *karkykê*, da mesma origem que o anterior, feito no entanto de sangue e especiarias.

²¹ *República* 372c.

presentes ficassem pasmados, disse um deles a rir: “Sem dúvida dignas dos trovões que ainda agora se sentiram!”, como que a troçar de quantos afirmam que as trufas são produzidas pelo trovão²². Havia de facto quem dissesse que a terra, atingida por um raio, se abria, servindo-se do ar como uma estaca, e que depois os que vão colher trufas as encontram nas fendas; daí terá surgido entre as gentes a opinião de que os trovões geram as trufas, e não que apenas as põem à vista, como se alguém acreditasse que a chuva cria os caracóis e não, pelo contrário, que apenas os faz sair e vir à luz. Agémaco, por seu lado, defendia essa história e ia pedindo que não se considerasse inacreditável o que nela havia de espantoso. É que são muitos os efeitos espantosos do trovão, do raio e de outros fenómenos meteorológicos, cujas causas são muito difíceis ou mesmo completamente impossíveis de compreender. “Por exemplo – dizia – esse bolbo que anda para aí tão ridicularizado e feito provérbio²³, livra-se do raio não por ser pequeno, antes porque possui em si uma força que lhe é contrária, tal como a figueira e a pele de foca, segundo consta, e ainda a da hiena, com as quais os armadores revestem as extremidades das velas dos navios. Já os agricultores, afirmam e acreditam

²² Opinião relativamente comum, como prova o passo de Ate-neu 62B.

²³ Os Gregos agrupavam sobre a designação de *bolbos* um vasto conjunto de plantas, entre as quais os jacintos, narcisos, cebolas, trufas e as raízes comestíveis. Acreditava-se que tinham poderes afrodisíacos (cf. Plínio, *História Natural* 20.105). Julgam os comentadores que a planta em causa neste passo é uma espécie de jacinto (cuja designação científica é *muscari comosum*), descrita por Teofrasto (*História das Plantas* 7.13.8).

que são férteis as chuvas que se fazem acompanhar de relâmpagos. E é tolice, no geral, admirar-se perante estas coisas, já que nós próprios podemos contemplar, directamente, algo mais inacreditável do que tudo isso, como sejam chamas a brotar das águas e ruídos secos de nuvens calmas. Com esta conversa – dizia – estou apenas a incitar-vos à busca das suas causas, não vá depois parecer mesquinho da minha parte pedir-vos a contribuição por estas trufas.”

2. Então eu acrescentei que Agémaco estava a dar, ele próprio, uma mãozinha à discussão. Na ocasião, de facto, nada me parecia mais verosímil do que a ideia de que, com frequência, cai água fértil com os trovões. “A causa reside na sua mistura com o calor: na verdade, o que há de penetrante e puro no fogo dissolve-se e transforma-se em relâmpago, enquanto os seus elementos pesados e vaporosos, envolvidos na nuvem e transformados com ela, lhe extraem o frio e, ao mesmo tempo, absorvem a sua humidade; de forma que é sobremaneira favorável aos rebentos em que penetra, e logo os fortifica. E posto que derrama as propriedades da sua mistura e diferença de sabor na vegetação regada – da mesma maneira que os orvalhos tornam a erva mais apetecível para o gado, e as nuvens que fazem florir o arco-íris (*iris*) estão carregadas do doce perfume das árvores em que ele se apoia (elas são, na nossa zona, conhecidas como *iriskepta*, por se julgar, precisamente, que sobre elas se sustém o arco-íris²⁴) –, é muito natural que a terra seja

²⁴ Em grego, *episkeptein*.

665A revolvida por essas chuvas acompanhadas de relâmpagos, raios, ventos e altas temperaturas que se fundem nas suas profundezas, e que conserve tais misturas e porosidades, semelhante ao que acontece nos corpos, onde determinados calores e correntes sanguíneas provocam feridas escrofulosas e glandulares. Ora, para começar, a trufa não é semelhante a uma planta, embora não nasça sem água; não tem raiz nem rebentos e cresce solta, uma vez que retira, de forma muito particular, a sua vitalidade do solo, que de alguma maneira se modifica e transforma. E mesmo que a explicação – concluí – vos pareça pouco convincente, assim são, na sua maioria, os efeitos causados pelos trovões e pelos raios. Também por isso, precisamente, está ligada a estes fenómenos a ideia de que são divinos.”

3. Disse então Doroteu, um professor de retórica que ali estava: “Falas bem! De facto, são dessa opinião não só muitos cidadãos comuns, mas também alguns filósofos. Eu próprio sei pelo menos de um homem que, tendo uma vez caído um raio na nossa terra, mesmo em sua casa, e provocado muitos assombros – derramou, com efeito, o vinho de umas ânforas, sem ter danificado as vasilhas, e passou mesmo de raspão a esse homem enquanto ele dormia, sem o atingir nem sequer lhe tocar as vestes, tendo no entanto desfeito e derretido as moedas de cobre que trazia na algibeira –, foi junto de um filósofo pitagórico que estava na cidade e pediu-lhe uma opinião. Ele, no entanto, apenas se absteve de responder, por escrúpulos religiosos, e disse-lhe que analisasse

B

a questão apenas no que estivesse ao seu alcance e dirigisse preces aos deuses. Ouvi dizer também que, ao cair um raio junto de um soldado que vigiava um templo em Roma, lhe chamuscou as correias das sandálias mas não lhe provocou nenhum outro ferimento; e que a umas lamparinas feitas de prata e envoltas em madeira desfez por completo, derretendo-lhe a prata, enquanto a madeira foi encontrada intacta e sem qualquer defeito. E nisto pode ou não acreditar-se, mas o mais impressionante de tudo, e que todos nós, por assim dizer, sabemos, é que os corpos dos que morrem atingidos por um raio se conservam intactos; tanto que muita gente nem os queima nem os enterra, antes, adornados, os deixa à vista, para que os cadáveres sejam para sempre vistos incorruptos, testemunhando contra o Clímenes de Eurípides, que diz de Faetonte²⁵:

e que me é querido,
cadáver por lavar, apodrece num barranco.

Por isso, estou em crer que o enxofre (*theion*) recebe o seu nome da semelhança do seu odor com o cheiro pungente a fogo que é libertado pelos objectos atingidos por um relâmpago²⁶; assim se explica, segundo penso, que tanto os cães como as aves se afastem dos corpos feridos por Zeus. Da minha parte, com efeito,

²⁵ Fr. 786 Nauck².

²⁶ Não parece correcta a etimologia que relaciona o adjectivo *theios* ('divino') com o substantivo *theion* ('enxofre'). Ela pretende, no entanto, explicar a origem divina que o senso-comum atribuía à trovoadas.

oxalá tenha mastigado bem, até este ponto, a causa do problema, como uma folha de loureiro²⁷; quanto ao resto – disse –, convoquemos para a discussão também esse que tão bem falou sobre as trufas, para que não nos aconteça como aconteceu a Andócides: na verdade, quando pintou os peixes de Cila, o mais natural e o mais belo de tudo quanto desenhou, deu a entender que se deixou levar mais pela paixão do que pela técnica, amante que era, por natureza, desse petisco²⁸. Do mesmo modo alguém dirá que nós, dissertando por prazer sobre as trufas, que têm, como vês, uma origem muito controversa, nos mostramos atrevidos, já que, em assuntos deste tipo, por de trás da razão reside a vontade de nos convenceremos que a sua explicação é clara²⁹.

4. E enquanto eu os aconselhava e lhes dizia que, como na comédia, estávamos a erguer a maquinaria e a lançar uns trovões, pelo que era o momento de falar, durante a bebida, sobre os relâmpagos, deixaram de parte tudo o resto, pois estavam de acordo comigo, mas insistiram em querer ouvir-me dizer algo sobre aqueles que, enquanto dormem, não são atingidos pelos relâmpagos. No entanto, não avancei mais nada sobre

²⁷ Alusão tópica ao costume lendário da sacerdotisa de Apolo em Delfos, que mastigaria folhas de loureiro para garantir a inspiração divina.

²⁸ Andócides de Cícico foi um pintor contemporâneo de Zêuxis e Parrásio (1ª metade do séc. IV a.C.). Plutarco refere-se a este mesmo episódio adiante (668C). Ateneu 341A transmite como fonte desta história o periegeta Pólemon.

²⁹ Texto muito lacunar, cujo sentido deve aproximar-se do que lhe demos em tradução.

a origem do fenómeno, que tinha explicação comum; mas lá fui dizendo que o fogo do relâmpago é espantoso pela sua perfeição e subtilidade, posto que tem a sua origem directa numa substância pura e sem misturas, e que qualquer matéria húmida ou térrea que lhe seja misturada é expulsa e eliminada pela rapidez com que se move. «Nada do que é atingido por Zeus – como afirmou Demócrito³⁰ – pode resistir ao fogo brilhante que vem dos céus.» Com efeito, corpos compactos como o ferro, o bronze, a prata e o ouro oferecem resistência, corrompem-se e são derretidos em consequência da oposição e resistência que manifestam; pelo contrário, dos objectos pouco densos, muito porosos ou que estão desagregados, graças à sua inconsistência, passa-lhes ao lado, sem lhes tocar, como acontece com as vestes e a madeira seca. Quanto à que está verde, queima-a, posto que a sua humidade se lhe opõe e atea o fogo³¹. Se de facto é verdade que os que estão a dormir não são mortos pelos raios, nisso e em nenhum outro lugar há que buscar a explicação. Mais vigorosos, mais compactos e mais firmes são os corpos dos que estão despertos, pois estão preenchidos, em todas as partes, pelo sopro vital; também por ele, ao afinar e retesar os sentidos como a um instrumento musical, o ser vivo se torna bem tenso, firme e compacto. Pelo contrário, durante o sono, o corpo relaxa-se, inconsistente, desigual, solto e liberto e, quando enfraquece e o abandona o sopro vital, ficam abertos muitos poros, por onde passam, imperceptíveis,

F

666A

B

³⁰ Fr. 152 D-K.

³¹ Que a humidade é o grande combustível do fogo vai discutir-se adiante, no Livro VI (687 A e C).

sons e odores. Pois os elementos que se apresentam do exterior não encontram resistência nem suportam efeito de resistência, em especial aos que o trespassam com subtileza e rapidez, como é o caso do relâmpago. Na verdade, a natureza defende-se do assalto dos menos fortes pela sua impassibilidade, aos quais opõe dureza e densidade. Em contrapartida, em face dos que têm uma força invencível, sofrem menos os que cedem do que quantos lhes oferecem resistência.

Acrescenta a tudo isto – disse eu – o efeito de surpresa perante tais fenómenos, que não é pequeno, para além do medo e do terror, pelos quais muitos que não sofreram qualquer outro mal morreram pelo simples facto de recearem a morte. É por isso que os pastores ensinam as suas ovelhas, quando há trovoada, a correr e a permanecer juntas, já que uma que fique abandonada acaba por abortar de medo. E as evidências mostram que milhares de indivíduos morreram devido a um trovão, sem terem sofrido qualquer ferida, golpe ou queimadura, mas apenas porque, devido ao medo, o espírito como que se lhes evolou do corpo, feito um pássaro,

pois a muitos matou o sopro isento de sangue do trovão,

como diz Eurípides³². E, sem dúvida, de todos os sentidos é a audição o mais sensível, e é por isso que a agitação e o terror produzidos pelo ruído são a causa das mais graves perturbações. Aos que estão a dormir,

³² Fr. 982 Nauck².

a inconsciência se oferece como defesa. Já os que estão despertados, não só são dominados pela apreensão, como o terror lhes amarra³³, em boa verdade, o corpo, os aperta e reprime, fazendo com que o golpe seja mais grave por força da sua resistência.”

D

QUESTÃO 3

Por que razão, nos casamentos, se convida muita gente para o banquete.
Intervenientes: Sósio Senecião, Téon e outros.

1. Presente em Queroneia para o casamento do meu filho Autobulo, Sósio Senecião celebrava-o conosco e, entre muitas outras conversas adequadas à ocasião, suscitou a discussão sobre a razão por que se convida muito mais gente para os banquetes nupciais do que para os restantes. Até porque, aqueles de entre os legisladores que com vigor combateram a extravagância, limitaram sobretudo o número de pessoas a convidar para os casamentos³⁴. “Pois – explicou – de entre os filósofos antigos, quem falou sobre esta questão foi Hecateu de Abdera³⁵ e, ao que me parece, nada disse de convincente. Afirmou que os que contraem matrimônio convidam muita gente para a festa para que sejam muitos a ver e a testemunhar que são de condição livre e

E

³³ Há, no original, um jogo de palavras impossível de manter em tradução, entre ‘terror’ (*deous*) e o particípio do verbo ‘amarrar’ (*suadeontos*).

³⁴ Cf. Platão, *Leis* 775a e Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1169b.

³⁵ Filósofo da primeira metade do séc. III a.C., era cultor de uma narrativa que misturava a história e a fantasia mitológica.

F que, do mesmo modo, se casam com alguém livre. Pelo contrário, os poetas cómicos brincam com os que se casam entre luxos e ostentação, com banquetes faustosos e aparatosos, como se o fizessem por falta de confiança e esperança no futuro. Assim Menandro³⁶, que disse sobre alguém que havia ordenado que o seu casamento fosse abrilhantado com pratos:

... não é atitude própria de noiva aquela de que falas.

667A 2. No entanto, para que não pareça estarmos a acusar com leviandade os outros, nós próprios nada dizendo, começo por afirmar – continuava – que não há outra ocasião tão apropriada ou apregoada para uma festa como a do casamento. Quando oferecemos sacrifícios aos deuses, quando hospedamos um amigo ou nos despedimos dele, pode isso passar despercebido a muitos dos nossos familiares; mas a festa nupcial tem a denunciar-nos o himeneu³⁷, que grita bem alto, tem a tocha e o som da flauta, coisas que, segundo Homero³⁸, também as mulheres apreciam e contemplam, espedadas em frente às suas portas. Como tal, posto que ninguém ignora que há recepção e convites, com medo de esquecer alguém, convidam-se todos os que são íntimos e os familiares, quantos, de alguma forma, têm relações com eles.”

³⁶ Não é possível identificar a comédia a que pertenceria este verso isolado. Tanto a citação como o texto que a antecede são lacunares no manuscrito, pelo que tentámos exprimir em tradução o seu sentido aproximado.

³⁷ Canto nupcial.

³⁸ *Iliada* 18. 495-496.

3. Tendo todos nós concordado, tomou a palavra Téon para dizer: “Seja assim como dizes, pois não é coisa inverosímil, e acrescenta ainda, se te aprouver, que tais banquetes não são apenas reuniões entre amigos, mas também entre familiares, ao misturar com a família outra casa. E, o que é mais importante, quando duas casas se unem numa só, posto que tanto o que recebe como o que oferece sente que é seu dever acolher com bondade os familiares e os amigos de uma e de outra parte, com isto se duplicam os convidados. Para além disso, muitas ou pelo menos grande parte das cerimónias relacionadas com o casamento estão a cargo das mulheres, e onde há mulheres é forçoso que também os maridos delas sejam incluídos.”

B

QUESTÃO 4

Se o mar é mais fecundo do que a terra.

Intervenientes: Polícrates, Símaco, Lâmprias e outros.

1. Edepso, na Eubeia³⁹, cujas termas são um local cheio de condições propícias a prazeres saudáveis, bem fornecida de edifícios e habitações, transformou-se na residência comum da Hélade. E muito embora ali se possa obter uma grande variedade de aves e de animais terrestres, o mar oferece um mercado nada menos farto, ao criar, em águas costeiras, claras e pouco profundas,

C

³⁹ Situada na costa NW da Eubeia, esta pequena cidade, na Antiguidade como nos nossos dias, era um conhecido *resort* de luxo, em especial pelas suas águas termais.

D peixe de qualidade e em abundância. E esse lugar brilha sobretudo na força da Primavera; é que muitos ali acorrem no decurso dessa estação, fazem reuniões uns com os outros com toda a liberalidade e gastam muito tempo, por força do ócio, em conversas. Quando o sofista Calístrato⁴⁰ andava por lá, muito dificilmente jantava noutro sítio, já que era irresistível a sua afabilidade, e a facilidade com que juntava, na mesma reunião, todas as pessoas de bom trato tornava o momento muito agradável. Muitas vezes, de facto, procedia como outrora Címon⁴¹, já que dava de comer a muita gente de diferentes origens, mas sempre, por assim dizer, como Celeu⁴², de quem se conta que foi o primeiro a fundar uma reunião quotidiana de homens famosos e nobres, à qual deu o nome de Pritaneu⁴³.

E 2. Aí tinham lugar, desde logo, conversas sempre adequadas a uma reunião dessa natureza. Certa vez, a grande variedade de iguarias motivou-nos a discussão sobre os alimentos, se os da terra eram mais convenientes do que os do mar. E, quando todos proclamavam os da terra, por serem muitos, diversos e de classes e

⁴⁰ Filho de Léon, um dos intervenientes do Livro VII – onde é um dos anfitriões de Delfos –, só neste ponto é referido por Plutarco como tratando-se de um sofista.

⁴¹ Filho de Miltíades, seria de uma generosidade que se tornou proverbial (Cf. Plutarco, *Címon* 10.1-2).

⁴² Rei lendário de Elêusis, pela primeira vez referido no *Hino Homérico a Deméter* (vv. 96 e 475). Nenhum outro testemunho, no entanto, põe em destaque a sua hospitalidade.

⁴³ Nenhuma outra fonte atribui a Celeu a fundação do Pritaneu, instituição que se tornaria comum na Grécia.

variedades sem fim, disse Polícrates⁴⁴, dirigindo-se a Símaco⁴⁵: “Então tu, que és uma criatura do mar, criado em tantos mares, que por todos os lados cercam a vossa sagrada Nicópolis⁴⁶, não tomas o partido de Poséidon?” “É mesmo esse o meu desejo, por Zeus – disse Símaco –, e peço a tua ajuda e colaboração, tu que colhes os melhores frutos do mar Aqueu.” “Já que assim é – disse Polícrates –, comecemos pelo uso corrente das palavras. Como na verdade, sendo muitos os poetas, apenas ao que, por mérito próprio, é o melhor chamamos “poeta”⁴⁷, também dos muitos manjares apenas o peixe, ou sobretudo ele, conseguiu ser chamado de ‘manjar’ (*opson*), por superar muito todos os outros pela excelência. Pois chamamos ‘comedor de manjares’ (*opso-phagous*) e ‘bom-garfo’⁴⁸ não aos que apreciam carne de vaca, como Hércules – que depois de carne comia figos frescos⁴⁹ –, nem ao que aprecia figos, como Platão, nem mesmo ao que gosta de uvas, como Arcesilau⁵⁰, mas aos que se entregam em todos os momentos ao comércio de peixe e ouvem de imediato a trombeta. Também

F

668A

⁴⁴ Descendente de Arato de Sício, famoso estrategista, Polícrates é o indivíduo a quem Plutarco dedica a biografia do primeiro indivíduo, seu pai.

⁴⁵ Provavelmente um dos membros do Conselho dos Anfitriões. A ele é concedida a abertura da questão sexta deste livro.

⁴⁶ Cidade vizinha de Ácio, fundada por Augusto no ano 30 da nossa era.

⁴⁷ Homero, por diversas vezes referido apenas como “o poeta”.

⁴⁸ À letra, *philopsous* (‘amante de manjares’).

⁴⁹ Eurípides, fr. 907 Nauck². Na poesia, Hércules recebia mesmo os epítetos de *bouphagos* e *bouthoines*, ambos com o sentido de ‘comedor de bois’.

⁵⁰ Natural de Prítane, foi, no ano de 268 a.C., director da Academia platónica.

Demóstenes⁵¹ disse que Filócrates, com o ouro da sua traição, «comprou prostitutas e peixes», para acusar o fulano de gula e libertinagem. E Ctesifonte⁵², não sem razão, aos gritos de um comilão no Conselho, replicou: «De modo algum, meu caro, faça com que os peixes nos devorem!» E o autor deste versito,

vives de alcaparra, podendo viver de dourada,⁵³

- B que quer ele dizer? E que querem dizer todos esses, pelos deuses, que afirmam, sempre que convidam alguém para passar um bom bocado, «hoje vamos à praia»? Não estarão a dizer o que é bem verdade, que a refeição na praia é a mais agradável? E não fica isso a dever-se às ondas e ao areal – afinal, quem é que vai para a praia comer puré de legumes ou alcaparras? –, mas porque, na zona costeira, a mesa é abundante em peixe fresco. Além disso, também a comida que, contra a lógica, entre todas é vendida mais cara é a que vem do mar. Com efeito, Catão não exagerava, antes dizia a mais pura das verdades, contra o luxo e a extravagância da cidade, quando clamava em público que, em Roma, um peixe se vendia mais caro do que um boi inteiro, e que uma travessa de peixe salgado atingia o valor que não era sequer pedido por uma hecatombe⁵⁴ com o boi à frente, depois de abatido.

⁵¹ *Sobre a Falsa Embaixada* 229.

⁵² Um dos membros da embaixada ateniense contra Filipe da Macedónia.

⁵³ Fragmento cómico adéspota (733 K-A).

⁵⁴ Cem animais. Cf. Plutarco, *Catão* 8.2.

Desde logo, como da qualidade dos remédios é o médico experiente o melhor juiz, e do valor das melodias o maior amante da música, do mesmo modo da excelência das comidas o melhor crítico é o indivíduo que melhor as aprecia. Portanto, não devemos recorrer a Pitágoras nem a Xenócrates⁵⁵ como árbitros destas questões, mas sim ao poeta Antágoras⁵⁶, a Filóxeno, filho de Erixis⁵⁷ e ao pintor Andócides⁵⁸, de quem dizem que, quando pintou um retrato de Cila, desenhou peixes à volta dela, de forma muito viva e apaixonada, graças ao seu apetite por esse manjar. Quanto a Antágoras, o rei Antígono, certa vez, foi dar com ele no acampamento, de avental posto, a cozinhar uma travessa de cogumelos, e disse-lhe: «Julgas que Homero cantou os feitos de Agamémnon enquanto cozinhou cogumelos?» Respondeu-lhe o fulano, não sem razão: «E tu julgas por acaso que Agamémnon realizou todas aquelas proezas enquanto estava de olho em quem cozia cogumelos no acampamento?»⁵⁹ E Polícrates concluiu: “Eis o que tenho para vos oferecer, a vós e aos pescadores, por Zeus, apoiado em testemunhos e no uso corrente da língua.”

D

⁵⁵ Conta a tradição que eram, ambos, vegetarianos. Xenócrates foi director da Academia platónica entre 339 e 314 a.C. O vegetarianismo será tema de discussão no Livro VIII, questão 8.

⁵⁶ Poeta épico do séc. III a.C., natural de Rodes, que escreveu, entre outras obras menores, uma *Tebaida*.

⁵⁷ Discípulo de Anaxágoras, ficou conhecido pela sua glotonice e imoralidade, sendo um alvo comum dos poetas cómicos atenienses (e.g. Aristófanes, *Nuvens* 686 e *Véspas* 81-84).

⁵⁸ Vide *supra*, nota 28.

⁵⁹ O episódio é também referido em *Moralia* 128 e por Ateneu 340F.

3. “Pela minha parte – disse Símaco –, abordarei o assunto de forma mais profunda e dialéctica. Se, de facto, é o ingrediente que torna agradável um alimento, o melhor ingrediente há-de ser o que consiga despertar mais o apetite por esse alimento. Ora, como esses filósofos chamados Elpísticos⁶⁰, que dizem que ter esperança (*elpizein*) é o bem que mais conforta nesta vida, mostrando como, quando a esperança falta e não nos conforta, a vida se torna insuportável, também o suporte do apetite para o alimento é aquele sem o qual toda a comida fica sem graça e intragável. Ora, entre os alimentos da terra não encontrarás nada disso; nos do mar, pelo contrário, tens desde logo o sal, sem o qual, por assim dizer, nada é comestível. Além disso, misturado no pão, melhora-lhe o sabor – por isso se explica que Poséidon partilhe o templo com Deméter⁶¹ –, e dos demais condimentos o sal é o mais agradável.

Os heróis, por exemplo, habituados a uma dieta simples e modesta, como atletas que eram, eliminaram da comida todo e qualquer prazer supérfluo e que não fosse necessário, ao ponto de prescindirem do peixe, mesmo que estivessem acampados junto do Helesponto, mas não suportaram comer carne sem sal, testemunhando desse modo que o sal é o único dos condimentos que

⁶⁰ À letra, “os Esperançados” (de *elpis*, ‘esperança’). Não havendo paralelo na literatura grega para esta designação, tudo indica que se trate de uma alcunha para os Epicuristas, que defendiam a esperança no bom da vida, parte fundamental da *eudaimonia*.

⁶¹ Parecem as duas divindades, neste ponto, ser referidas como deuses da vegetação e da fertilidade, sendo Deméter associada ao trigo e Poséidon ao sal que, juntos, são usados para fazer o pão (que será, então, o dito “templo”).

não pode dispensar-se⁶². Tal como as cores necessitam de luz, assim os sabores precisam do sal para estimular os sentidos. Caso contrário, afiguram-se pesados ao paladar e negativos. «São de facto os cadáveres mais de rejeitar do que o esterco», segundo Heraclito⁶³ – e toda a carne é cadáver ou parte de cadáver. Mas o poder do sal, como alma que se lhe acrescenta, proporciona-lhe graça e prazer. 669A

É também por isso que as pessoas servem, antes dos restantes alimentos, os mais picantes e salgados, e, em geral, os que têm mais sal, pois eles funcionam como filtros para o apetite pelos demais condimentos. Seduzido por eles o apetite, avança para os seguintes cheio de vigor e vontade. Pelo contrário, se se começa pelos últimos, em menos de nada o apetite se desvanece. De resto, o sal não é apenas condimento para a comida, mas também para a bebida. Com efeito, aquele dizer homérico, B

cebola, condimento para a bebida⁶⁴,

era mais adequado a marinheiros e remadores do que a reis. Mas os pratos moderadamente salgados, por obra do seu paladar agradável, fazem com que qualquer espécie de vinho caia a gosto e suave, e que qualquer tipo de água seja agradável e refrescante, sem uma réstia que seja da aversão e do mal-estar que a cebola produz.

⁶² Referência aos heróis homéricos, provavelmente ao passo de *Iliada* 9.360. Pormenor curioso, na época homérica o consumo de peixe era muito reduzido.

⁶³ Fr. 46 D-K, também citado por Estrabão 16.4.26.

⁶⁴ *Iliada* 9.630.

c Ao invés, dissolve os demais alimentos e oferece-os doces e mais calmos à digestão, posto que o sal contribui para o corpo com a graça de um condimento e o poder de um fármaco.

Mais ainda, os restantes condimentos do mar, além de serem os mais apetecíveis, são também os mais inofensivos: na verdade, são em tudo semelhantes à carne, não sendo apenas tão pesados, de forma que rapidamente são digeridos e assimilados. Valha-me o testemunho de Zenão, por Zeus, e de Cráton⁶⁵, aqui presentes, eles que, aos que estão doentes, recomendam acima de tudo peixe, por ser o mais ligeiro dos alimentos. E faz sentido que o mar os crie saudáveis e adequados aos nossos corpos, já que, também a nós, nos oferece uma brisa revitalizante pela leveza e pureza que o caracterizam.”

d 4. “Falas bem – disse Lâmprias –, mas acrescentemos algo mais da nossa filosofia à tua argumentação. O meu avô costumava dizer, a toda a hora, fazendo troça dos Judeus, que eles não comem precisamente da melhor carne; e nós para aqui a dizer que a melhor iguaria é a que vem do mar. Em defesa destes animais terrestres que temos na mesa, se não tivermos nenhuma outra razão justa, ao menos eles consomem precisamente a mesma comida que nós e servem-se do mesmo ar, da mesma bebida e dos mesmos banhos, tal como nós; por essa razão as pessoas têm pudor em degolá-los, por lançarem gritos agudos e porque, na sua maioria, os tinham feito

⁶⁵ Zenão é apenas conhecido por este ponto. Quanto a Cráton, pode ser o mesmo indivíduo referido em I.1.4 e I. 2.6.

participar nos seus costumes e na sua alimentação. Por outro lado, no que toca à raça dos animais marinhos, são-nos completamente estranhos e indiferentes, como se tivessem nascido e vivido num mundo à parte: não há olhar, grito ou serviço prestado que nos impeça de os capturar – não pode, com efeito, servir-se destas manhas um animal que não tenha vivido connosco –, nem há necessidade de lhes devotar qualquer afecto, senão que, para eles, é semelhante ao Hades o lugar onde vivemos: mal cá chegam, morrem de imediato.”

E

QUESTÃO 5

Se é por veneração ou por aversão ao porco que os Judeus se abstêm da sua carne.

Intervenientes: Polícrates, Símaco, Lâmprias e outros.

1. Depois de expostos estes argumentos, como alguns queriam apresentar o argumento contrário, interrompeu-os Calístrato ao perguntar: “E qual é a vossa opinião acerca do que se disse dos Judeus, que se abstêm de comer precisamente a melhor das carnes?” “É coisa extraordinária – disse Polícrates – e, pela minha parte, pergunto-me ainda se esses homens se abstêm de a comer por alguma estima pelos porcos ou por terem aversão a esse animal. É que as coisas que se dizem entre eles mais parecem mitos, a menos que tenham determinadas razões de peso que não revelam.”

F

2. “Pois eu – replicou Calístrato – estou em crer que o bicho goza de certa estima entre esses indivíduos. 670A E se é verdade que o porco é feio e sujo, ele não é no entanto de aspecto mais estranho ou temperamento mais desconcertante do que um escaravelho, uma toupeira, um crocodilo ou um gato, perante os quais todo e qualquer sacerdote egípcio se comporta como se fossem muito sagrados. Quanto ao porco, dizem que ele é honrado por uma razão prática: tendo sido o primeiro a revolver a terra com a ponta do focinho, segundo consta, deixou sinal de lavra e ensinou-lhes o trabalho do arado. Daí que se diga também que o nome desta ferramenta (*hynis*) lhe vem do porco (*hys*). Além disso, os Egípcios, que lavram os terrenos suaves e baixos da sua terra, não precisavam de todo de arados; em vez disso, sempre que o Nilo se retirava, depois de inundar os campos, apressavam-se a soltar os porcos que, pisando e cavando a toda a pressa, remexiam bem fundo o solo e enterravam as sementes⁶⁶. E não é de admirar se, por essa razão, há quem não coma carne de porco, quando outros animais, por razões triviais, outros mesmo por razões ridículas, são venerados entre os bárbaros.

B
C Com efeito, diz-se que a toupeira foi deificada pelos Egípcios por ser cega, posto que consideravam a escuridão mais antiga do que a luz; julgavam ainda que ela nascia de ratos comuns a cada cinco gerações, no início de cada mês, e que o seu fígado definhava quando a lua desaparecia do céu. Quanto ao leão, associam-no

⁶⁶ Heródoto 2.14 é disso testemunho, referindo-se no entanto à actuação dos rebanhos em geral e não aos porcos.

ao sol pois apenas ele, de entre os quadrúpedes munidos de garras, gera crias que conseguem ver à nascença, dorme por um curto espaço de tempo e os seus olhos brilham mesmo durante o sono. E fontes lançam jorros de água por bocas de leão, uma vez que o Nilo aporta água nova aos campos egípcios quando o sol se cruza com a constelação do Leão⁶⁷. Quanto ao íbis, dizem que, no momento em que sai do ovo, pesa duas dracmas⁶⁸, tanto quanto o coração de um recém-nascido, e que, com as patas estendidas, entre elas e o bico, apresenta a forma de um triângulo equilátero.

Mas como pode alguém censurar os Egípcios por tamanha insensatez, quando se diz por aí que também os Pitagóricos veneravam o galo branco e, dos seres marinhos, se abstinham em especial do salmonete e da anêmona; e que os magos de Zoroastro⁶⁹ honravam acima de tudo o ouriço terrestre mas detestavam os ratos de água, ao ponto de considerarem amado dos deuses e bem-aventurado o que matasse um maior número deles? Assim sendo, julgo que também os Judeus, se odiassem o porco, haveriam de matá-lo, como esses magos matam os ratos; a questão é que, para eles, comê-los é tão proibido como matá-los. E talvez faça sentido que, como veneram o burro por lhes ter descoberto

D

⁶⁷ Cf. Plutarco, *Isis e Osíris* 336A. A inundação do Nilo, na Antiguidade, começaria por volta de 23 de Agosto, durando cerca de um mês.

⁶⁸ Uma dracma corresponde a um peso entre três e quatro gramas. O  bis era a ave sagrada de Thot, deus egípcio da inteligência e do coração.

⁶⁹ Um mago lendário, de quem nada em concreto se sabe. Cf. Plutarco, *Isis e Osíris* 369E.

E uma fonte de água, venerem o porco por ter sido seu mestre na sementeira e na lavra da terra. A não ser assim, por Zeus, alguém dirá que estes indivíduos se abstêm da lebre por a detestarem, julgando-a um animal abominável e impuro⁷⁰.”

3. “Claro que não – interrompeu Lâmprias –, antes se abstêm da lebre dada a sua incrível parecença com o animal que eles tanto estimam. É que a lebre, com efeito, é tal e qual um burro, apenas inferior no tamanho e no peso: a sua pele, as suas orelhas e o brilho e a vitalidade dos seus olhos são extraordinariamente parecidos, de tal modo que não há nada tão pequeno que seja tão semelhante, quanto à forma, a algo grande. A menos, por Zeus, que procedendo como os Egípcios em face das suas qualidades, considerassem divinas a rapidez desse animal e a agilidade dos seus sentidos. De facto, o seu olhar é incansável, tanto que dorme de olhos abertos e, no que toca à perspicácia de ouvido, parece não ter rival; os Egípcios, por admirarem essa característica, representam o ouvido, nos seus caracteres sagrados, pintando orelhas de lebre.

F

Pelo contrário, esses indivíduos parecem detestar carne de porco, uma vez que os bárbaros, acima de tudo, abominam as manchas brancas e a lepra e acreditam que é pelo contágio que os seres humanos são consumidos por tais doenças; e nós bem vemos como todo e qualquer porco está coberto de uma espécie de lepra e erupções sarnentas na zona da barriga, males

⁷⁰ Cf. *Levítico* 11.6 e *Deuterónimo* 14.7.

que, quando se produz no corpo qualquer espécie de indisposição ou mal-estar, julgam ter-se pegado aos seus próprios corpos. Além disso, também a imundice da dieta do animal produz algum desconforto: pois nunca se viu outra criatura tão satisfeita no meio de um lamaçal, em lugares sujos e nauseabundos, sem contar com quantos nascem e se criam em tais lugares⁷¹. Diz-se que também os olhos dos porcos têm a visão tão turva e voltada para o solo que nunca captam nada de cima e nem sequer olham para o céu, a menos que, voltados de barriga para o ar, as meninas dos seus olhos tomem uma posição contrária à sua natureza. É também por isso que, sendo seu hábito roncar a maior parte do tempo, o animal se cala sempre que é colocado nessa posição e se mantém em silêncio, estupefacto que fica pela visão pouco familiar da vastidão do céu e, porque vencido por um medo poderosíssimo, reprime os seus roncoss. 671A

Mas se ainda é necessário acrescentar relatos míticos, diz-se que Adónis⁷² foi esquartejado por um javali, e há quem julgue que Adónis não é outro senão Díónisos; muitas cerimónias realizadas em honra de cada um deles, nas suas festividades, corroboram esta B

⁷¹ Referência aos vermes que nascem e vivem entre o esterco, numa lógica de geração espontânea.

⁷² Segundo a versão tradicional do mito, Adónis teria de facto sido morto por um javali (cf. Ovídio, *Metamorfoses* 710-716). Adónis é aqui tomado como referindo-se ao deus dos Judeus, através da forma helenizada do termo semítico *Adon* ('o Senhor'). As celebrações da morte prematura do herói a que vai referir-se Plutarco ocorreriam por todo o Mediterrâneo, delas havendo notícia, em Atenas, apenas a partir do séc. V a.C.

interpretação.⁷³ Outros, pelo contrário, acreditam que ele era amante de Diónisos; e Fânocles⁷⁴, homem versado no amor, com acerto assim o descreveu:

- C ou como, ao divino Adónis, Diónisos que percorre os montes o raptou, quando a sacrossanta Cípris visitava.

QUESTÃO 6

Quem é o deus dos Judeus.

Intervenientes: Símaco, Merágenes e outros.

1. Ora Símaco, admirado pelo que tinha acabado de ser dito, declarou: “Por acaso, Lâmprias, ao teu deus pátrio, ao *deus do evoé, o que agita as mulheres e floresce entre honras delirantes, a Diónisos*⁷⁵, queres inscrevê-lo e encerrá-lo entre os ritos secretos dos Hebreus? Ou, de facto, há alguma razão que demonstre que ele se identifica com aqueloutro?”⁷⁶

Mas Merágenes, tomando a palavra, replicou: “Deixa-o lá! Eu mesmo, que sou Ateniense, respondo à

⁷³ Apenas três aspectos parecem aproximar as Adónias das Dionísias: um cortejo de carácter orgiástico, a predominância das mulheres entre os celebrantes e a realização final de um *ieros gamos* (casamento sagrado).

⁷⁴ Poeta elegíaco, provavelmente do séc. III a.C., que escreveu um poema intitulado *Amores* ou *Beldades*, de que Estobeu 4.64.47 conservou vinte e oito linhas. Os versos citados integrariam esse poema.

⁷⁵ Fragmento lírico de autor desconhecido.

⁷⁶ Trata-se de provar a identificação entre o Adónis dos Judeus (a partir do semítico *Adon*) com o Adónis-Diónisos dos Gregos. Já Ovídio, *Arte de Amar* 1.75 sqq. referia esse sincretismo.

tua pergunta e digo-te que o deus não é outro; a maior parte dos testemunhos a favor disso apenas se contam e ensinam aos que, entre nós, estão iniciados na celebração trienal dos Grandes Mistérios⁷⁷. No entanto, o que não é proibido contar a gente amiga em conversa, ainda para mais no momento do vinho, quando estamos embebidos nos dons do deus, se estes aqui mo perguntarem, estou disposto a contá-lo.”

D

2. Uma vez que todos lhe pediam e o incentivavam a contar, disse: “Em primeiro lugar, a altura e o carácter da festa maior e mais solene entre eles correspondem a Diónisos; na verdade, quando celebram o assim designado “Jejum” (*nesteia*), em plena vindima, armam mesas com toda a espécie de frutas, debaixo de tendas e cabanas entrelaçadas essencialmente de videiras e heras, e chamam ‘Tenda’ ao primeiro dia de festa⁷⁸. Poucos dias depois, celebram outra festa, que já não é denominada de forma enigmática, antes directamente ‘Festa de Baco’⁷⁹. Também entre eles a festa consiste

E

⁷⁷ No original, as *Panteleia*. Plutarco e a esposa seriam iniciados nestes Mistérios em honra de Diónisos (cf. *Consolação à Esposa* 611D), pelo que da posição do autor Mégares se assume, neste ponto, como interlocutor. Está em causa o secretismo a que estes rituais obrigavam os seus participantes.

⁷⁸ Esta festa, que os Judeus designavam de *Sukkoth*, era celebrada durante sete dias, entre os finais de Setembro e os inícios de Outubro. Cf. *Levítico* 23.34-43 e *Números* 29.12-39.

⁷⁹ Referência provável à celebração conclusiva do *Sukkoth*, o *Shemeni Azeret*, celebrado ao oitavo dia dos festejos, que teria um carácter bastante animado, compreendendo uma procissão de folhas de palmeira e dança em redor de um altar, razões pelas quais, ao que parece, é aqui associada ao culto de Baco.

num cortejo de ramos e de tirsos, no decurso do qual entram no templo levando tirsos. No entanto, uma vez lá dentro, o que aí fazem não sabemos, mas é provável que se realize uma bacanal: é que também eles, para invocar o deus, se servem de pequenas trompetas, como os Argivos nas Dionísias⁸⁰, e outros avançam a tocar cítara, a quem eles chamam, na sua língua, Levitas, seja devido a *Lysios* ('Libertador') ou, mais provavelmente, a *Evios* ('deus do choro')⁸¹.

Estou em crer que também a festa dos Sábados não é de todo impossível de relacionar com Diónisos. Ainda hoje muitos são os que chamam *Sabos* aos Balcantes⁸², e esse é o grito que proferem quando honram o deus com orgias, o que, sem dúvida, se pode confirmar em Demóstenes⁸³ e Menandro⁸⁴, e não seria incorrecto afirmar que o seu nome é devido a uma certa agitação (*sobesis*) que de súbito domina os que celebram Baco.

672A

E são eles próprios a confirmar esta teoria, quando guardam o Sábado, em especial convidando os amigos para beber e alegrar-se com o vinho; e quando o proíbe uma razão maior, têm por hábito, mesmo assim,

⁸⁰ Alusão às celebrações de Diónisos *bougenes* em Lerna, na Argólida, também descritas por Plutarco (*Isis e Osíris* 364F).

⁸¹ Não é correcta esta dupla etimologia. Quanto aos Levitas, sabemos que eram os responsáveis por servir o templo, guardando os recipientes sagrados e preparando os animais para os sacrifícios.

⁸² Diónisos tinha sido identificado com Sabos, divindade Trácia e Frígia, vulgarmente designado Sabásio. Cf. Aristófanes, *Vespas* 9-10, *Lisístrata* 388, *Aves* 874). A etimologia proposta não é, portanto, plausível.

⁸³ Demóstenes 18. 260, onde ataca Ésquines por ter celebrado o culto orgiástico de Sabásio na companhia da mãe, uma iniciada.

⁸⁴ Fr. 377 K-A de uma peça não identificada.

tomar um gole de vinho puro. Poderia alguém afirmar que isto é apenas verosímil. No entanto, desde logo, refuta com força os adversários deste argumento o próprio Sumo-Sacerdote deles, que lidera as festas envergando a mitra e envolto numa pele de carneiro bordada a ouro, com uma túnica longa e coturnos, sendo que da sua veste pendem inúmeros sinetes que vão tilintando à medida que caminha, tal como entre nós; depois, também se servem de barulhos nas festas nocturnas, e ‘tocadoras de bronze’ é o nome que dão às sacerdotisas do deus. Há ainda o tirso que se vê talhado nas fachadas do templo e os tambores; tudo isso, com nenhum outro deus é mais conforme do que com Diónisos.

B

No entanto, não usam mel nos seus ritos sagrados por acreditarem que estraga o vinho com que é misturado; era a libação e o ‘vinho’ deles antes da descoberta da videira. Ainda nos dias que correm, os que de entre os bárbaros não produzem vinho bebem hidromel, baixando a sua doçura pela mistura de raízes amargas com um travo semelhante ao vinho. Os Gregos, por seu lado, oferecem também estas libações sem vinho e de mel, confiantes de que o mel tem, em face do vinho, a natureza mais oposta. Um sinal nada pequeno de que os Judeus acreditam nisto é dizerem que, dos muitos castigos que entre eles existem, um é particularmente vergonhoso, o que proíbe o vinho aos que são considerados culpados, por quanto tempo determinar o juiz que estabeleça a pena. Deste modo os condena...⁸⁵

C

⁸⁵ Aqui termina, no manuscrito, o texto do Livro IV. Os títulos das restantes quatro questões, que traduzimos em seguida, foram preservados no índice inicial.

QUESTÃO 7

Por que razão se contam os dias, que têm o mesmo nome que os planetas, não segundo a ordem destes, mas sim ao contrário. Onde se trata também da posição do sol.

QUESTÃO 8

Por que razão se usam anéis especialmente no dedo anelar⁸⁶.

QUESTÃO 9

Se se deve ter nos anéis imagens de deuses ou de homens sábios.

QUESTÃO 10

Por que razão as mulheres não comem os olhos das leitugas⁸⁷.

⁸⁶ Macróbio, *Saturnalia* 7.13.6-16 terá imitado esta questão. Discutir-se-iam dois argumentos essenciais: um, alegaria a existência de um nervo que ligava o dedo anelar directamente ao coração; o outro, que nesse dedo, porque central, a jóia estava mais preservada de sofrer danos.

⁸⁷ A leituga era considerada um anti-afrodisíaco que, nas mulheres, favorecia o aumento do leite e provocava as menstruações. Além disso, estava também relacionada com o mito de Adónis, pois que leitugas havia no leito verdejante em que Afrodite deitou o herói, acabado de morrer.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS :

Fr. Fuhrmann (1972-1996), *Plutarque, Oeuvres Morales IX – Propos de Table* (3 vols.). Paris.

C. Hubert (1971), *Plutharchus, Moralia IV*. Leipzig.

Fr. Martín García (1987), *Plutarco. Obras Morales e de Costumbres (Moralia) IV– Charlas de Sobremesa* (Introducción, trad. y notas). Madrid.

ESTUDOS:

Z. Abramowiczówna (1962), “Plutarchs Tischgespräche”, *Altertum* 8, 80-88.

R. H. Barrow (1967), *Plutarch and his Times*. London

H. Bolkestein (1946), *Adversaria critica et exegetica ad Plutarchi Quaestionum convivalium librum primum et secundum*. Amsterdam.

F. E. Brenk (1996), “Lo scrittore silenzioso: Giudaismo e Cristianismo in Plutarco”, in *Plutarco e la religione. Atti del VI Convegno plutarceo*. Naples, 239-262.

J. Ribeiro Ferreira (2007), “Las palabras e la mirada de Eros en la mesa. El tema del amor en las *Quaestiones convivales* de Plutarco” in J. M. Nieto Ibáñez e Raúl López (edd.), *El Amor en Plutarco*. Universidad de León, León, 169-177.

_____ (2008^a), “*Demotikos e Demokratikos na Paideia de Plutarco*”, in C. Soares et alii, *Ética e Paideia*. Coimbra, 69-82.

_____ (2008^b), “O doce afago da *Philanthropia*”, in C. Soares et alii, *Ética e Paideia*. Coimbra, 85-95.

_____ (2008^c), “Os valores de Plutarco e sua actualidade”, in C. Soares et alii, *Ética e Paideia*. Coimbra, 97-118.

M. R. Flacelière (1968), “État présent des études sur Plutarque”, in *Actes du VIIIe Congrès de l'Association Guillaume Budé*. Paris, 483-506.

F. Frazier (1996), *Histoire et morale dans les Vies Parallèles de Plutarque*. Paris, 173-273.

María D. Gallardo (1972), “Estado actual de los estudios sobre los *Simposios* de Platón, Jenofonte y Plutarco”, *Cuadernos de Filología Clásica* 3, 127-191.

C. Hubert (1911), “Zur Entstehung der *Tischgespräche* Plutarchs”, *Khárites für Leo*. Berlin, 170-187.

_____ (1938), “Zur indirekten Überlieferung der *Tischgespräche* Plutarchs”, *Hermes* 73, 307-328.

J. Martin (1931), *Symposion. Die Geschichte einer literarische Form* (Stud. zur Gesch. des Alt. XVII). Paderborn.

Fr. Martín García (1983), F. “Las Cuestiones Convivales de Plutarco: estructura, fuentes y finalidad de la obra”, *RCUCR* 2, 109-134.

- _____ (1985), “Analysis Estructural de los personajes en las “Cuestiones Convivales” de Plutarco”, *CFRF* 4, 129-220.
- H. Martin Jr. (1961), “The concept of ‘philanthropia’ in Plutarch’s *Lives*”, *AJPh* 82, 164-175.
- E. L. Minar et alii (1961-1969), *Plutarchus – The Table Talks* (vols. VII e IX). Harvard.
- C. Panagopoulos (1977), “Vocabulaire et mentalité dans les *Moralia* de Plutarque”, *DHA* 3, 197-235.
- A. E. Pinheiro (2004), *Os Memoráveis de Xenofonte: documento e obra literária*. Lisboa.
- J. de Romilly (1979), *La douceur dans la pensée grecque*. Paris.
- N. Simões Rodrigues (2005), “Plutarco e o Judaísmo”, in M. Jufresa (et alii, eds.), *Plutarc a la seva època: paidèia i societat. Actas dell VII Simposio Español sobre Plutarco*. Barcelona, 431-438.
- G. Soury (1949), “Les *Questions de Table* de Plutarque”, *REG* 62, 322-326.
- Sven-Tage Teodorsson (1989-1996), *A Commentary on Plutarch’s Table Talks. Acta Universitatis Gothoburgensis* (3 vols.) Göteborg.
- P. Volpe Cacciatore (1996), “Su una prescrizione giudaica in Plut. *Quaest. Conv.* 4.5”, in *Plutarco e la religione. Atti del VI Convegno plutarceo*. Naples, 263-267.
- U. von Willamowitz-Moellendorf (1889), *Commentarium Grammaticum III*. Göttingen.

K. Ziegler (1949), *Plutarchos von Chaironeia*. Stuttgart.

_____ (1951), "Plutarchos", in Pauly-Wissowa, *RE* XXI.
1, cols. 636 sqq.

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLECÇÃO AUTORES*
GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte: Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco: Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008), coordenação de José Ribeiro Ferreira.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



C
E C H

CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

• U



C •

I
U

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS